

KEISA AIDA



LENDAS & TRADIÇÕES
do
JAPÃO

PONGETTI

IRMAOS PONGETTI Imprimtram

Handwritten: ~~Handwritten text~~
2-41
S. S. Park

LENDAS E TRADIÇÕES DO JAPÃO

Handwritten scribbles and numbers, possibly a library stamp or inventory mark.

*JOAQUIM NEIDE
29-12-87*

KEISA AIDA

Do P.E.N. Clube do Brasil

LENDAS E TRADIÇÕES DO
J A P Ã O

Prefácio de
AFRANIO PEIXOTO
Da Academia Brasileira
de Letras

1940
Irmãos Pongetti
EDITORES

PREFÁCIO

Um dos encantos do começo deste século foi a "moda do Japão". Era um canto novo do mundo antigo, não devassado ainda pela curiosidade ocidental, que nos oferecia esta maravilha: velha civilização, polida e repolida por séculos, milênios, e entretanto, para nós, de uma novidade inédita, como, sempre, a da folhagem tenra e das cores claras... Primavera sobre Inverno.

Tudo diverso, mas tudo de uma intensa poesia comunicativa. Quem não foi "japonês", há quarenta anos, não era sensível. Os livros de Pierre Loti, os de Lafcadio Hearn, os de Wencesláu de Moraes... deram razão ao nosso clássico Fernão Mendes Pinto, nas suas "Peregrinações", de há quatro séculos, tão surpreendentes de novidade imprevista, que o apodo se criou, desmentindo o peregrino com o próprio nome:

— Fernão, men(t)es? — (M)into.

— E era, entretanto, pura verdade. Ape-

nas, incrível. Força foi acreditar, séculos depois, pela pena dos escritores, voz dos viajantes, telas, fotografias...

Depois, foi a "revelação". A revelação que esse idílico país, de cerejeiras em flor e de musumés de olhinhos amendoados e passinhos miudos, era uma nação como as outras, capaz de bater uma das outras... A Europa é como certas mulheres: só acreditam no homem que lhes bate... Crê, agora, no Japão e nos Estados Unidos, pois que Rússia e Espanha depõem... Esse Japão político não me interessa, entretanto. É muito ocidental...

Fico com o outro. E esse outro, de intensa poesia, da natureza das coisas e da gente, Japão de kakis e haikais, de biombos e lanternas, de geishas e samurais, de aveleiras e crisantemos, de dragões e serpentes, de virtudes ancestrais e heroísmos inverosímeis... é esse o Japão que nos dá, neste belo livro, o Sr. Keisa Aida, que nos ama, vive conosco, e nos conta lindas histórias de seu Povo e sua Terra, a no-los fazer amar, mais ainda, na sua intensa poesia.

E conta em nossa língua, diretamente, não traduzido, num estilo ingênuo, novo, original, como se na escrita lhe passasse aquela pontinha de sotaque, que faz delícia ouvir a própria língua em boca estanjeira simpática... O estilo correto do Sr. Keisa Aida nos dá, ao

vernáculo, uma deliciosa tinta japonesa, de belo efeito. Como seria uma pitanga, de Nagasaki, um kaki, de Barbacena... A diferença que marca apenas a originalidade. Não é como os outros. E é muito interessante.

Quisera poder contar, em japonês, contos assim, haikais de meu jardim e que meu pincel sobre o papel de arroz traisse apenas o meu ocidente, apenas para dar um sainete de novidade a meu escrito, como um Fujita amendoando, instintivamente, os olhos de um modelo carioca...

Rio, Maio de 1940.

AFRANIO PEIXOTO
da Academia Brasileira de Letras.

29-12-87 JORGE W. NEID

A FESTA DO "CARREGA-PEDRA"

Numa das vilas ao pé do monte Ofushi, havia um grande fazendeiro de nome Jinyemon, que tinha dezenas de colonos. Jinyemon andava pelos cincoenta anos e sua mulher pelos quarenta. Eram ambos bem conservados. Particularmente a esposa de Jinyemon parecia ter apenas trinta anos, e era bela. O casal tinha um filho que se chamava Jinsuke. Aparentemente a vida do casal parecia feliz, mas o mundo se engana quanto ao dinheiro e à felicidade dos outros. E muita vez, quando se diz ser alguém rico, esse alguém não possui nem um real. Isto acontece também em relação à felicidade.

Uma preocupação angustiosa tóldava a felicidade do casal: era o seu filho Jinsuke. Não porque se entregasse ele a uma vida dissoluta como tantos outros.

Jinsuke não gostava de trabalhos agrícolas. Com vinte anos de idade ainda não pegava na enxada, e desde que se levantava en-

tregava-se à leitura, e, quando enfasiado, saía para um passeio qualquer.

Os transeuntes saudavam-no mui cordial e reverenciosamente, mas isso era motivo de aborrecimentos e ele se esquivava de todos. Várias e lindas “musumés” dele se apaixonaram, pois, na verdade era um belo rapaz. Isso, porém, lhe era indiferente.

Ninguém sabia o que ele pensava, nem os seus progenitores conseguiram decifrar o grande enigma que era a sua vida.

O casal frequentemente querelava por causa de somenos importância, por amor ao seu único filho; mas ele, alheio às preocupações paternas, entregava-se à leitura e à meditação.

“Pense, por instantes em seus pais, meu filho...” — dizia-lhe o pai, expressando a sua queixa; mas Jinsuke nunca respondia a essas advertências.

Nos viveiros de mudas de arroz, estas, crescidas, ondulavam à brisa dos primeiros dias do estio. O sol era quente. Jinsuke não quis responder aos cumprimentos dos agricultores. Estava aborrecido com tudo e foi diretamente até as faldas do monte Ofushi. As cigarras cantavam. Sentou-se à sombra duma árvore; e de repente veio-lhe a idéia de subir ao cume do monte. Sem hesitar, foi galgando sozinho a íngreme encosta. O cimo do monte

dominava um cenário majestoso, e ele olhava encantado os campos e as montanhas, como se fosse um pássaro que tivesse vivido até ali prisioneiro numa gaiola. Sentiu sede e, como conhecesse bem o lugar, foi a uma fonte e quando dela se acerceou, deteve-se estupefato. Alguns passos à sua frente estava uma jovem maravilhosa, recostada no tronco de um enorme carvalho.

A linda mulher satisfez instantaneamente o que Jinsuke desejava há muito tempo, e ele, pela primeira vez, encontrou o seu ideal: a mulher desejada. Trêmulo, o rapaz dela se aproximou, e esta como se estivesse à sua espera, sorriu-lhe sedutora.

Jinsuke não podia mais ocultar o que lhe ia na alma. Ela porém, mostrava-se calma, e quando Jinsuke quis tocar-lhe o corpo, empurrou-o com violência.

“Tenho um desejo ardente; se tu o satisfizesse...” disse a mulher fitando Jinsuke.

“Vive lá na montanha Hongûzan, uma mulher que disputa comigo por qualquer cousa. Ainda há poucos dias, ela discutiu comigo sobre a altura das montanhas Hongûzan e Ofushi, onde estou. Pensava fosse a montanha Ofushi mais alta que a Hongûzan, mas feito o cálculo, verificou-se que a montanha Hongûzan é um metro mais alta do que a minha. Por isso estou triste. Sinto-me vencida. Assim

sendo, desejava que tu vingasses a minha derrota. Faz esta montanha mais alta do que aquela, isto é, eleva-a mais um metro. Se tu satisfizeres este meu pedido, então tu sabes..."

Jinsuke olhou a montanha Hongfizan silenciosamente. Na verdade as duas montanhas eram quasi da mesma altura. Ao seu pé, a linda mulher chorava.

A brusca mudança de Jinsuke causou apreensão a seu progenitores, e criou para os habitantes da vila um enigma indecifrável. Ao amanhecer, não se via mais Jinsuke no seu quarto. Aos primeiros cantos do galo, levantava-se e ia de sandália para o leito seco do rio, com um saco às costas, a fim de enchê-lo com pedras e depois carregá-lo até ao cume da montanha Ofushi, subindo caminhos íngremes.

Muitas pedras em sacos levava ele ao cume, cambaleando de vez em quando no caminho e às vezes perdendo as pedras, em desequilíbrio. E cada novo passo se tornava mais penoso para ele. Mas, quando pensava em desistir do trabalho, aparecia sempre a linda mulher que o animava. Partindo do pé da montanha pela manhã cedo, chegava ao cume ao anoitecer. E quando feito todo o percurso caía exausto, ele via a linda mulher ao seu lado, cada vez mais sedutora.

"Tens agora alguma idéia?" — perguntou ela, uma tarde, a Jinsuke.

Este respondeu dizendo que tencionava elevar a montanha com as pedras que carregava, e indicou a sua vila que ia desaparecendo dentro do véu negro da noite que chegava.

"Ótima idéia!" — declarou radiante a mulher. — "Mas o trabalho deve ser bem penoso. No entanto tens que elevar todo este sítio, porque há possibilidade de cairem as pedras e nesse caso a montanha se tornaria novamente baixa. Não basta elevá-la num ponto só, percebeste?"

"É claro! Espalharei as pedras até elevar o monte um metro mais alto..." — respondeu o rapaz antegozando a posse da linda mulher.

"Obrigada. — Que ombro macio tens?" — dizia a moça acariciando o rapaz com sua mão fina e delicada. Àquele contáto Jinsuke parecia esquecer toda a dôr do trabalho, e tremia de felicidade. Mas, a mulher só se entregaria a ele se o seu desejo fosse satisfeito...

E Jinsuke, contente, animado pelas palavras da sua amada subia diariamente a montanha, carregando pedras. Os seus pais não sabiam de nada.

O seu trabalho ele o envolvia em grande mistério. Entretanto, tudo veio um dia ao conhecimento dos habitantes da vila e estes começaram a resmungar. — "Jinsuke, o filho do fazendeiro, diariamente sóbe à montanha, carregando pedras. Que homem esquisito!"

O boato correu célere. Um dia, certo homem subindo a montanha mais cedo do que ele, esperou-o no cume, escondido na mata. Jinsuke chegando ao cume descarregou as pedras, e, como se sentisse feliz, pôs-se a monologar, descendo a montanha.

O rapaz que a tudo observára logo contou a história do filho do fazendeiro. E toda a vila começou a afirmar que o filho do fazendeiro ficára louco.

Os pais agora já não podiam mais desmentir o boato e só um milagre de Buda poderia curá-lo. Assim, em casa do fazendeiro começaram a se fazer encantações e preces, enquanto Jinsuke continuava a subir a montanha, alheio às preocupações dos que lhe estimavam.

Os pais não suportando tanta tristeza morreram daí a três anos. Jinsuke, porém, não apareceu nos funerais e se tornou louco aos olhos dos habitantes da vila. Ele entretanto vivia feliz e cheio de esperanças. Cada pedra que carregava, pensava ele, era mais um passo na conquista daquela linda mulher. E Jinsuke sofria, mas não pensava senão em possuir aquele amor.

Os seus tios e vizinhos morreram uns após outros, mas ele continuava a carregar as pedras para o cume. A linda mulher sorria-lhe

sempre. O coração do rapaz batia, ao seu lado, cada vez mais impaciente.

As pedras já alcançavam a altura de quasi um metro. Ele subiu a montanha cheio de esperança, e, ao encontrar a linda mulher, apertou-lhe a mão, indagando:

“Já está bem, não é verdade?”

“Não te apresses tanto, meu amado; vai primeiro lavar as mãos na fonte” — retorquiu ela sorrindo o seu mais lindo sorriso.

Jinsuke louco de alegria correu à fonte, certo do seu grande dia.

Quando baixou a cabeça sobre as águas, porém, soltou um grito de horror; ele se via velho, na face do lago com a cara cheia de rugas e a cabeça embranquecida. Desesperado, passou a mão pela face e constatou pela primeira vez a sua irremediável decadência. Tremeu dos pés à cabeça dessa mudança e voltando-se viu que a linda mulher dos seus sonhos desaparecera. Os seus olhos só viam agora um templozinho em ruína, sobre as pedras que ele carregara durante anos.

“Enganado!” — gritou Jinsuke.

Na verdade, para ganhar o amor da linda mulher, Jinsuke se esquecera dos anos. Um ódio sobrehumano nasceu dentro de si. Pensou em vingar-se, mas não possuía mais a destreza da mocidade.

Lembrou-se então de fazer rolar as pedras que ele elevara, uma por uma, para o vale abaixo. E começou a lançá-las entre blasfêmias, mas ao escurecer desistiu e desceu.

Quando atingiu ao pé da montanha, a multidão se achava em tumulto, e um deles que avistára Jinsuke gritou: — “Desceu o velho maluco!” Outro gritou que o matassem e que uma das pedras que Jinsuke fizera cair da montanha havia atingido a uma velha, esmagando-a.

Jinsuke foi morto pela população em fúria. Mas, ninguém sabia o motivo pelo qual Jinsuke havia levado tantas pedras ao cume da montanha.

Decorrido um ano, no dia do aniversário da sua morte soprou uma tempestade terrível, cuja violência nunca fôra vista, arrastando as pedras da montanha Ofushi. Muitas caíram na vila, matando um camponio.

Um ano passou-se em paz. Mas no segundo aniversário da sua morte, uma mulher foi vítima da queda de uma pedra. Repetiram-se as mesmas calamidades, sempre no aniversário da morte de Jinsuke. Ninguém mais atribuiu o fato a um simples desastre.

“Deve ser a maldição daquele velho louco! — disseram, atribuindo o desastre à obra de Jinsuke”.

Alguns protestaram contra tal interpreta-

ção. Mas o fato é que anualmente uma vida era vítima das pedras da montanha.

Enfim, os habitantes em reunião especial, decidiram celebrar uma missa em sufrágio da alma de Jinsuke. Era preciso entretanto, verificar e saber o que Jinsuke fazia na montanha. Algumas turmas subiram ao cume para averiguar o fato acerca do qual, tanto se falava na vila.

Uma turma encontrou afinal umas palavras escritas por ele nas árvores da montanha, em redor da fonte, e trouxe a notícia sensacional, que desvendava o mistério de tantos anos. Nas árvores estavam escritas, mais ou menos, o seguinte:

“Carregar um saco de pedra é um passo na escadaria da minha felicidade”.

“Se encontro dificuldade no carregar das pedras e desisto do trabalho, cairei num abismo de desespero”.

“Ela me disse: se tu elevares um metro esta montanha, entregarei-me de corpo e alma”.

Recolhidas estas frases, os sábios da vila se reuniram a fim de solucionarem o caso. Nessa reunião ficou decidido que para o sufrágio de Jinsuke, elevar-se-ia o cume da

montanha como ele fizera, a fim de se evitar o desastre anual.

Daí para cá, no fim de junho de cada ano, os habitantes carregam pedra para a montanha. Dizem que alguns rapazes encontraram a linda mulher na montanha, e os que a viram levaram pedras a fim de ganharem o seu coração; outros, que não a viram, carregaram as pedras apenas para escapar à maldição.

Os que sabiam a história e os que desconheciam, começaram em todo caso a levarem as pedras em festa, e o desastre nunca mais se repetiu.

A festa do "Carrega-Pedra" tem, pois, uma origem triste e algo romântica.

A montanha Ofushi pode ser um pouco mais alta do que a Hongúzán, mas à primeira vista as duas parecem da mesma altura.

Às dez horas da noite, no estío, os jovens ainda hoje se reúnem no pátio dum templo onde adoram o deus protetor da vila, fazendo roda em torno de uma enorme pedra. E cantam cantigas amorosas, como se fosse o Bon-Odori. Depois, a um sinal, todos os jovens, moços e raparigas, puxam uma enorme pedra em harmonia com a melodia de uma canção amorosa.

Essa partida é mais penosa do que qualquer trabalho agrícola, mas todos fazem-na

contentes. No dia seguinte, eles estão cansados do esforço e passam o dia inteiro na cama.

Ha vilas onde carregam pequenas pedras em abundância. Em outras vilas, os habitantes em massa levam as pedras, sejam grandes ou pequenas para o cume da montanha Ofushi, durante a noite.

É um fato deveras curioso. Essa festa se efetua justamente quando os agricultores estão mais ocupados com a safra. Assim sendo, à primeira vista, para os que não conhecem a lenda, parece esquisito que os agricultores se entreguem à festa, nessa época, interrompendo os seus trabalhos.

A COLHEDORA DE KAKIS

Quem sai da cidade de Tottori e segue a praia arenosa, que se estende por dezenas de quilômetros, encontrará uma lagôa e, no centro dela, uma pequenina ilhóta coberta de árvores verdejantes. Essa lagôa que parece ter pertencido a uma gentil criatura que, chamando-se Tane, deu nome à lagôa-Tanega-ike.

Há muitos séculos, nela viveu um casal rico e seu único filho, servidos por dezenas de criados. O dono da casa era um grande comerciante.

Um dia, uma moça desconhecida, bateu à porta da residência do casal. Estava provavelmente vestida, mas a sua beleza era extraordinária, e todos os que estavam em casa ficaram admirados.

— “Estou só neste mundo: não tenho ninguém com quem contar na miséria. Saberei ser grata, se me pudesse empregar como criada — ” Dizia a moça, em tom triste. E in-

sistiu tanto que o casal a tomasse como uma das criadas, que foi atendida.

Chamava-se Otane. Trabalhava muito bem; era caprichosa e aceitava qualquer trabalho, fazendo-o plenamente a contento do velho casal.

Em compensação, o casal tratava-a com especial atenção. Ainda que se entregasse aos afazeres mais humildes e brutos, ela se tornava cada vez mais bonita. Curioso era também que a casa comercial desenvolvia-se e prosperava muito, depois que aquela moça, cuja procedência era completamente desconhecida, começou a trabalhar ali.

Otane se tornava simpática de todos e o número de seus admiradores aumentava. Alguns até lhe declaravam amor... Mas Otane não aceitava galanteios. A única pessoa com quem trocava olhares amorosos era o filho do comerciante. Quando ele estava alegre, ela também se sentia feliz; ao contrário, quando andava o rapaz triste, também ela não podia esconder a sua mágoa. E o jovem não deixou de compreender a sentimentalidade da moça que por ele se apaixonara.

O inverno visitara a vila, cobrindo-a de neve, e o ruído da maré se tornava cada vez maior.

Estavam todos em casa entregues à conversação, quando o jovem manifestou o desejo

de comer kaki, gesticulando, como se estivesse carregando bastante kakis num cesto sobre a cabeça. Mas, quando seu pai disse que, embora a fruta fosse conhecida do sítio, não se encontraria kaki maduro em pleno inverno... E todos riram sem cerimônia.

Nesse momento Otane, que estava sentada num canto da sala, declarou que arranjaría kaki, a pesar da época. Levantou-se e saiu para o campo coberto de neve. Todos ficaram estupefactos diante daquela declaração algo misteriosa, pois ninguém arranjaría kakis maduros em pleno inverno.

A neve caía cada vez mais, e as horas passavam depressa, enquanto Otane não voltava à casa. Todos se mostravam ansiosos.

— “Desejei uma cousa impossível... Sou responsável e irei procurá-la”, — disse o rapaz.

As criadas também se levantaram, seguindo o exemplo do jovem.

Nisto, porém, Otane voltava toda coberta de neve, e tinha nas mãos lindos cachos de kakis maduros. Fora um milagre encontrar kakis tão lindos em pleno inverno! Não disse, no entanto, onde os encontrara; ficou calada e, silenciosamente, entregou os kakis àquele que os desejara e cujos olhos se fixavam nela demoradamente.

Os habitantes da vila e da vizinhança começaram a falar daquele afeto, e pareciam

contentes os pais a ouvirem a história de amor do seu querido filho com a criada.

Diziam que Otane sabia onde havia kakis maravilhosos no inverno. Por ser Otane uma linda musumé, aproximavam-se dela alguns galanteadores, enquanto outros por mera curiosidade lhe pediam kakis.

Otane atendia com toda amabilidade os pedidos que lhe eram feitos. Quando não tinha serviço, ela saía de casa e voltava sempre com lindos kakis; e entregava-os a quem os havia pedido, mas, como sempre, nunca dizia o local onde os colhia.

De onde trazia ela os kakis? Era enigma para os habitantes da vila. Até os mais íntimos amigos não conseguiram saber a verdade.

A neve se dissolvera, deixando apenas o seu vestígio no cume da serra longínqua, e viera a primavera.

Um dia, o rapaz, que dela recebera cachos de lindos kakis, perguntou-lhe, insistentemente, onde os encontrara: — “Até quando teremos kakis?”

E a moça respondeu, sorrindo: — “Para sempre; enquanto eu fôr amada, haverá kakis...”

O rapaz pensou, enfim, numa aventura: seguiu-a e descobriu o sítio onde existiam os lindos kakis.

Para disfarçar, pediu a Otane, indiferen-

temente, que lhe conseguisse kaki, e Otane, aceitando o pedido, saiu como sempre, apressadamente de casa. O rapaz então a seguiu, às escondidas.

Era noite de luar. O vento sudeste soprava contra eles. Ela corria muito, e ele perdia-se, às vezes; quando saiu da vila, ele a viu correr na direção da praia que, a pesar da noite, se distinguia bem branca. A moça corria depressa, e o rapaz também, para não perdê-la de vista.

Na praia ouvia-se o ruído das ondas. A distância entre os dois se tornara cada vez maior, e a moça desaparecera além, nos bancos da areia.

O rapaz subiu uma colina, inconcientemente, e observou em baixo. Então viu a moça em pé, na margem de uma lagôa que brilhava como se fosse uma grande bandeja de prata, com uma ilhota no seu seio. O rapaz se aproximara devagar, para observar melhor. De repente, tremeu extasiado, porque Otane despira-se completamente, e ele viu o seu lindíssimo corpo, como se fôra o de uma ninfa.

Viu-a então se dirigir para a lagôa, pisando as branquíssimas areias; lançou-se dentro da lagoa, como se quebrasse um espelho, e começou a nadar em direção da ilhota. Era uma excelente nadadora, e parecia não ser um

ente deste mundo. As águas brilhavam mais com o serpentear do seu corpo.

As pernas do rapaz tremeram. Na alta noite — uma lagôa misteriosa, — uma mulher núa, — sentia o rapaz calafrios. Chegou, enfim, Otane à ilhóta e, pouco depois, subia numa grande árvore, com espantosa facilidade. O rapaz observou tudo, sem desviar os seus olhos, e viu claramente que, de uma gigantesca árvore, pendiam milhares de lindos kakis, a pesar da época. A moça, completamente núa, sorridente, apanhava os kakis. Desvendando o segredo, o rapaz gritou assustado, fugindo a toda prêssa, sem voltar o rosto para atrás.

Dessa noite em diante, Otane nunca mais regressou à casa do patrão; desaparecêra para sempre. O rapaz ficou muito triste, porque destruíra toda a sua felicidade, ao desvendar o segredo da moça. Arrependera-se do seu procedimento. Ficou doente; guardando o leito, chamava sempre por Otane, sua querida...

Os pais, que ouviram o filho acerca do grande segredo, também ficaram tristes. Todos temiam, mas tinham saudades de Otane.

Não podendo resistir às saudades, consultaram uma bruxa velha que lhes disse: — “A paixão de seu filho é obra do demônio. Deve

estar muito irritado, portanto o remedio é rezar por ele”.

O casal, acompanhado de seu filho e da bruxa, foram até a lagôa. A bruxa rezou, após colocar diversas oferendas sobre folhas de árvores, à flôr da água. De repente, perto da ilhota viu-se um redemoínho, a pesar do dia calmo, sem vento, e as oferendas, deslizando à tona d'água, se meteram no redemoínho, afundando-se. A bruxa e os pais rezaram em voz alta, enquanto o rapaz gritava: — “Vem me mostrar mais uma vez o teu rosto, eu que te amei tanto; mais uma vez, eu te rôgo...”

Ao terminar estas palavras, o céu, que estava límpido, se tornou escuro e começou a soprar tempestade. A lagôa produziu um ruído formidável e, no céu ribombavam trovoadas. De repente, do céu desceu terrível tromba d'água. Nesse instante viu-se, claramente, entre as nuvens negríssimas, a figura de um dragão que corria para o alto mar e seu corpo brilhava como se fôsse relâmpago, fazendo-se entrever as suas escamas douradas.

Passaram-se séculos. Ainda a lagôa existe entre as colinas, e o povo se diverte debaixo das árvores que crescem à margem da mesma. Porem a gigantesca árvore que havia na ilhota, no centro da lagôa, desapareceu, mas o povo imagina ali uma árvore, uma mulher, um dragão... E se recorda desta lenda.

O ESCULTOR DE MÁSCARAS

Em época muito remota, um velho desconhecido fixou-se na vila situada entre Utsunomiya e Yedo. Construiu aí uma casinha, por sua conta, à margem do pântano, na extremidade daquela vila, e começou a trabalhar. Não tendo amigos, passava os dias trabalhando. Logo o povo descobriu que se tratava de um hábil artista, que esculpia máscaras divinas. Os habitantes da vila andavam em redor daquela casinha, curiosos, espiando as máscaras esculpidas e pintadas. Eram muito perfeitas. Uma vez por ano um comerciante, talvez de Yedo, visitava o artista, para adquirir-las todas.

Os habitantes da vila eram mui piedosos, e tinham um enorme templo bem adornado, numa colina. Nesse sitio cresciam pinheirais e gigantes criptomerias. Um sacerdote budista, que era um velho generoso, tendo um dia notícia do artista que vivia ao pé da colina, teve a idéia de solicitar que ele lhe fizesse umas

máscaras para serem usadas na procissão sagrada e na dança ritual que se realizaria no Templo, pois, por certo, os homens que representassem deuses gostariam de adquirir algumas dessas máscaras.

E o sacerdote foi visitar o artista num lindo dia outonal. O artista estava sentado sobre as esteiras, à entrada de sua residência, admirando a bela paisagem.

Após saudarem-se cerimoniosamente, o sacerdote apresentou-se ao artista e começou a admirar as máscaras, penduradas na parede. Havia, entre outras, uma perfeitíssima que representava o pescador da lenda de "Hagoromo". Perguntado onde estava a máscara do anjo da mesma lenda, o artista respondeu que não havia esculpido a máscara do anjo. O sacerdote pediu então ao artista que lhe fizesse algumas máscaras para a festa do Templo. Iam-se também representar algumas histórias sagradas, e ardentemente pedia que se esculpisse em madeira a máscara da deusa Kwan-non.

O artista ficou calado, mas, olhando de lado, sorriu desdenhosamente. O sacerdote logo o percebeu, porém assegurou que pagaria qualquer preço. Todavia, o artista ainda guardou silêncio. Pouco depois, o sacerdote despediu-se algo embaraçado. No dia seguinte, ao passar próximo à casa do artista, reparou

num aviso colocado à porta, que dizia: — "Nenhum deus poderá entrar aqui".

Então, o sacerdote parou e, após reparar no artista que estava esculpindo uma peça de madeira ligeira, perguntou-lhe a razão daquele aviso. O artista respondeu que não se encarregava de esculpir máscaras de deuses, visto como para ele não existia deus algum e que ninguém jamais vira um; mas a natureza, que é sublime e perfeita, sempre existe.

O sacerdote ficou tão espantado com essas palavras, que não pôde responder. Um curioso, que escutara essa declaração, correu depressa à vila e informou aos homens reunidos numa casa de chá. Logo a notícia de que o escultor de máscaras não acreditava em nada correu célere. Desde então, os homens crentes começaram a odiá-lo.

Antes de amanhecer o dia festivo, o tambor do Templo se fazia ressoar vagarosamente e solenemente, enquanto os foguetes sibilavam e explodiam no céu. Depois, um pequeno templo dourado, em miniatura, sobre o qual poisavam muitas pombas, foi conduzido à rua pela rapaziada, e a procissão de crianças seguiu atrás. As crianças em trajes rituais e vistosos, bem bordados, traziam altas coroas; os objetos de ornamentação, pendurados, tinham como se fossem pequenos guizos. A procissão apresentava um aspeto alegre e jovial,

e o contraste do grupo de crianças, com folhagens verde-escuras, em seu redor, era uma maravilha.

Porém, não traziam máscaras sagradas e estavam contentes com as faces pintadas de branco e encarnado. Todos os habitantes estavam presentes à festa; uns tomavam parte na procissão, enquanto outros faziam feira, no pátio do templo, com brinquedos, ovos e doces. Viam-se, ali e acolá, tôldos brancos, listados, de largas faixas vermelhas, esticados e suspensos com varas para abrigar à sua sombra o povo que se sentava e tomava o chá ou bebia o "sakê".

A única pessoa ausente dessa grande família era o artista de máscaras. A sua casa, à margem do pântano, permanecia fechada como se não existisse nela alguém. Ali, no entanto, o artista acabava de esculpir várias faces. Fechara todas as portas e cortinas do lado e da frente, de maneira que a poeira não estragava as côres ainda frescas das máscaras. Estava muito ocupado, porque se aproximava o dia da visita do comerciante, e tinha sido preguiçoso até então. Por isso, teve que trabalhar muito, a fim de entregar ao comerciante um número suficiente de trabalhos que somasse o necessário para todo o ano.

Havia feito poucas máscaras boas, mas, no mesmo dia da festa, quando o grande sino

acabava de ressoar três vezes, pela aldeia, naquela tarde quieta e cheia de sol, o artista sentiu um estranho impulso para esculpir nova máscara. Escolheu cuidadosamente a melhor peça de madeira e começou a talhá-la. O silêncio em seu redor era tão intenso, por ter ido toda a população à festa, que se podiam escutar os zumbidos das moscas e o sussurrar das canas no pântano. Sentiu-se como se estivesse intoxicado e, a pesar de sua mão trabalhar incessantemente, o seu espírito parecia estar adormecido. Este estado continuou por alguns dias. Dificilmente podia largar o seu trabalho, para cozer mólho ou arroz. E, de vez em quando, parecia estar acordado, em estado hipnótico, e não teve mais curiosidade de olhar os seus trabalhos feitos.

Ninguém mais viu o artista, nem teve interesse por ele, desde que preferira estar longe dos generosos habitantes daquela vila. Mas uma vez, o piedoso e atento sacerdote foi bater à porta do artista. Ao abri-la o escultor, o sacerdote surpreendeu-se, encontrando o artista, pálido, com a saúde ameaçada.

O artista perguntou ao sacerdote o que desejava e declarou não aceitar qualquer encomenda relativa às cousas inexistentes, acrescentando que aquele gênero de porcaria podia-se adquirir em qualquer lugar.

Afirmou que fazia sómente máscaras de

sêres humanos e animais reais. Ao terminar a declaração, puxou a cortina, de maneira que o sacerdote ficou em pé, fóra da casa.

"Pobre homem! Deus o proteja!" — disse o sacerdote e foi-se embora para o Templo.

Dentro da casa, o escultor prosseguiu no seu trabalho febrilmente.

As suas mãos não descansavam um minuto sequer naquela máscara. Pintou-a: as côres pareciam ter um toque de magia, tão suaves, tão transparentes e tão brilhantes! Trabalhava desde o amanhecer até a noite, e após dar o último retóque, o artista foi contemplar o firmamento, sem olhar mais a obra acabada. Sentindo-se, depois, fatigado e sonolento, voltou à casa para dormir profundamente. No dia seguinte, viu que as côres da máscara estavam sêcas, e envernizou-a. Mas tudo fez maquinalmente, isto é, como se fôsse um cêgo, indiferente ao objeto que os seus delicados dedos criaram, aparentemente sem sua inteligência.

A máscara foi concluída, mas o artista estava exausto como nunca. E não podia comer. As pernas tremiam-lhe. Num canto escuro de sua casa, deitou-se sobre as esteiras e dormiu.

Na madrugada seguinte, acordou. Não quis abrir as portas; mas, quando so primeiros raios do sol penetraram através dos buracos na

parede, teve uma vontade irresistível de verificar a sua obra. Tomou a máscara, envernizada na véspera, e que estava pendurada à parede. E, à luz que se projetava no quarto, observou atentamente a sua última obra, a sua primeira obra prima.

A misteriosa e linda face voltava para ele, tão doce, tão meigamente e o seu sorriso de amor divino, iluminava-lhe as pálpebras meio fechadas.

O artista contemplou a obra com estupefação e perguntou a si mesmo: — "Fui eu quem a fez? Que perfeição, que beleza! Nunca sonhei assim; não é minha obra! É a obra de Deus, de Deus! Não a desejo ter em mão., Esculpi-a contrafeito. De certo estive enfeitiçado por qualquer cousa. Vá-se embora, Deus! Como ousou impôr-se-me? Não o reconheço, nego-o!"

E apanhando o martelo, em ato seguido, bateu na máscara, partindo-lhe o nariz. Nesse momento o martelo caíra. Estremeceu-se-lhe o corpo, e agarrando a máscara partida, na mão, caíu pesadamente. Estava morto.

No dia seguinte, o comerciante, vindo da cidade, bateu à porta da casa fechada do artista. Não teve resposta. Então, dirigindo-se à casa do seu irmão, na vila, perguntou-lhe se o artista tinha ido embora. Ninguém sabia., Então foram todos à casa do pântano e, quando

abriram a porta, encontraram-no morto. Os seus olhos estavam ainda abertos e fixados com horror, e os seus dedos enrijados agarrados à máscara quebrada.

Quando acharam aquela obra de arte, gritaram de admiração, porque nunca contemplaram representação divina mais admirável! E ela estava quebrada!

O sacerdote, comovido profundamente, dirigiu-se a um canto solitário do Templo, para chorar à vontade. Mais tarde, o sacerdote convidou todos os habitantes da vila para um serviço religioso, em homenagem à memória do artista, e pronunciou o seguinte discurso:

“Vós, habitantes da minha vila, ouvi meu discurso! O homem deve criar Deus dentro de si mesmo. É a meta que, através de todas as experiências, os homens devem alcançar, ainda que alguns não entendam o objetivo da vida e não admitam tal finalidade, por seu orgulho pessoal. Só os esforços incessantes alcançam um estado superior. Há quem volte as costas a Deus, negando a sua existência, insultando-o, e só pretenda saciar-se de desejos e prazeres mundanos. Quer sejam fracos quer fortes em sua negação, ainda assim trabalham para a obra divina, porque Deus é onipotente. Sómente por voltar as costas a Deus, de propósito, é que perdemos a vida eterna. O ódio que os homens alimentam con-

tra a divindade, recaí contra si mesmos e, por quebrar a imagem de Deus, que eles deviam criar dentro do seu ser, atraem a morte sobre si. Sejamos piedosos para com o nosso amigo que pecou, por negar a divindade, desviando-se do caminho da vida...”

ROMANCE NO MAR

Além, um pouco ao norte do farol de Nojima, um grupo de habitações se apresenta aos olhos dos cansados passageiros da linha transpacífica ocidental. É Iwawada, pequena vila de pescadores.

Esta vila recentemente atraíu alguns estrangeiros, por estar ali erigido um monumento à memória de Don Rodrigo, capitão espanhol que naufragou nas costas de Iwawada e fôra salvo pelos aldeãos.

Este fato, no entanto, serviu para preparar o caminho para o tráfico entre o Japão e a Espanha. Do alto duma torre branca, na colina verdejante, dominando o grande espaço do oceano, descortina-se panorama magnífico.

A costa de Iwawada é muito rica emstras, que frequentemente se servem à mesa, sem casca, e, cozidas habilmente à japonesa, satisfazem um epicurista. Por isso, nessa vila vivem centenas de mergulhadores, para apañá-las.

Ha, porém, uma crença geral entre os mergulhadores.

Acredita-se que vive sob as águas, que beijam a praia da vila de Iwawada, uma enorme concha. Segundo a tradição, transmitida de geração a geração, essa concha foi notada por um pescador há cerca de duzentos anos. Diz-se que naquele tempo já era de enorme tamanho, comparável a um guarda-sol ordinário; hoje deve ser muito maior. Pelo menos, o povo assim acredita...

Os mergulhadores todos sabem onde se encontra a concha, mas ninguém ousa se aproximar dela; porque, dizem, se alguém a provocasse, pronto se levantaria uma tempestade furiosa.

Há muitos anos, vivia, naquela vila, uma encantadora moça que ganhava o seu pão como mergulhadora. Ela, porém, apaixonou-se um dia por um moço pescador da mesma povoação.

Pobres, trabalhavam, de manhã cedo até ao escurecer, e o trabalho não lhes permitia ter tempo para conversarem.

Um dia, uma tempestade assolou as costas de Iwawada e nenhum barco pôde sair para a pesca. Então o moço, contente pela oportunidade, visitou sua apaixonada. E aquele par amoroso passou um tempo feliz.

A memória ditosa daquele encontro nunca mais foi olvidada, e a moça desejava que a

borrasca viesse todos os dias. Ela lembrou-se, então, que, se alguém tocasse secretamente na velha concha, causaria uma borrasca. Pensando assim, saiu sorrateiramente em sua embarcação e, aproximando-se do lugar onde se dizia estar a concha, aí lançou uma pedra.

Feito isto, velozmente, voltou à praia e esperou com ânsia o resultado. O céu azul instantaneamente se cobriu de nuvens negras e as ondas bravas, que pareciam galopar de cavalo, começaram a saltar na superfície do mar.

As embarcações de pesca, espalhadas no meio do mar agitado, foram subitamente alarmadas e apressadamente regressaram à terra.

O seu amado fora um deles que voltara ofegante, pelo esforço da remada.

Assim que desembarcou, foi visitar a moça e falou-lhe como horrível foi o furor do mar e como horrível foi a torrente da chuva. Entretanto, a moça parecia indiferente à narração e só lhe ouvia as palavras de amor ardente.

Uma vez aprovado o stratagem, ela não pôde resistir à tentação de repeti-lo, indo todos os dias provocar a tempestade.

Os aldeãos começaram a suspeitar da causa de tão estranhas tempestades, mas nenhum pôde esclarecer, e todos, sem saber o que fazer, ficaram longe da velha concha.

E diariamente a tempestade ameaçava os aldeãos, devastando as costas de Iwawada.

Enquanto isso, a moça, cansada de repetir o mesmo processo, tentou outro meio de causar uma tempestade que se prolongasse por alguns dias, livrando-se do embaraço de visitar a concha diariamente. Assim, foi ao mar, sózinha como sempre, e aproximou-se da velha concha, escondida na profundidade do mar. Apanhou punhados de pedras e atirou-as à concha, esperando que esse ato tivesse um bom resultado: causar uma tempestade que durasse por alguns dias.

E então voltou à praia, na expectativa da mudança do tempo, da calma perfeita à tempestade. O efeito foi completo, pois a tempestade veio com violência jamais suportada. A moça, porém, pensando nas graves consequências, encheu-se de medo e ansiedade, arrependendo-se do que acabava de praticar tola-mente. A tempestade, entretanto, era cada vez mais violenta, atormentando-a, pois a vida do seu amado, no mar, corria inevitável risco.

E se ele morresse? O pensamento de tal desgraça quasi a tornava louca. Quis então sair num sampan (pequena embarcação chinesa) para o mar bravio, a pesar da insistência dos aldeãos que, por esse tempo, já haviam se aglomerado na praia, horrorizados com a sorte dos seus pais, maridos e filhos.

Freneticamente, a moça remou para o mar furioso, a fim de salvar o seu amante que avistára na sua embarcação, à mercê das ondas.

Porém, antes de chegar-lhe perto, a pequena embarcação sossobrou e o homem desapareceu, justamente no lugar onde dormia a concha misteriosa.

Esse espetáculo fôra demasiado emocionante para ela, que estava resolvida a salvar ou perecer com o eleito do seu coração. Lançou-se então ao mar furioso. O povo, da praia, ainda viu a moça surgir uma vez à tona d'água, abraçando o corpo do homem amado, mas afundaram-se ambos de novo para a eternidade.

Depois desse triste caso, os aldeãos tornaram-se mais precavidos, para não penetrar nas vizinhanças da concha, e assim a crença popular continúva viva nesta lenda triste e amorosa.

O BARCO TAIAN-MARU E A SENHORA DO JUIZ DE PAZ

Em uma montanha à margem esquerda do rio Yoshino, que nasce na província de Awa, existia uma enorme canforeira. Dizem que o seu raio de sombra, pela manhã e pela tarde, chegava até às vilas situadas a alguns quilômetros de distância.

Em todo caso, a árvore que foi extraordinariamente grande e era considerada a senhora daquela montanha.

A população da vila olhava com reverência.

Embora fosse derrubada há séculos, o sitio é considerado sagrado e o povo ali faz romaria, numa fé imutável. A montanha tradicionalmente se chama: "A Sombra e a Canforeira" e "Árvore da Sombra".

Numa época em que predominavam guerras civís, os generais guerreavam-se uns contra os outros, esforçando-se cada qual para alargar o seu território.

Foi justamente nessa época inquieta que a região de Awakamigôri fôra invadida pelo exército do general Chôsokabe, que era um dos feudatários de Taikô (Toyotomi Hiç'ayoshi), o qual projetava a conquista da Coréa, preparando uma expedição.

A Hachisuka apresentava-se um ótimo ensejo para demonstrar a maior fidelidade e préstimo ao generalíssimo, a fim de que ele recebesse um feudo maior e se tornasse estimado por êle. Na expedição à Coréa, Taikô necessitava de embarcações para transportar o seu grande exército à península.

Era uma verdadeira aventura para Taikô, de vez que o seu exército não tinha ainda experiência nos combates marítimos. Assim a construção de grandes embarcações para Taikô era o máximo desejo de Hachisuka.

Baixou então ordem para todas as províncias escolherem, como material, um gigante tronco de árvore. Os vassallos andaram de vila em vila, de montanha em montanha, a fim de encontrar um tronco que pudesse satisfazer o desejo ardente de Hachisuka e, finalmente, deram com aquela canforeira gigante, da qual informaram imediatamente ao feudatário.

O feudatário ficou contente com a notícia; logo ordenou derrubassem a árvore o mais breve possível. Sob ordem severíssima do feudatário, de grande prestígio, partiu de

Tokushima uma caravana dos melhores carpinteiros do local. Os habitantes das vilas, que dedicavam sua fé à árvore, alarmaram-se com a notícia e ao mesmo tempo entristeceram-se sem poder fazer nada para impedi-lo contra o prestígio de Hachisuka. O povo, oprimido, sofreu resignadamente a perseguição do feudatário.

Os homens da caravana começaram a ferir a árvore com o machado, mas, quando foi dado o primeiro golpe na árvore secular, intacta até então, milhões de folhas tremeram de raiva. O céu cobriu-se repentinamente de camadas de negras nuvens, não tardando a soprar uma tempestade que envolveu toda a região. E era mais violenta na montanha. Relâmpagos e trovoadas faziam imaginar o fim do mundo.

Os habitantes assistiam aquele ato de crueldade como se assistissem a um homicídio, cuja vítima fôsse o seu grande avô, com os corpos rígidos e estarrecidos, sem poderem pronunciar sequer uma palavra. Os golpes do machado continuaram abrindo na árvore uma brecha cada vez maior, mas, dentro de dois ou três dias, não podiam derrubá-la.

“Ainda temos dez dias para terminar; hoje regressamos, ficando por aqui” — diziam os homens da caravana, e voltavam ao posto onde havia um juiz de paz, a fim de superin-

tender a obra. Entretanto, quando os homens voltaram ao local, na manhã seguinte, ficaram atônitos por ver que a profunda brécha, que eles haviam aberto antes, desaparecera completamente. Era um grande mistério, e todos tremeram de medo indizível.

“Estamos sendo amaldiçoados, quem sabe?” — gritou o juiz e, apanhando a espada, fez um gesto de sacá-la. Porém, os homens que não acreditavam, caçoaram; e, armados solenemente, deram outros golpes de machado, na velha árvore, como que eliminando o demônio que ali estava. No entanto, no dia seguinte, também se repetia o milagre.

“Terrível, horrível!” — todos gritavam, desta vez com maior medo. Já não tinham coragem para brincar. Por proposta de um carpinteiro, fizeram uma conferência acerca do milagre.

Nessa época, vivia, na vila, um grande profeta. Profetizava milagrosamente com acerto como se fosse a encarnação de Deus. Na conferência, que durou três dias, ficou decidido, unânimemente, consultar-se o velho profeta sobre o caso extraordinário.

Ao pé daquela gigante árvore, que guardava todos os segredos seculares, fora feita uma tenda; foram colocadas as oferendas, que consistiam de produtos de terra e mar, e os habitantes assistiram com vivo interesse à

reza do velho profeta de hábito tradicionalmente branco.

Poucos minutos depois, o profeta declarou, acariciando o longo cavanhaque, que a árvore desejava beber o sangue de uma mulher grávida.

A senhora da montanha, secularmente adorada e respeitada pela população, protetora das vilas vizinhas e do povo, exigia o sacrificio de duas vidas ao mesmo tempo!

Quem sacrificaria a sua vida pelo feudatário? Era uma questão difícil de resolver-se.

O juiz de paz, no seu quarto reservado, pensava sobre o caso, com os braços cruzados sobre o peito. Nessa ocasião uma mulher entrou no seu quarto, declarando: — “Aceito a honrosa incumbência, com muito prazer!” Enfrentando, face a face, com a mulher corajosa, o juiz de paz empalideceu subitamente. Era a sua querida mulher, Oyasu-gozen que se oferecia em holocausto.

Havia um ano sómente que se casára com ela, a qual tinha apenas dezenove primaveras. Ela dedicava-lhe um grande amor e provava ser uma ótima dona de casa, ajudando o marido em qualquer transe; e tudo fazia o melhor possível, para que seu marido triunfasse na vida de “Samurai”.

Era uma grande chance que se oferecia ao juiz, pois, se pudesse satisfazer o grande

desejo do feodatário, mesmo que a sua querida mulher fôsse a sacrificada, a sua vida podia crescer de importância... Pensava de ante-mão na figura triunfante de feodatário no mar de Settsu. Com esse sonho, ela sentia-se feliz, de maneira que, quando chegou ao seu conhecimento a notícia das dificuldades da obra, não pôde ficar sossegada em sua casa; e viera até ali para encontrar o marido e oferecer-lhe o seu corpo em holocausto, vencendo uns sessenta quilômetros de distância, já em véspera de parto, por estar adiantada a sua gravidez. Foi uma viagem penosa para ela, mas, assim, quis mostrar que era a mulher de um "samurai" japonês.

Como podia a juiz permanecer indiferente ante a resolução de sua querida mulher que, em breve, ia ter um filho! Pensou em sua mulher, em seu filhinho, no prestígio de sua família, nos feitos de antepassados! E o juiz ficou como um louco, porém a sua mulher estava muito bem disposta.

Chegára o dia fatal para ela. Os habitantes das vilas vizinhas partiram bem cedo para se reunir na montanha. Nos quatro cantos do sitio onde havia a árvore secular, fizeram uma estacada de bambú verde e acenderam fachos. Num palanquim, a senhora do juiz de paz, em veste toda branca, se aproximava

lentamente do fim de sua viagem fatal, e vinha cabisbaixa.

Uma vez tornada pública a notícia do holocausto, os carpinteiros afiaram as serras e investiram contra a árvore secular. Pedacos de carne da senhora da montanha sahiam em abundancia, da brecha que se foi abrindo, cada vez maior. O holocausto devia ter lugar na brecha aberta na árvore gigante.

Todas as pessoas que assistiam ao espectáculo doloroso, fóra da estacada, observavam atentamente a mulher vestida de branco. O profeta andava gritando, a rezar qualquer cousa freneticamente.

A hora chegou enfim, e ela se levantou entre as chamas e gritos para declarar à multidão: — "Mulheres, sabei. Nós somos destinadas para conceber e sofrer no parto. Que horror! Quantas, por isso, morrerão como eu morro agora!" — Ela falava com todo o seu ardor, e continuava: — "Eu acabo agora com a minha vida e serei deusa protetora das desgraçadas e grávidas. Adeus, meu povo, adeus, meu marido!" Assim que terminou essas palavras, lançou-se na brecha aberta. Os carpinteiros animados com isso, redobram de força para serrar a árvore. Cinco dias depois, a gigante árvore era derrubada e caía estrondosamente na terra.

O barco foi batizado com o nome de "Taian-

-marú", o barco da Grande-Paz. Talvez fosse o maior barco do Japão naquela época. Num dia de bom presagio, o "Taian-marú" zarpou do porto de Itsu. O feudatário Hachisuka, que ficara no lugar mais alto para observar tudo, fixava os seus olhos no barco que ia desaparecendo. Já imaginava o prêmio de Taikô, e sorria; porém, o grande barco de que se ufanava Hachisuka encalhou num rochedo, no estreito de Naruto, e se afundou completamente.

Dizem que, ainda hoje, nos dias de grande maré, pode-se observar o mastro do barco no fundo do mar, guardando a história de uma grande tragédia.

O povo denominou o toco daquela árvore "Oyasu-gozen", que se tornou oratório de fé. São passados quatro séculos. Os que vivem perto e longe do sitio ainda hoje respeitam a montanha como protetora das mulheres grávidas. E a tradição se transmite de geração à geração.

O CORTEZÃO E AS SETE IRMÃS

No bairro de Takasaki, prefeitura de Gumma, se vê erigido um monumento de pedra que se chama Tako-hi, e a quatro quilômetros a léste desse sitio, há uma montanha de nome Nanako.

Ha séculos, vivia na vila de Tako, um governador cognominado Hitsuji-no-tayû, que tinha sete filhas encantadoras.

Encomendando a Deus uma por ano, a mais velha naquela época contava dezessete primaveras e a menor, onze.

O governador de Tako gozava simpatia excepcional do Imperador, e vivia muito bem. E isto, pelo fato de possuir enorme capacidade de percorrer de Tako a Nara, então capital imperial do Japão, num dia, vencendo centenas de quilômetros. Mesmo saindo de Tako, pela madrugada, rumo à Nara, voltava de lá no mesmo dia. Nessas condições podia diariamente apresentar os seus cumprimentos ao augusto Imperador.

Era num dia do estio. Hitsuji-no-tayû, cansado de estudos, fazia ligeiro passeio no grande jardim de sua residência, quando avistou ao longe um cortesão que estava deitado quase nú, em virtude de forte calor. Hitsuji-no-tayû se aproximou dele, com certo interesse.

O cortesão era o almocreve de Hitsuji-no-tayû e houve um interessante episódio, quando ele começou a servir ao seu amo.

Ainda quando Hitsuji-no-tayû era subordinado ao antigo governador, fizera um dia romaria ao templo do deus protetor da vila, que ficava na extremidade desta. Em frente do relicário viu um homem que corria com rapidez formidável, e, dir-se-ia que os seus pés permaneciam sempre no ar. Hitsuji-no-tayû, que era um talento invulgar, e alimentava ambições, perguntou ao homem voante o que ele estava fazendo. Em resposta, o homem confessou que, com essa demonstração, podia chamar a atenção de qualquer pessoa e obter, conseqüentemente, um emprêgo. Hitsuji-no-tayû gostou muito dele e pediu-lhe que trabalhasse como seu estafeta. Mas, nessa ocasião, o dito homem apresentou uma condição a Hitsuji-no-tayû, antes de aceitar a sua proposta. Hitsuji-no-tayû nunca pediria ao homem voante que tomasse banho ou se despisse...

Feita a promessa, o homem foi levado à

residência do governador onde começou a trabalhar. Por milagre, desde que começou a servir como almocreve, o cavalo de Hitsuji-no-tayû também começara a correr com rapidez fantástica. Parecia estar voando; o cavalo e o patrão não sentiam fadiga. Hitsuji-no-tayû viajou frequentemente, por ordem do antigo governador, à capital do império e o fato de que ele fazia uma volta à capital dentro de um dia, vencendo um percurso de dezenas de quilômetros, chegou enfim ao conhecimento do augusto Imperador, de quem então ganhou a maior simpatia. E, quando morreu o seu amo, sucedeu ao seu patrão, por ordem do Imperador. A sua posição subiu de ano em ano, aumentando o seu feudo.

Vejamos, agora, a história. Hitsuji-no-tayû se aproximou com muita cautela do cortesão que nunca mostrava o seu corpo.

Quando chegou perto dele, viu uma cousa estranha e observou atentamente. Havia asas sob os braços do almocreve. Nada teria acontecido, se ele tivesse resistido ao desejo de fazer travessura; cortou as asas sem ser percebido.

Na manhã seguinte, Hitsuji-no-tayû saiu rumo à Nara, despedindo-se de sua senhora e filhas. Nesse dia, o almocreve andou bem devagar; os galopes do cavalo também eram morosos. Sempre alcançava a capital ao meio

dia; entretanto, a essa hora nem alcançava a província de Kôzuke. A pesar de ter-se apressado na marcha, pouco adiantou e meteu-se matto a dentro, onde desapareceu, não se sabendo mais do seu destino.

A ânsia no castelo de Tako era grande, visto como não regressára à hora habitual. Até às duas ou três horas da madrugada seguinte, não se ouviu um galope. A senhora e as filhas passaram a noite, acordadas. Alguns criados saíram ao encontro dele, inutilmente.

Hitsuji-no-tayû voltou, com a moral muito abatida, na tarde do dia seguinte, e ao chegar ao castelo, sem dirigir quaisquer palavras aos seus, foi deitar-se.

Na capital, o Imperador também ansiava pelo atraso da chegada de Hitsuji-no-tayû e pedia informações. Passaram-se alguns dias, sem que Hitsuji-no-tayû se apresentasse na côrte.

Entre os que serviam ao Imperador havia um general que se hospedára no castelo, quando, por ordem do Imperador, passára pela província de Kôzuke. Esse general havia se apaixonado pela filha mais velha de Hitsuji-no-tayû, mas, encontrando recusa por parte deste, não conseguiu obter a jovem linda para sua esposa. Daí odiá-lo com rancôr destemido.

Assim, aproveitando aquela oportunidade, o general, desesperado, disse ao Imperador que

Hitsuji-no-tayû havia se revoltado no seu castelo. O Imperador, acreditando na falsa informação, então nomeou-o comandante de uma grande força expedicionária.

Alguns dias depois, as filhas que, por acaso olhavam as serras, ficaram muito surpreendidas por verem um grande exército marchar contra o castelo, através das montanhas e dos vales. Hitsuji-no-tayû, ciente do ocorrido, meteu imediatamente as filhas uma por uma no palanquim e, cobrindo-as de palhas, ordenou aos criados que as carregassem e fugissem para longe. Hitsuji-no-tayû, em seguida, pôs fogo no próprio castelo e ali terminou a sua existência, em companhia de sua mulher.

Os sete palanquins que saíram do castelo foram apanhados no caminho pela mão inimiga. O general, ambicioso, declarou à filha mais velha que, caso lhe obedecesse, levá-la-ia à capital e salvar-lhe-ia as seis irmãs, e em caso contrário, eliminaria as sete sem piedade.

A primeira filha pensou em obedecer para salvar as suas irmãs; porém, vendo que estas não consentiriam, declarou que, se fossem salvas pela mão inimiga, constituiria grande vergonha e que preferiam então a morte.

Nessas condições foram executadas pelo general. A cabeça dessa lindíssima moça bem como as de suas irmãs foram levadas à capital,

deixando sete palanquins e sete cadáveres no local da execução. Entretanto, Deus sempre castiga os malvados. Na volta triunfal, o general caíu do cavalo, recebendo contusões e, segundo a tradição, morreu maluco.

A IMAGEM DA SANTA MARIA

Depois que S. Francisco Xavier marcou as suas primeiras pégadas no Japão, o catolicismo facilmente conquistou uma parte da ilha de Kyûshû, atraindo o coração generoso do povo do Japão ocidental.

Entretanto, nessa mesma região não deixou de haver algumas exceções, entre elas se destaca a vila de Arima, situada ao sul da célebre montanha Unzenga-daké. O templo budista de Sôkokuji era um dos maiores naquela localidade e o seu sacerdote era um grande inimigo do catolicismo. Este pensava que, embora todos os habitantes se tornassem católicos, ficaria até o último momento budista exemplar e que os seus discípulos não se converteriam, pois, o catolicismo era para ele uma religião herética.

A história se refere ao menino Haruchiyo desse templo. Dizia-se que Haruchiyo era filho de um exilado nobre de Kyôto, mas ninguém soube exatamente quem fôra o seu pai.

Em todos caso, era um lindo menino. Com a idade de oito anos, entrou no templo, a fim de praticar o budismo, e até aos quinze anos, serviu fielmente ao grande Buda. Possuia o sentimento delicado e na sua inteligência havia fulgor. Era um menino vivaz e inteligente.

Um dia Haruchiyo estava muito cansado da leitura das sutras, e para descansar um pouco, foi passear por entre o pinheiral. Nessa ocasião o jovem viu, através da cerca, uma linda mulher. Jamais vira criatura tão linda!

A primeira vista, ficou apaixonado. Aquela linda mulher atraía-o fortemente, e sorrateiramente pulou a cerca, a fim de segui-la.

Para ele era um anjo com asas de plumas, porque ela era uma estrangeira. Os olhos azues, os cabelos louros e a pele branca, como se fôsse uma estátua de mármore, eram encantos para o rapaz que inconscientemente corria atrás dela. E ela deixava um perfume exótico pelo caminho. Pouco depois, os dois chegaram à praia, e a mulher, dobrando um rochedo, desaparecera atrás de uma grande rocha. Haruchiyo havia perdido de vista a estrangeira. Andou em procura daquela linda mulher, por entre os rochedos, como um louco, mas nem sequer havia as pégadas, apenas se ouviam as ondas que quebravam o silêncio. Ficou então por algum tempo

pensando. Desanimado, voltou ao Templo e ficou no seu quarto muito só.

Dias depois, Haruchiyo desaparecera do Templo de Sôkokuji, à noite. A paixão deixava-o como louco e pensava suportar qualquer dificuldade e sacrifício, se pudesse encontrar o sorriso daquela mulher. Se pudesse encontrá-la, suportaria até o castigo de Buda e morreria contente.

Foi para a praia. No caminho encontrou com um homem de olhos azues. Pensou então em perguntar-lhe onde ela estava. Era um missionario católico e a ele confessou a sua paixão, contando-lhe minuciosamente o que havia acontecido. Pediu ao missionário informasse o sitio onde ela habitava, se o soubesse, porém o missionario não era capaz de dar resposta à pergunta, pois o rapaz parecia estar sonhando. A pesar disso, o missionário compreendeu bem o seu sofrimento e pensou em salvar-lhe, conduzindo-o às doutrinas de Cristo.

"Haja gloria no paraíso para ele, Amem!" — rezava o missionario. E após fazer o sinal da cruz, disse-lhe que o acompanhasse e que lhe mostraria a Santa Maria que é mil vezes mais linda que a mulher por quem estava apaixonado.

Haruchiyo acompanhou silenciosamente o missionario, e logo entraram no portão da

igreja. Muitos irmãos cercaram o jovem. Haruchiyo calçou a sandália e se dirigiu para o interior da igreja, ao lado do missionário.

O missionário ajoelhou-se, e disse: — “Confesse o seu sofrimento. Esta é a Virgem Maria...” Haruchiyo então levantou os olhos e viu a pequena imagem de uma mulher, vestida de preto e que se achava aureolada.

Nesse instante, viu que a pequena imagem da Virgem Maria, de chofre, havia se tornado vultosa como uma mulher viva e havia nela aqueles olhos azues que nunca esquecerá. A imaginação o absorvia, fazendo-lhe crer naquela ilusão.

Agarrou na imagem da Virgem Maria, inconscientemente, e fugiu a toda pressa. Estava já na praia e, apertando — a imagem contra seu peito, perguntou-lhe: — “Para onde vamos?” A imagem indicava o mar e Haruchiyo sorriu muito contente.

“Estou contente como nunca; não desejo nada neste mundo, morreremos juntos...” — dizia o rapaz. Correu ainda um pouco e já estava sobre uma grande rocha, quando os seus pés começaram a sangrar, mas não sentiam dor. Minutos depois, lançou-se ao mar agitado, com a imagem da Virgem Maria. “Oh! Buda Amitabha!” — foram as suas últimas palavras, mas não para agradecer a Buda, porém como hino de vitória.

Na manhã seguinte, o seu cadáver, com a imagem da Virgem Maria, batia-se na praia, e o missionário abençoou-o, penalizado da sua sorte.

DOIS IRMÃOS INDIOS

Os índios da Formosa (Seiban) apreciam muito as cabeças humanas. Porque eles caçam as cabeças humanas que não prestam para nada? Entretanto deve existir uma razão qualquer, a qual não podemos encarar indiferentemente.

Há muito tempo, na ilha Formosa, viviam dois irmãos índios. Pareciam ser dois bravos, e com que facilidade ganhariam duas ou três cabeças em qualquer luta! Os seus pais também assim acreditavam bem como os seus amigos, mas esses dois irmãos nunca haviam cortado até então uma só cabeça humana. Este fato entristecia-os bastante, pois esses bravos irmãos, embora se apresentassem nas reuniões dansantes ou nos banquetes triunfais, nunca foram cortejados pelas mulheres, enquanto os seus amigos delas gozavam admiração e respeito. Deviam assistir às festas ou aos banquetes silenciosos e resignadamente, porque ainda não ganharam as cabeças humanas. Este

ressentimento era ainda maior no pai, que era um dos mais bravos guerreiros da tribo, e contava já cinquenta cabeças caçadas. E, quando sobre as folhas dos beteles se via a lua, que era considerada personificação da bela Fauna, os parentes e amigos do pai não deixavam de louvar-lhe a bravura. "V. S. já possuiu cinquenta criados; com esses cinquenta criados, o Demônio fará conduzir respeitosamente V. S. para o paraíso, enquanto nós apenas temos quatro ou cinco criados..." Dessa maneira sempre elogiavam os méritos e efeitos do veterano guerreiro.

Nas tribos de Seiban era praxe se tornarem criados os elementos de uma tribo, cujo chefe tivesse a sua cabeça cortada. Os índios, que não possuíam cabeças humanas, não tinham prestígio algum. Acreditavam que, quando morto o chefe da tribo ou eles mesmos, podiam ser escoltados durante a caminhada até o paraíso, sem tomarem o caminho do inferno. Possuir muitas cabeças não era apenas um meio de chegar ao paraíso, mas, na sociedade em que viviam, constituía um fato importante, pois os que não caçavam jamais tinham direito de se casar. Aqueles que não possuíam crânio humano deviam ficar solteiros ainda que atingissem à idade de quarenta ou cinquenta anos, sendo ainda tratados como se fossem crianças.

Os progenitores daqueles dois irmãos, nessas condições, viviam aflitos, pois nada podiam fazer a favor deles. Irritavam-se vendo os filhos crescerem, dia a dia. O pai iria para o paraíso, porém, os seus dois filhos que destino teriam, se ele morresse um dia...

E o pai então passou uma noite inteira rezando aos deuses de Canaca, Hauné e Chodai, e, ao amanhecer, levou os dois filhos para uma caça. O pai munuiu-se de uma lança já com cinquenta anos de uso, e os filhos de flechas envenenadas. Penetraram nas matas. Infelizmente não encontraram sequer um veado.

Os três então fizeram um abrigo com os cipós e galhos de árvores e ficaram à espera de vítimas. Anoitecia! Abriram as matulotagens. Depois, o pai disse aos filhos que fossem buscar água limpa para beber.

Os dois filhos então fizeram um tubo de bambú que media um metro de comprimento e vinte centímetros de diâmetro. Não era qualquer tubo leve que a gente possa imaginar. Os dois irmãos desceram vale abaixo, mas, quando chegaram ao arroio, viram que as águas estavam sujas. A água não servia para beber. Então voltaram com o tubo de bambú vazio. Vendo-os regressarem em vão, o pai aconselhou-os que fossem novamente ao meio-dia. E, quando foram, ao meio-dia, ao mesmo local,

a corrente estava mais suja do que antes, e o pai ouvindo a história, cruzou os braços e pensou seriamente:

“O tempo é nestes dias excelente, não podia, portanto, a água estar suja. É um caso misterioso! — Deve alguém estar pescando no curso superior do arroio. É uma ótima ocasião para vocês irem experimentar o heroísmo. Vão ao anoitecer, e se ainda encontrarem a água suja, alguém deve estar pescando. Tragam-me a cabeça...”

O pai ordenou assim aos dois filhos e estes caminharam ao anoitecer. As águas estavam ainda sujas. Os dois pularam os galhos e cipós, subindo arroio acima, quando, através de véu já semi-escuro, observaram um homem corpulento que parecia procurar alguma cousa no arroio dentro d'água.

Os dois irmãos ficaram contentíssimos, porque diante deles, enfim, apparecera uma cabeça humana. Os dois podiam caçar em colaboração. Como é fácil de se imaginar, os dois cortaram a cabeça do homem que se achava no arroio e a trouxeram até a cabana improvisada. Porém, ali não encontraram mais o pai. Nesse instante e com grande espanto, reconheceram na vítima o próprio pai. Na verdade haviam praticado um crime horroroso. Choraram bastante o crime perpetrado e contaram o acontecimento doloroso à mãe.

“Vocês são tímidos, sem coragem; até que, enfim, mataram seu pai. Agora vão para onde quiserem e tragam muitas cabeças” — a mãe, em pranto, declarava aos seus dois filhos, e expulsou-os da habitação. A casa estava construída sobre as árvores e, quando eles desceram, ouviram claramente a mãe querida gritar ainda: — “Tragam muitos crânios, que servirão para pedir ao seu pai perdão pelo crime...”

Só desse instante eles decidiram enfrentar qualquer dificuldade, a fim de que se tornassem bravos guerreiros e obtivessem muitas cabeças. Decidiram então atacar a tribo de Hinan, que era considerada a mais feroz entre todas as tribus da Formosa. Durante todo um mês praticaram exercícios, com intenção de poderem pular leve e facilmente nas matas. Por fim, os dois atacaram a tribo de Hinan, obtendo mais de vinte cabeças.

Essa bravura se tornou famosa entre as tribus e celebrou-se um banquete de triunfo. O banquete começou ao anoitecer e só terminou ao amanhecer do dia seguinte. Nessa festa, o irmão mais velho dirigiu a batuta para a primeira dança e o irmão mais moço para a última. No entanto, os dois irmãos morreram daí a poucos meses. Os parentes e amigos lamentaram profundamente as mortes prematuras desses dois bravos que estavam em vés-

peras de se casarem, e a população dizia: —
“Com aqueles criados, podiam ir até ao pa-
raiso...”

Os dois assim morreram, mas a tradição diz que esses bravos espíritos aparecem ainda hoje, transformados nas estrelas, a alva e do pastor, dirigindo de longe a dansa indígena da Formosa.

A ROCHA DA COBRA BRANCA

Esta lenda teve a sua origem num vilarejo de pescadores denominado Yabe-mura, na baía de Mutsu, no norte do Japão. A poucos quilómetros da costa, encontra-se uma grande rocha, popularmente chamada Rocha da Cobra Branca, sobre o mar sempre agitado.

Há tempo vivia naquele vilarejo uma linda musumé, filha de pescador, Otsuyu. O mês de junho trazia sempre para a população triste recordação, que se inquietava com a nova vítima que, em holocausto, devia desaparecer.

Nesse mês, anualmente, devia ser apresentada à Rocha da Cobra Branca uma solteira, em holocausto, a fim de que os pescadores pudessem gozar de paz.

Um dia, o pai de Otsuyu voltou da casa do chefe da vila, desanimado e triste. A sua face estava tão pálida que qualquer pessoa podia adivinhar que havia acontecido algo desagradavel.

Ao entrar em casa, disse a Otsuyu: — Não te desesperes, é a fatalidade. Tu serás sacrificada em holocausto à Cobra Branca, para benefício da população...

O pai chorava, e a filha também, com o destino amaldiçoado.

Na noite seguinte, devia ser metida num caixão e levada até a rocha.

Otsuyu, com esse horrível pensamento, sofria muito, sem saber o que fazer. Era pela manhã. O sol despontava no horizonte, e Otsuyu resoluta saíu de casa, às escondidas, a fim de visitar o seu namorado que se chamava Shunsuke. Contava com o seu auxílio, para escapar àquela desgraça.

Pouco depois viram as duas figuras amorosas subindo a rampa, na montanha. Caminhavam silenciosos, de braços dados. Os dois namorados não voltaram mais à vila nessa noite, nem no dia seguinte...

A tempestade começava a soprar violentamente, como efeito da maldição da Cobra Branca. Estavam na época da maior pesca durante o ano. Se continuasse a tempestade, o vilarejo desapareceria, por não ter o que comer; e as embarcações de pesca se destruiriam.

O povo muito sofreu. Todos gritavam que se apanhasse Otsuyu e matasse Shunsuke. Entretanto, os dois estavam escondidos numa

cova, no cume da montanha, observando a tempestade que assolava o vilarejo.

— “Oh! Shunsuke, meu amor, não posso mais assistir a esta tempestade; peço-te que morras comigo!” — dizia a moça desesperada e sem ânimo para viver, porque era ela a causa daquela impetuosa tempestade. A moça soluçava, abraçada por seu amado.

Mas o rapaz aconselhava-a que não se apressasse em praticar qualquer ato, porque saberia salvá-la daquela situação.

Havia já três dias que eles estavam no cume da montanha. A tempestade aumentava. O mar agitava-se como nunca.

Shunsuke, segurando a mão branca de Otsuyu, então lhe disse: — “Vamos, Otsuyu, volta à vila imediatamente. Morrerei em holocausto, em teu lugar, e irei até à Rocha da Cobra Branca...”, e acrescentava que não revelasse nunca o grande segredo. E Shunsuke desceu a montanha para voltar à vila. Os dois sofreram vexames, e, vendo os seus moralmente abatidos, choraram.

A mãe de Shunsuke, abraçando-o disse: — “Sejas bem vindo, meu filho; tenho sofrido estes dias vexames terríveis; disseram-me que sou a mãe do filho que vendeu a vila e senti-me como se fosse estrangulada por alguém...”

No entanto, Shusuke teve que deixar, à noite, sua casa, deixando a mãe aflita e só.

Chovia muito. Pensava nos meios de eliminar a grande cobra que era a causa daquelas desgraças. Ele faria tudo por sua amada. Guardava no peito uma faca afiada.

Entrou na casa de Otsuyu sorrateiramente, aproveitando-se da confusão geral se dirigiu, como se fosse pessoa da família, à sala do altar da família, onde Otsuyu o esperava chorando, e impaciente. Havia combinado tudo.

Chegado na sala onde Otsuyu esperava, Shunsuke logo trocou a sua roupa com a de Otsuyu, e disfarçou-se em musumé.

Entrou no caixão sem ser avistado por ninguém, em lugar de Otsuyu. A hora chegou, enfim, e o caixão foi levado para fóra devagarinho pelos homens da vila. Dentro do caixão, ele ouvia os soluços das mulheres. Depois de poucos minutos, o caixão chegou à praia de onde seria levado ainda até à Rocha da Cobra Branca.

Chovia violentamente; não se sabia onde se pisava. De vez em quando, as luzes dos fachos feitos de galhos de pinheiro, projetavam-se para dentro do caixão como se picassem o seu corpo.

Lá chegados os homens se retiraram, deixando o caixão, fugindo da Rocha da Cobra Branca. Depois Shunsuke, sabendo que os homens não estavam mais, retirou a tampa

com cuidado. Observou em redor da rocha e não viu nada, senão as ondas; ouvia-se apenas o rítmico vai-vem das ondas. Pensava já no seu ato: não devia ser vencido e expor o seu cadáver... Tudo faria para matar a causadora da grande desgraça.

A noite passava depressa. As ondas batiam mais forte. De repente ouviu um grito. A voz parecia a de um homem afogado; Shunsuke então se levantou para ver o que passava no mar, perto da rocha. Parecia também que o homem afogado não tinha mais força para subir à rocha. Ouvindo aquele ruído, Shunsuke desceu à rocha quasi inconciente, esquecendo-se do perigo enorme que se aproximava. Enfim, desceu à rocha.

Quem pedia socorro era um lindíssimo rapaz; mesmo dentro da noite escura, podia distinguir a sua fisionomia, por quem qualquer criatura se apaixonaria. Então Shunsuke estendeu as duas mãos para levantar o homem em agonia, mas o seu corpo era tão pesado que, a pesar do seu esforço, não pôde mexer nem um centímetro; antes, o seu corpo parecia estar preso ao do homem e ser puxado para o mar. Nesse momento, veio à mente de Shunsuke que aquele homem era a Cobra Branca, Senhor da rocha, em disfarce.

Era questão de segundos. Sacou a faca afiada e a meteu sem perda de tempo na ca-

beça do homem. Ouviu-se um terrível grito e o homem mergulhou na água. Instantes depois, entre as grandes espumas de terrível redemoinho, apareceu uma grande cobra, cujo tamanho era igual à de um pinheiro. Era toda branca. A cobra recebera certa facada. O aspecto era único e horrível. O rapaz desmaiou de medo. Entrementes, a noite clareou-se e tudo ficou no sereno como nunca.

Quando surgiu o sol por sobre a rocha, Otsuyu e a população do vilarejo foram encontrar Shunsuke na rocha, ainda desmaiado, e o socorreram. Os habitantes esqueceram completamente ódios e acolheram-no com toda a consideração. Parecia um general triunfante que voltava de uma guerra e se tornava o grande favorito da vila.

Ninguém mais se incomodou com o amor de Shunsuke e Otsuyu. Realizou-se depois o casamento dos dois amantes. O curioso é que as crianças que nasceram depois daquele dia feliz, traziam sem excepção uma cicatriz na fronte. O povo dizia que era a maldição da cobra branca.

O AMOR DE UMA MUSUMÉ

O castelo de Asatama-yama, na província de Harina, havia de cair finalmente, às investidas extraordinárias de Hideyoshi. E nesse dia, uma mulher foi vista no caminho, com os seus olhos voltados para o castelo, como se tivesse saudades. Entretanto, ela fugia aos inimigos. Era a senhora de Akamatsu, senhor do castelo de Asatama-yama.

Na vila de Itosaki, todavia, no feudo de Akamatsu, as moças se entregavam sossegadamente aos afazeres agrícolas ou domésticos, sem saberem dos combates em que se derramavam rios de sangue.

A senhora de Akamatsu dizia-se perseguida e ia pedindo às raparigas do campo que a deixassem disfarçar-se em camponesa, a fim de enganar os inimigos. Entretanto, a sua figura nobre, embora disfarçada em camponesa, foi descoberta, e Akamatsu foi levada à presença de Hideyoshi. Mas antes de partir da vila, a senhora de Akamatsu, saudara à popu-

lação, dizendo que ela se resignaria se algum dia fosse presa, e enquanto mereceu a simpatia da população rural, pôde gozar uma vida pacífica, embora curta, e para agradecer esse favor, ela extinguiria para sempre os bichos daninhos dos campos de verduras.

Prometeu resolutamente à população assim fazer e foi levada à presença do general Hideyoshi, que a condenou à morte.

Aconteceu o milagre: no ano seguinte, não havia bichos daninhos e a agricultura prosperou, enchendo de alegria a população.

O povo então lembrou-se da obra da senhora de Akamatsu e construiu um relicário para endeusá-la, que tomou o nome de Templo da Exilada.

A queda do castelo. Não há cousa mais triste do que a queda de um castelo: os filhos e os pais se separaram uns dos outros, fugindo às mãos inimigas para sitios seguros e para mais tarde reiniciarem a vida.

Um dia começou a circular o boato de que, no cume de uma montanha, havia um grande vespeiro, e o povo estranhou esse fenómeno, raro naquela localidade. Diziam uns ser o espírito de um vassallo de Akamatsu que morria ultrajado. Isto acontecia alguns anos depois da queda do castelo, ao mesmo tempo muita gente transferia a sua residência para a dita

vila. Diziam outros que eram os espíritos dos exilados, motivos de simpatia da população.

Com esses imigrantes, chegou um dia, um jovem faminto à vila de Itosaki. Muito magro e com os cabelos crescidos, parecia não ser homem deste mundo. Mas o jovem restabeleceu a saúde e alguns meses depois se tornava um lindo rapaz e era alvo da admiração de toda a gente. Porém, o jovem nunca revelava a sua identidade e pedia ao povo que o chamasse de Yúsaku, homem sem hierarquia, de nascença humilde. Pedia mesmo ao povo essa distinção vulgar, ajoelhando no chão, como se pedisse misericórdia. O povo a princípio desconfiou algo, mas, ante a intransigência dele, não ousava perguntar-lhe nada.

“Yusaku não é da província, não é de nascença humilde, deve ser da capital...” — diziam uns. Outros ainda desconfiavam, sem, entretanto, decifram o enigma.

Mais tarde, alguém começou a espalhar a noticia dizendo que Yúsaku tinha uma linda namorada e esta se chamava O-Hana, a mais linda de todas as jovens da vila. Os rapazes com essa noticia ficaram desesperados e ciumentos, sem rivalizarem com o jovem estranho. Os rapazes alimentaram então a idéia de vingança, e se aproximavam dele com esta intenção.

O-Hana era a mais jovem da vila de Ito-

soki, e o seu amor a Yûsaku se tornara cada vez mais forte. Todas as noites ficavam em prosa amorosa, no cume da montanha Asatama-yama.

“Yûsaku vai, à noite, para a montanha!” — exclamava o povilêu. É o seu procedimento era já um fato conhecido por todos. Os que o viam pelo caminho segredavam do seu passeio.

Desde que Yûsaku viera para Itosaki, auxiliava nos serviços agrícolas os pais de O-Hana; e nunca mostrava-se descontente. Sim, ele não esquecera que a sua saúde devia-a principalmente aos cuidados daquela família.

Uma noite, o pai de O-Hana chamou-o ao quarto e pediu-lhe que esquecesse o amor à sua filha.

Yûsaku pediu-lhe muito que esperasse um pouco para pensar numa resposta. Yûsaku sofria bastante, antevendo a sua vida que se tornaria infeliz. Nesta noite não dormiu. O-Hana ficou também sabedora de tudo.

“Venha cá O-Hana!” — chamava o pai. “Você ouviu o boato da vila, referente ao procedimento de Yûsaku?” E como era péssimo o boato, ele não podia deixá-la casar. Dessa maneira o pai mostrava-se firme em cortar as relações entre os jovens amorosos.

Essa notícia foi para ela uma crueldade.

Num instante perdeu toda a esperança na vida e na felicidade; e caída no chão, chorou

amargamente. Yûsaku, que a tudo assistiu, ficou, ao menos, contente, porque a moça ainda o amava ardentemente.

O-Hana pediu ainda ao seu pai que permitisse aquele amor, porém, em vão.

Yûsaku então saiu daquela vila, na manhã seguinte, com destino ignorado. “Não esquecerei nunca os seus favores...” — era o que dizia a missiva simples que ele deixara ao pai de O-Hana.

O-Hana entristecia. Nesse dia, ao meio-dia, os habitantes viram um lindo samurai a rezar no Templo da Exilada.

“Sou o criado Sakunoshin. Bem sei que os seus vassallos todos morreram pelo Senhor, cumprindo os seus sagrados deveres de samurai. Sou o único que não respeitou o Senhor, entre os seus criados. Peço-lhe mil desculpas, mas saiba que eu procedi dessa maneira com uma idéia profunda. Volto hoje para Kyôto e vingar-me-ei de Hideyoshi, nosso grande inimigo...” Assim dizia o jovem samurai, cheio de lágrimas. Depois ergueu-se e voltou as costas, levando uma grande saudade da vila de Itosaki.

Um homem reconhecera nele Yûsaku e ficou estupefacto. Correu precipitadamente à vila e contou a todos: — “Eu sempre pensei que Yûsaku não era qualquer homem. Era

deveras um dos vassallos do Senhor Akamatsu, e quem sabe um dos criados do feudatário!..."

E enquanto falavam nesse acontecimento invulgar, uma moça corria em direção da montanha Asatama-yama, com os cabelos desalinhados. Seguiram-na. Mas ninguém pôde alcançá-la, porque ela corria numa velocidade incrível.

"Que pernas! Que velocidade!" — admiravam os que iam atrás. Enfim a distância era cada vez maior entre eles; e quando chegaram próximo à montanha, a figura de O-Hana desaparecera.

"Encontrei-a morta num poço..." — informava na manhã seguinte um velho à população. Ao ouvir esta notícia, o pai de O-Hana correu ao encontro da sua filha, cadaver, no fundo do poço. "O-Hana, porque morreu?" — chorava o pai.

Um ano depois, no dia 2 de janeiro, às duas horas da madrugada, ouviu-se do fundo do poço o cantar do galo.

A população estranhou o fenômeno. E o cantar do galo se repetiu anualmente à mesma hora e ao mesmo dia. Dizem que é O-Hana, transformada em galo, que canta com saudades do jovem samurai exilado.

OS AMORES DE SETONA

A vilazinha de Monobetto, situada à margem da lagôa Akanko, fica ao pé da montanha Akandake, na ilha de Hokkaidô.

Há cinco séculos, lá viveu Shipati, chefe da tribo Monobetto que tinha uma filha encantadora de nome Setona. O torrão natal era para ela um mundo inteiro; e passava os seus dias despreocupados ao lado dos pais carinhosos, sem queixar-se de nada. Era-lhe agradável subir a montanha, carregada ao ômbro de Manibé, filho do criado, ou descer vale abaixo, sempre contente. Vivía cheia de alegria. Era linda, e os aínus chamavam-lhe a "princesa de Monobetto".

Quando floresceram os conuaes celebrou-se o 16.º aniversário natalício de Setona. As luzes dos fochos faziam brilhar todas as figuras. E todos aqueles que tomavam parte na festa bebiam vinho à vontade e dançavam em grupo, em perfeita harmonia.

Manibé, sorridente, assistia ao festejo da

filha do seu amo, a quem dedicava o máximo respeito. Era um rapaz alto, forte e belo. Na caça ninguém podia rivalizar-se com ele. Forte e rijo, os seus braços pareciam ser de ferro. Possuía, entretanto, um coração de ouro e fora sempre fiel ao amo. Penetraria até no fogo ardente, se o chefe da tribo assim desejasse, pois era o seu amo.

Durante a festa viu o chefe e sua mulher contentes, e desejou também um bom noivo para Setona, um noivo digno do seu amor.

Afastando-se da festa, caminhou até à lagoa. Tomou uma canoa e remou, soprando a flauta, feita de cana, que apreciava muito e em cuja arte era exímio.

Já era alta noite. A lua banhava a paisagem, e a brisa fria fazia crescer as ondas como escamas de peixe. A linda melodia da flauta ecoava pela margem da lagoa e pelas montanhas em redor. Um lindo quadro!

A festa terminara. Todos já dormiam profundamente, enquanto lá no céu as últimas estrelas se apagavam.

Passaram-se muitos dias, e para Manibé, os melhores de sua vida. Sim, ele era um criado muitíssimo fiel ao seu amo, e sempre acompanhava Setona, para protegê-la dos perigos. Dia e noite, seguia-lhe como se fora a sua sombra. Muitos rapazes sentiam-se atraídos de sua rara beleza e de sua fortuna.

Um dia, porém, chegou ao conhecimento de Manibé, que Mecani, segundo filho do vice-chefe da tribo, ia ser noivo da linda filha de Shipati. Esse rapaz era o peor caçador de ursos, e o seu procedimento criticado pela população. Por isso, quando soube da notícia, ficou muito descontente. Desse dia em diante, Manibé passou os seus dias bem tristes. Não tocava mais a flauta e nem tomava parte na caça aos ursos. Sentado sobre a rocha, à beira da lagoa, cismava o dia inteiro. Só um pensamento: afastar aquele noivo, para o bem do seu amo e de Setona.

Uma noite, Manibé, em companhia de Setona, foi remar como era costume, porém, não queria mais tocar a flauta. Era-lhe motivo para se entristecer. Porque ele era um criado, e ela a filha do seu amo com noivo escolhido. Estar junto dela era a sua alegria, mas, ao mesmo tempo, uma ilusão...

Deveras, como todo jovem ardente, passava os dias, sem ousar confessar o seu amor. Mas com o aparecimento de Mecani, o seu zelo aumentara, dia a dia. E isto muito lhe custava. Devia reconhecer em Mecani o seu rival, mas desejava ardentemente que a filha de Shipati encontrasse um noivo digno. Por isso resignou-se, para felicidade do seu amo e de Setona.

— Setona, é verdade que Mecani é seu

noivo? — perguntou um dia Manibé, com a voz trêmula. Mas a resposta fora negativa.

— Então, não é verdade! — repetiu pasmado. Setona ainda declarou, que, embora obrigada por seu pai, não se casaria nunca com Mecani, por ser ele um vaidoso; e que havia outro rapaz a quem amava. Surpreso com esta confissão, Manibé perguntou quem era o seu amado. Setona, embaraçada e com pudor, confessou que o seu amado era Manibé. E abraçaram-se pela primeira vez. Nessa noite, voltaram para casa em remadas apressadas.

Entretanto, Manibé se tornara mais triste, em vez de se sentir feliz. Caíra num dilema. Ponderava sobre as relações entre ele e o patrão; lealdade e simpatia, raciocínio e paixão. Ele não sabia exatamente a solução. Não era permitido na tribu, um criado amar a filha do chefe. Desejava ardentemente a felicidade de Setona, mas amá-la seria crime, uma deslealdade imperdoável. Amá-la era uma dôr terrível. Na verdade, amar é sofrer. No fundo desejava não mudar o seu nome, ainda que tivesse de atirar-se às águas da lagoa Akanko.

Manibé estava assim pensando; sentado numa rocha, quando ouviu vozes na escuridão.

— “Que fazes, eu não sei nada disso. Largame...” Isto chamou a atenção de Manibé, que correu precipitadamente para o lado de onde vinham essas palavras.

— “De vez que teu pai consentiu, porque não me obedeces?”, exigia o rapaz em tom rude.

— “Não quero. É sempre a mesma cousa, não gosto de ti. Deixa-me!” — gritava a rapariga nervosamente.

Manibé reconheceu logo essas vozes, e ao chegar ao sítio onde se achavam, disse a Mecani:

— Tu és Mecani, e que tu fazes aqui? — Porém, antes de Mecani abrir a boca, Setona, chorosa, disse a Manibé:

— Este patife ia me obrigar...

Mas não pôde conter as lágrimas.

— Fique descançada, querida. Uma vez eu esteja aqui jamais alguém tocar-lhe-ia sequer o dedo — disse Manibé, bravamente, protegendo-a com seus braços.

Manibé então aconselhou-a que voltasse imediatamente à casa, porque o seu pai andaria aflito com a sua demora. Nesse instante Setona disse ao rapaz:

— Porque foges de mim, quando te amo tanto? Porque não tocas mais a flauta?

E chorou novamente porque não compreendia o que ia acontecendo no coração de Manibé.

— Agradeço-te do fundo dalma. Compreendo bem o teu coração. Mas ainda que desejes a tua felicidade, eu não posso traír a

teu pai, aceitando o teu amor. Não quero ser jamais um criado desleal..." — Respondia Manibé, resolutivo.

Entretanto, Setona não prestava atenção ao que Manibé dizia. Ela não mais se incomodava com as palavras. E chorava como uma louca.

Dias depois, a linda filha do chefe caía doente; e, alheia à aflicção dos velhos pais e dos parentes, chamava por Manibé. Olhava às vezes o céu, como se fitasse alguma cousa com alma; outras vezes monologava sobre o seu amor. Emagrecia com isso muito, e fisionomia já não lhe favorecia.

Viera o inverno. Um dia, quando Manibé subiu a montanha para cortar lenha, ouviu uma voz que vinha detrás de uma grande árvore:

— Espere, Manibé, Mecani roubado em seu amor, quer vingar-se.

E um homem saltou sobre Manibé.

— Não tenho motivo para ser vingado.

— Assim respondeu para se defender contra Mecani. Evitando um golpe de espada, Manibé bateu na cabeça de Mecani com um pau.

A luta continuou por alguns minutos, e a espada já estava na mão de Manibé. Então vibrou no inimigo um profundo golpe, matando-o instantaneamente. O sangue tingiu toda a terra.

Manibé, conciente do seu crime, desceu apressadamente, e tomou a canoa. Decorridos alguns meses ouviu-se a flauta, e uma melodia cobriu a lagoa inteira. Algumas horas depois, muitas canoas, em que se achavam pessoas da família de Mecani, saíram em perseguição de Manibé.

Desse dia em diante, o pobre Manibé jamais voltou à vilazinha. Desapareceu para sempre. E, depois, Setona morria, chamando por Manibé, — o seu bem amado.

Segundo a tradição, diz-se que da lagoa ainda vem a melodia triste da flauta, entre soluços de mulher.

O SEGREDO DO CASTELO

A vila de Arakawa está situada ao pé de uma serra proxima ao linítrofe da provincia de Wakasa com a planicie de Ayebano. Da serra nasce um rio que atravessa a vila de Arakawa, entre rochedos, em corrente impetuosa. É o rio Adogawa, que desemboca no lago Biwako.

Há séculos, naquela serra havia um lindo palácio, cuja história era ignorada da população. Os habitantes da vila viviam os seus dias pacíficos, ao pé da serra; entreviam entre bosques o lindo palácio cujo telhado e paredes brilhavam como se fossem de ouro.

Mesmo quando fazia bom tempo, negras nuvens pairavam sobre a serra e chovia, fazendo desaparecer o misterioso palácio, e apenas deixava entrever-se de vez em quando, uma lagoa luzidia.

Os habitantes da vila pensavam que o palácio fosse a residência do Deus da montanha, protetor da vila. Ninguem ousava, pois, se

aproximar, a fim de observar de perto esse palácio. Isto porque o povo acreditava em velha tradição, que dizia: caso alguém subisse à montanha, haveria uma epidemia que faria desaparecer toda a população. Por isso o consideravam como um lugar sagrado.

Quando não chovia, cintilavam estrelas sobre a montanha e ouvia-se da flauta uma melodia divina. Diziam que a melodia favorecia a população para um sono agradável. E além disso, que naquele palácio habitava um lindo jovem.

Passado o "Bon-Odori", vinha o outono; e, homens e mulheres iam se entregar à colheita de cereais. — "Este ano teremos uma boa colheita, graças à proteção do deus da montanha" — dizia o povo, contente.

Nessa vila vivia uma rica viuva, grande proprietária, com duas filhas. Os agricultores, arrendatarios de terras, pagavam à viuva uma determinada parte dos produtos e respeitavam-na, como se ela fosse a chefe da vila.

A filha mais velha era muito feia, mas muito gentil; servia à mãe como ótima filha. Naturalmente havia quem falasse mal dela. Diziam alguns que ela jamais devia casar-se, ainda que fosse filha de uma rica proprietária. Ao contrario, a filha mais jovem era lindíssima; muitos a pediam em casamento, mas ela nunca quis casar-se antes de sua irmã.

As outras mães diziam às filhas que "se tornassem gentis como a filha mais velha da viuva e lindas como a mais moça..."

Era meiado do outono. Os habitantes redobravam os seus trabalhos, animados da boa colheita. Nesse tempo, a filha mais velha saía frequentemente em direção da montanha e, ao crepúsculo, voltava. Assim foi por algumas semanas. Os indiscretos diziam que a moça enamorava-se do jovem do palácio da montanha, e esse fato chegou ao conhecimento da viuva-mãe.

— "Para onde vais, todos os dias?" — perguntava a mãe à filha, que não respondia. A pesar do conselho de sua mãe, a moça saía diariamente, voltando, como sempre, melancólica. Passara-se um mês e, uma tarde, ela não regressou mais. A viuva ficou quasi louca pelo destino de sua filha; e os habitantes que temiam o castigo do deus da montanha, não ousavam subir para procurar a moça. Assim passaram-se alguns dias. A filha mais jovem então subiu à montanha à procura de sua irmã, sem prestar atenção no que a população dizia. Porém, ela também não mais regressou à vila.

Após o desaparecimento das duas moças, fazia milagrosamente bom tempo. O palácio brilhava extraordinariamente, porém não se ouviu mais a melodia da flauta. O povo ia trabalhando no campo, e a mãe, que perdera

as duas filhas, ficava em sua casa extremamente triste e sem consolo.

Entretanto, um dia, a filha mais jovem regressou à sua casa. A viuva ficou muito contente, duvidando entre a realidade e o sonho. A filha mais jovem não falou a respeito de sua irmã, esquecendo-se completamente dela.

— “Casei-me com o jovem do palácio da montanha, e temos uma vida feliz. Entretanto, não nos venhas visitar”. E acrescentava: — “Se viesses à montanha, perderias a vida...” E a filha voltou à montanha, declarando à mãe que o jovem estava à sua espera, recusando o rôgo que lhe fazia a mãe para permanecer com ela, visto como estava só.

Alguns dias depois, a linda filha novamente visitou a mãe, quando esta estava preparando o almoço. E pedia que a deixasse descansar um pouco, alegando estar muito fatigada da viagem; e, acompanhada de sua querida mãe, caminhou para a sala no interior da residência.

Nessa ocasião, a linda rapariga recomendou à mãe que não a visse, enquanto estivesse dormindo; se acaso a espiasse, nunca regressaria à casa. Ela entrou na sala e fechou as portas. A viuva, ao ouvir aquelas palavras, não deixou de ficar inquieta. Pensava a viuva que ainda que a filha tivesse declarado que não

voltaria mais, caso fosse surpreendida a dormir, não tinha importância se ela a espiasse.

Assim, após alguns minutos, ela se aproximou da sala sorratamente e abriu a porta; mas ficou tão espantada que quasi desmaiou, porque encontrou uma enorme cobra ocupando todo o espaço e abraçando a cabeça da linda filha. Ela parecia estar dormindo sossegadamente. As grandes escamas da cobra luziam como se fossem todas de ouro, iluminando a sala. A mãe, após conhecer o grande segredo, fechou a porta e se retirou para a cozinha.

Meia hora depois, a filha acordava. Conversou com a mãe até ao escurecer; porém, ao se despedir, disse à mãe: — “Fico-lhe muito agradecida pelo carinho que me dispensastes, mas esta é a última visita. Não poderei mais visitá-la”. A mãe chorou copiosamente.

Nessa noite houve violenta tempestade na montanha, e logo também na vila. A tempestade cada vez mais se tornava impetuosa, e continuou ainda por alguns dias. Em consequência disso, uma formidável inundação quasi submergiu a vila.

AS FLORES VERMELHAS DA MONTANHA KONGÔ

O castelo de Chihaya, na montanha Kongô, província de Kawachi, faz-nos lembrar o célebre general Kusunoki Masashigue com sua lealdade e seu heroísmo.

A tradição data da época em que foi construído o dito castelo. No monte não havia água para beber, quando da construção daquele castelo, aliás construído longe das vistas dos inimigos. Todos os animais desciam o monte para beber da água que corria em abundância entre os rochedos.

O exército de Nankô (Kusunoki Masashigue), que alimentava grande esperança em restaurar o poder supremo do Imperador, devia servir-se dessa água; mas era preciso procurá-la às escondidas, porque, se fossem descobertos, seriam atacados antes de terminar o castelo.

Um dia Nankô procurava água, ao mesmo tempo que pensava nos meios de transpor-

tá-la até o cume da montanha, quando encontrou, trepado em uma árvore, um grande macaco que distribuía água aos seus filhos, água que guardava numa peça de bambú. Nankô então teve uma idéia: Pediu ao macaco que lhe trouxesse diariamente a água em barril. O velho macaco obedeceu à ordem do general e descia diariamente, afim de fornecer ao exército de Nankô água fresca.

A construção do castelo adiantava-se dia a dia, e a obra da condução de água também quasi estava sendo terminada. Essas obras eram feitas durante a noite, às escondidas; mas um dia o velho macaco não voltou mais ao castelo.

Ansiosos pelo destino do grande amigo, saíram em procura do velho macaco, mas em vão. O exército começou novamente a sofrer da falta d'água.

Entre os pagens que serviam Nankô havia um de nome Shiguetaka. Este pediu a Nankô para ir procurar água, em substituição do velho macaco. Ao crepúsculo, Shiguetaka descia com um barril. O vento frio batia-lhe na face. Longe das habitações, ele descia a montanha pelos caminhos ásperos.

Na vila, ao pé da montanha, os habitantes banquetevam-se em regosijo pela captura do velho macaco que, há tempos, procuravam matar. Na residência de Gorôzayemon todos

bebiam vinho e comentavam o feito daquele dia. Além disso, os habitantes souberam que havia gente na montanha por ter encontrado o macaco com um barril e conseguiram descobrir que os inimigos estavam construindo um castelo no cume da montanha; ao mesmo tempo, descobriram a fonte da água fresca.

Gorôzayemon tinha uma filha de nome Otsuyu, de cabelos pretos e compridos, olhos grandes e pretos. Era uma linda rapariga.

Era uma noite clara! Sob o luar, ela passeava em redor da fonte encantada pela noite. O silêncio excitava-lhe a imaginação.

E junto à fonte sonhava, quando ouviu passos ligeiros que se aproximavam. Surpreendida, voltou o rosto e viu um samurai muito jovem, que também ficara surpreso por encontrar aquela linda rapariga, num local tão longe das habitações.

A linda musumé impressionára o jovem guerreiro, admirado de sua beleza; mas lembrou-se de sua missão. Aproximando-se dela, declarou: — "Tu deves ser filha da vila. Tu nunca dirás a ninguém que me vistes; caso contrario, eu te matarei..."

Otsuyu intimidada jurou que nunca revelaria o segredo do jovem guerreiro.

A promessa fôra sincera. Assim, dessa noite em diante, o guerreiro aparecia na fonte, mesmo quando não havia luar, e também a

linda Otsuyu. Ela ia à fonte, ao escurecer, para esperar o guerreiro. Os dois, enfim, se tornaram amantes.

Dessa maneira, a volta do guerreiro ao castelo se tornára diariamente tardia, pois entregava-se ao gozo de um amor feliz que ninguém conhecia.

Continuaram as noites felizes, mas logo veio o inverno e a montanha ficou coberta de neve. Uma noite o jovem guerreiro deixou de aparecer na fonte. A pesar do frio, Otsuyu ainda caminhou além da fonte, na esperança de encontrar o amante.

Por esse tempo dizia-se que ia começar a guerra. De fato, um grande exército cercou o castelo e lutaram por algumas semanas. Mas Gorôzayemon trabalhava, auxiliando o exército local. Quem cortára a condução de água para o castelo fôra ele.

Otsuyu, a linda filha de Gorôzayemon, teve rancor de seu pai e passou os seus dias rezando pela vida do jovem guerreiro.

Final o castelo caíra nas mãos inimigas.

Os clamores de vitória ecoaram em toda a vila. Nankô que defendera o castelo, fugiu para Hatadake-san, aproveitando a escuridão da noite.

Shiguetaka também acompanhou o general, com o coração despedaçado.

Otsuyu, que amava loucamente o jovem

guerreiro, subiu ao cume da montanha, através de caminhos tingidos de sangue; mas, no castelo destruído, não pôde encontrar mais o seu amor. Correu em redor do castelo como louca, para encontrá-lo; e caiu pesadamente por terra. Poucos minutos, era cadáver.

Dessa época, começaram a florir lindas flores vermelhas. Dizem que são flores das lágrimas e do sangue dos guerreiros reais; e ninguém, ainda hoje, colhe essas flores.

OS CABELOS LOUROS

Banha a região oriental da montanha Ontake o rio Nishino-gawa, afluente do rio Kiso, que nasce na serra do mesmo nome. É tão estreito que, por entre as montanhas, apenas se faz ver um pequeno espaço do céu, sobre a corrente azul e límpida.

Onde esse rio desagua existe um lago denominado "Fundão das Cobras" de aspecto lúgubre.

No verão, à flôr da água azul caem sombras de verdes folhagens. Em seu redor domina o ar úmido.

Perto daquele fundão d'água, vê-se uma grande cova onde milhares de cobras serpenteiam. As vezes, elas deixam cair punhados de terra, ecoando pelos silenciosos alcantis. O povo conta a respeito dessa cova uma lenda.

Há muito tempo, habitou numa vila perto do fundão, uma moça que se apaixonara; porém, o rapaz, por sua vez, amava outra criatura.

Entretanto, ela não desistia facilmente de sua pretensão, a pesar da recusa terminante do rapaz que a envergonhava e ofendia por ter os cabelos louros, pois no Japão, ainda hoje, se detestam as pessoas de cabelos louros.

Não era feia; mas, por ter cabelos louros, vivia triste. Pensava em suicidar-se, porque não se realizava o seu amor, quando apareceu a moça rival. Esta, com a intenção de consolá-la, disse-lhe que, caso lavasse os seus cabelos, três vezes ao dia, nas águas daquele fundão, se tornariam tão pretos como a côr da laca. Ao ouvir este conselho, a moça ficou muito contente e daí em diante, diariamente por três vezes, ainda mesmo que chovesse ou soprasse a ventania, ia banhar os cabelos.

Veio o verão e tambem o outono e entrava novamente o inverno. As águas do rio se tornavam tão frias como o gelo, e o frio foi bastante intenso. A pesar disso, ela não desistira da lavagem, sem, entretanto conseguir o desejado resultado. Mas, a pesar disso começou a frequentar mais assiduamente o fundão.

Um dia, por acaso, chegaram ao seu conhecimento, as relações amorosas entre o homem querido e a mulher rival, que lhe havia ensinado a arte de enegrecer os cabelos. E compreendeu, então, a falsidade do segredo. Assim, ao saber a verdadeira intenção da rival, ficou muito indignada. Saiu de casa com uma

faca na mão, com intenção de matar os dois. Mas, refletindo, convenceu-se de que uma moça não seria capaz de vingar-se daquela maneira. Retrocedeu e encaminhou-se ao fundão, a passos apressados.

A moça, por alguns momentos, olhou atentamente as águas, mas, de repente, pegando com a mão esquerda um cacho dos cabelos, cortou-o com a faca e lançou-o em seguida no fundão. Os cabelos, espalhados, mergulhavam.

No entanto, quando chegaram ao fundo, as águas redemoinhavam-se com espuma e, repentinamente, milhares de cobras apareceram à tona d'água, indo amarrar-se na moça. A tradição diz que, desta maneira, a levaram para dentro do grande buraco.

No dia seguinte, pela manhã, o moço e a moça tambem desapareceram. O povo da vila procurou-os por toda a parte; e apenas encontrou as sandálias de cada um, perto do referido buraco.

Por habitar milhares de serpentes nesse lugar, o povo o batizou com o nome de "Fundão das Cobras", e, ainda hoje, os rapazes tomam cuidado para não se aproximar do lugar, com medo de se conduzirem para o terrível buraco.

A NOIVA DO POLVO

A formosa ilha de Omishima está situada no mar do Japão, a oeste de Imaharu, na Prefeitura de Yehime. Nela se encontra o Cabo Bébé. Pouco além desse cabo se acham duas rochas, uma conhecida por "Rocha do Velho" e a outra "Rocha da Velha", onde se originou a lenda.

Por uma época, nas proximidades daquelas rochas, havia uma vila de pescadores e vivia nela uma linda moça de nome Ohama, de 17 anos de idade, a qual era adorada e disputada por toda a rapaziada.

Um dia foi sozinha colher conchas nas proximidades daquele cabo, e, entregando-se a esse prazer, adiantou-se até alcançar as duas rochas. Ai permaneceu algum tempo, recolhendo as conchas, mas, quando olhou em baixo de uma enorme rocha, ficou aterrorizada ao deparar com enorme polvo, que se dizia senhor da rocha e que a olhava imóvel, com dois grandes olhos. Surpresa, Ohama fugiu imediata-

mente para casa, onde contara a sinistra descoberta.

Os pais, que ficaram também amedrontados, aconselharam a Ohama que nunca mais fosse naquele lugar.

Poucas horas depois de recolhida, Ohama ouvia uma voz estranha. Teve medo. Era a voz do gigantesco polvo que acabava de entrar em sua casa, a olhar raivoso para os pais que ficaram boquiabertos, e dirigindo-se a Ohama, disse: — “Ohama-san! Quero casar-me contigo, se não me atenderes, destruirei toda a vila com um temporal e matarei os seus...” Os progenitores nada podiam fazer para impedir o desejo do monstro.

A noite avançava, e o céu, em que luziam a lua e as estrelas, tornara-se completamente escuro. Começou então violenta tempestade. Era uma noite medonha, e o polvo insistia em se casar com ela.

Entretanto, Ohama não quiz entregar-se ao monstro, e o polvo não desistia de sua pretensão. O temporal continuava, e muitas casas eram destruídas. Assim, depois de ter praticado uma série de violências, o polvo exigiu da moça uma resposta definitiva.

A pobre Ohama havia de decidir sim ou não. Era um momento angustioso. E monologava: — “Resigno-me perante o destino fatal, a fim de salvar a população; entrego-me

ao polvo...” Os progenitores desejaram substituí-la por outra moça, por ser aquela a única filha. Eles passaram os seus dias angustiosos.

Ao se aproximar o dia marcado para o casamento, Ohama fez ao polvo uma proposta: — “Tu tens oito pernas. Peço-te que cortes seis delas, a fim de que possuas apenas duas, como toda a gente. Se me atenderes, casar-me-ei contigo; deixe-me cortar uma por dia e, quando restar-te sómente duas, irei para tua casa, eu te juro!”

O polvo, apaixonado, atendeu ao rôgo da moça, sedento por possuí-la. Ficou entendido que, desde logo, a moça iria diariamente numa embarcação até à rocha para cortar uma das suas pernas.

O polvo-noivo olhava atento a perna que se lhe cortava, e contente, arquitetava uma vida feliz. Ao contrario, Ohama olhava as pernas grossas, que iam caindo no mar, com o coração despedaçado, e ficava triste, ao pensar no destino que se aproximava a cada momento. A sexta perna havia sido cortada.

Na vespera do casamento, em casa de Ohama, os três trocaram as taças de despedida entre lágrimas; ela havia decidido enfrentar o monstro.

Nessa noite, a menina não dormiu. Ao amanhecer, ela já estava em traje nupcial e se dirigia, em companhia dos seus, para a

rocha, numa embarcação. Longe da costa, viam-se as velas brancas e vermelhas das embarcações. A montanha de Fuji, que se erguia na terra, e o pinheiral... tudo isso era motivo de grande saudade para quem partia. Ela assim seguia o caminho fatal para a morte. Em breve, enfrentava o gigantesco polvo, sorridente, com duas pernas.

"Ohama-san!" — disse o polvo, ao se aproximar apaixonadamente, sem saber a trama da moça.

Nesse momento, Ohama sacou um punhal aguçadíssimo e investiu contra ele, inesperadamente, afim de cortar-lhe as duas pernas restantes. Foi uma cena terrível a luta violenta entre os dois. Enfim vencida, afundou, abraçada pelo polvo, no mar. O pai, que era um bom mergulhador, ia em vão diariamente em busca de sua filha, e a mãe aflita chorava copiosamente na praia.

Ainda hoje se narra esta lenda, naquela povoação marítima.

SAKUTA, O BUDA

Na vila vulgarmente chamada "Vila de Buda", no município de Kitaura, província de Iyo, viveu um agricultor de nome Sakuta, que era ridicularizado por ser, desde cedo, um futil.

Um dia, quando Sakuta era ainda moço, a mãe perguntara-lhe com quem queria se casar, e ele respondera que se casaria com sua irmã.

Mas, tinha um bom coração. Não sabia entretanto cuidar das culturas no campo, deixando crescer as ervas daninhas. Comia e dormia, sem saber o que fazer para a sua felicidade. E os dias se passavam...

Uma noite, quando adormecia, apareceu à sua cabeceira o Buda, que lhe disse: — "Tu nasceste tólo pela fatalidade, mas, se tu fizeres votos pela expiação dos pecados dos outros, tu serás diferente". E o Buda desapareceu. Surpreso, ergueu-se do leito, estranhando o sonho.

No dia seguinte, andou pela vila a contar aos amigos o sonho extraordinário, mas não lhe prestaram atenção, julgando que fosse outra bobagem. A pesar disso, Satuka acreditara nas palavras de Buda, e daí em diante, da manhã à noite, rezava, como se fosse o seu mister quotidiano.

O tempo correu depressa e Satuka envelhecera. Contava sessenta anos de idade. O seu credo tornara-se cada vez mais enraizado no seu coração.

Uma noite o Buda, novamente, apareceu em seu sonho e lhe disse:

— “Vejo que teu credo é muito ardente e declaro que teu pecado está expiado completamente; portanto, quando nascer de novo, serás muito feliz. Morre sosegado, sem te preocupares com a vida presente...”

Desse dia em diante, Sakuta ficou gravemente enfermo. Então ele chamou à sua presença os homens da vila, a quem disse: — “Não tenho, desta vez, esperança de curarme desta enfermidade e lhes deixo poucas palavras: Quando eu nascer de novo, serei um filho rico, e guardem segredo”.

Ninguém tomara a sério essas palavras, e vendo que estavam zombando, declarou-lhes novamente: — “Bem, não crêem em minhas palavras; então escrevam em minha testa essas palavras: “Sakuta, natural da vila de

Buda”. Quando eu voltar ao mundo, encontrarão em minha testa essas palavras”.

O povo por brincadeira o atendeu. Sakuta morreu então contente.

Três anos depois, nascia um menino, numa rica família de Maruyama, vila de Kyôto. Na frente do menino apresentavam-se sinais de letras. Nos primeiros meses, eram bem pequenas; porém, com o correr do tempo, tornaram-se cada vez maiores e distintas; enfim, verificaram que eram as mesmas letras da tatuagem de Sakuta.

O médico ao qual levaram o menino, para o consultar sobre o caso, não conseguiu fazer desaparecer aquelas letras, e finalmente o caso foi submetido a um sábio, residente em Kyôto. Consultado, o mestre declarou que o único meio eficaz era lavar com o pó da terra onde se achava o túmulo de Sakuta, na vila de Buda, província de Iyo.

Então, às pressas, saiu um mensageiro para aquela vila, e sem fazer-se esperar muito, voltou com o pó daquela terra. Os pais do menino, sem perda de tempo, lavaram a frente do seu filho com o referido pó. Por milagre, entre espantos de todos, as letras desapareceram imediatamente. Dizem que esse menino cresceu com muita saúde e que teve uma vida feliz.

Ainda hoje, os habitantes da vila de Buda e de sua vizinhança acreditam que Sakuta reapareceu no mundo, na figura do filho rico de Kyôto.

TAKETORI - MONOGATARI

Taketori-Monogatari ou a história do coletor de bambú é uma das célebres peças da literatura antiga do Japão, e em suas linhas gerais, é o seguinte:

Vivia há muitos séculos um velho cujo mister quotidiano era o de colher hastes de bambú para varios trabalhos. Um dia, quando trabalhava no bambual, ficou surpreso por ver que do pé dum bambú saía uma luz brilhante. Aproximou-se, e por milagre, encontrou uma linda menina extraordinariamente pequena, pois cuja altura não ia além de três centímetros.

O velho supôs que ela fosse destinada a ser sua filha, por ter ele sempre visto e reparado no bambú. Levou-a, então, para sua casa, afim de que fosse criada. A menina possuía extraordinario encanto, e como era muito pequena, foi recolhida num cesto.

A proporção que crescia, tornava-se cada vez mais encantadora e conquistava inúmeros

admiradores. E, desde que adotara como filha a menina de origem misteriosa, o velho cortador de bambú, de vez em quando, encontrava hastes de bambú contendo grãos de ouro; e assim tornou-se, em pouco tempo, muito rico. A sua residência vivia em perpétua luz, devido à claridade que se desprendia daquela que fora batizada com o nome de Kaguya-hime, a princesa resplandecente.

O ancião era consolado e era acalentado pela presença da filha adotiva. Além disso, a pesar do trabalho árduo, não sentia mais cansaço e se tornava, cada dia, mais vigoroso.

O velho cortador de bambú, que chegara já aos setenta anos de idade, começava a preocupar-se com a sorte da filha misteriosa: arranjar-lhe noivo. Consultando-a sobre o caso, escolheu cinco candidatos entre os descendentes de nobres. A princesa Kaguya, por sua vez, determinou que cada um fizesse uma experiência particular, prometendo casar-se com quem obtivesse êxito nos empreendimentos designados.

No entanto, todos falharam e alguns até morreram desapontados. Esta notícia, enfim, chegou ao conhecimento do Imperador de então, que curioso do encanto e sedução estranha daquela jovem, mandou um enviado imperial, afim de averiguar a veracidade do fato. Kaguya-hime recusou receber o enviado em

sua casa. Por fim, o velho cortador de bambú foi intimado a ir à augusta presença de Sua Majestade o Imperador com a filha; porém todos os esforços falharam para a persuadir, até que o Imperador em pessoa condescendeu em visitá-la em sua própria casa.

Para tal fim, organizou uma partida de caça, afim de se aproximar de Kaguya-hime. O Imperador, chegando à sua residência, viu luzir o quarto em que ela habitava, mas, ao se aproximar, a princesa fugiu.

No entanto, ao chegar à idade de vinte anos, a vida de Kaguya-hime sofreu profunda alteração. Ela começou a se enfraquecer na primavera, e no 7.º mês (julho, segundo calendario lunar) o abatimento físico e intelectual assumiu proporção tão aguda, que a população começou a se afligir pelo seu estado de saúde, particularmente o velho, que andava na maior melancolia.

A princesa estava inconsolável; e, finalmente, confessou a causa de sua tristeza: — “Eu não sou pessoa desta terra, mas vim da cidade lunar para vaguear aqui como consequência de existência anterior. Já chegou o tempo de deixar este sítio; partirei na noite do 15.º dia do 8.º mês (15 de agosto, isto é, lua cheia). Nessa noite espero que uma caravana venha descendo da cidade lunar para me levar daqui”.

O velho coletor de bambú exasperou-se contra tal possibilidade, e disse que a tinha adotado como sua filha e que, por essa razão, a ninguém assistia o direito de lha roubar. “Mas, — respondeu Kaguya-hime — meus parentes residem na cidade lunar. Não obstante, por ter vivido tão longamente nesta terra, não posso deixar de me entristecer na perspectiva de o deixar...”

O Imperador, que ficou ciente da mágoa do velho coletor de bambú, decidiu ajudá-lo contra a sorte de Kaguya-hime, empregando todos os meios possíveis, afim de impedir que a caravana da lua levasse a menina. De acordo com a promessa, o Imperador mandou uma escolta, composta de dois mil soldados, para guardar a residência do velho cortador de bambú contra a vinda de estranhos.

Todos os preparativos foram feitos para defender a casa, e o velho havia decidido não restituir a filha adotiva à cidade lunar, e por isso meteu-a num cesto de bambú lacrado.

Todos esses esforços dos homens, porém, foram inúteis, porque os homens da lua tinham poderes sobrenaturais. Os bravos defensores perderam a coragem de resistir, quando se encontraram face a face com os inimigos misteriosos, porque estes, vendo o sinal de resistência, sem empregar qualquer esforço, fizeram abrir-se automaticamente todas as portas bem

guardadas. O cesto lacrado em que estava Kaguya-hime abriu-se por si, como se fosse pela magia, e a linda princesa subiu à cidade lunar...

O DRAGÃO

Era uma manhã de névoa. A neblina densa cobria a terra, desde o amanhecer, escondendo o sol.

“O que é que tem?”

“Estamos perdidos!”

“A colheita de arroz tem sido demasiadamente bôa...”

Os nativos, em número de três, iam a pé em direção à residência do chefe da vila, pelo caminho à margem dum rio, e a comentar os acontecimentos recentes.

Estavam eles numa vila chamada Kasatani, ao pé do monte Hyôno-yama, cuja altitude seria de mil duzentos metros, situada nos limítrofes das províncias Ban-Tan-In.

Era novembro. Os crisântemos e as camélias perfumavam o fim do outono. Os habitantes que iam em grupos de três ou quatro, para a residência do chefe da vila, estavam ansiosos.

“Como decidiriam os nossos pais?”

“Tornou-se um desastre, não acham?”

“Penso que é melhor retirar o tóro, para evitar qualquer calamidade”.

“Caso não tirar aquele tóro, que já há tanto pedimos, ficaremos indignados”.

“Se tirasse, haveria uma inundação terrível”.

— “Não encontramos saída alguma”.

Os dois agricultores, com os cestos cheios da erva colhida, de foices na mão, caminharam em direção da vila, pela trilha de relva ainda molhada do orvalho.

Nas suas fisionomias de homens sadios e vigorosos podiam-se observar sombras de ansiedade.

A razão era simples.

O monte de Hyôno-yama, ou seja Monte Glacial, coberto sempre de neve perpétua, apresentava a sua figura imponente na província de Tajima. Na parte inferior vêem-se crescidos cedros e criptomérias japonesas seculares, e diz-se, no lago que parece existir neste monte, vive um dragão.

A sua superfície alizada era um tanto lúgubre, os cedros e outras árvores lançavam-se em sombras medonhas. Aí era sempre escuro, ainda que fosse de dia. Ninguém se aproximava dele sem medo, fosse caçador ou fosse lenhador que trabalhasse na floresta.

“O lago do monte de Hyôno-yama faz estrondo”.

Havia já quase um mês que tal boato corria. No começo, fazia estrondo de cinco em cinco dias, mas, depois, se tornou mais frequente; fazia-o de três em três dias e, depois, quase diariamente. O lago fazia um estrondo medonho, causando grande medo aos habitantes da vila, pois eles não sabiam a que motivo atribuí-lo.

Os fanáticos então preocupavam-se muito com esse fenômeno exqu岸ito, e pensaram no desgosto que eles tivessem dado ao Deus fosse o motivo de tal estrondo quase diário.

Acreditando dessa maneira, os agricultores pediram a Deus para que aquele estrondo cessasse de uma vez para sempre; porém o fenômeno tornava-se cada vez maior e violento. Atrapalharam-se bastante com isso, como é fácil de se imaginar. O medo dominava-os. Seria cólera de Deus! — pensavam os habitantes, cheios de medo. Não podiam dormir sossegadamente; alguns tímidos passavam as noites em claro.

Mas, numa noite, esse medonho estrondo cessou completamente. Os habitantes estranharam o fato. Ficaram, em todo caso, tranquilos e voltaram a jantar em sossego e a dormir em paz.

Nessa mesma noite, porém, uma mulher

vestida de branco, cabelos longos e pretos, caídos atrás, apareceu à cabeceira de todos os habitantes. Essa mulher bela era o dragão que habitava o lago da montanha.

Segundo a tradição, o dragão vive cada mil anos em rios, em montanhas e no mar, e após passar três mil anos em mortificações, sobe ao céu onde se torna astro.

O dragão do monte Hyôno-yama havia acabado de praticar a mortificação da montanha e devia sair então para o mar.

Mas, no ribeirão que atravessava a vila de Kasatani, havia um tóro de cedro. Ninguém sabia quem o colocava, sendo conhecido apenas pelo nome de "Tóro de Cobra". Para o dragão, constitui o tóro de cedro uma grande desgraça, porque, caso se tocasse, se tornaria imediatamente em simples cobra, perdendo o valor de todas as práticas anteriores.

"Tenha a bondade de tirar para fora aquele tóro de cedro. Eu lhe peço do fundo do meu coração. Se pudesse sair para o mar, faria esta vila muito próspera, com fontes de água quente e seriam todos felizes para sempre..." — rogava o dragão a todos os habitantes.

O tóro de cedro fôra colocado por ancestrais, a fim de proteger os habitantes da calamidade, porque todos julgavam que, quando o dragão saísse do lago, haveria uma grande

inundação. Portanto os antigos, para evitar a calamidade contra os seus filhos, colocaram o tóro de cedro para protegê-los, para sempre. Nessas condições, não se podia tirar o tóro, acontecesse o que acontecesse. Tirar o tóro significava a destruição ou a ruína completa da vila; ao menos, a tradição transmitia essa idéia de gerações em gerações.

"Seria bom tirar o tóro, de vez que o dragão praticou a mortificação no lago já há mil anos e é capaz de fazer qualquer vingança..." — dizia um.

"Se houvesse grande inundação, seria uma calamidade irremediável para nós; se tivéssemos que perder a nossa vida com a raiva do dragão, a nossa desgraça ainda seria maior... Como poderemos portar-nos?" — aflito, outro monologava.

Tirar o tóro de cedro, ou não. Os que se reuniram na residência do chefe da vila discutiam o máximo assunto, mas era difícil chegarem a um acordo. Os habitantes, demasiadamente, temeram os efeitos da maldição, e o chefe da vila opinava que nunca o tirassem. Antevendo as consequências, dizia ao povo:

"É a tradição que vem dos nossos ancestrais. Se houvesse inundação, os campos de cultura, as casas, o gado, etc., desapareceriam. Ainda que salvássemos a vida, não teremos mais para comer o pão do dia. O dragão dis-

se que fazia surgir fontes, mas como podemos contar com isso? Eu sou contrário em retirar o tóro. Convem mesmo colocar outros tóros no rio..."

O chefe da vila tinha grande poder, cujo prestígio dominava a vila inteira, portanto não houve quem lhe fizesse oposição e, assim, chegaram a um acordo: não tirar o tóro e aumentar a barreira.

Muitos cedros foram então derrubados e colocados por mãos de rapazes vigorosos dentro d'água.

O sol outonal caía depressa no horizonte e as estrelas começaram a cintilar, quando se começou a ouvir um formidável estrondo, cuja violência jamais foi vista!

Surgiu um grupo de nuvens negras no lado do monte de Hyôno-yama, provocado pelo vento que, instantaneamente, veio assolar a vila de Kasatani, com uma grande tempestade. Ouviram-se trovoadas. Os relâmpagos cortavam, aqui e acolá, o céu que se tornava medonho. Um tufão passou como um grito diabólico. Perante a brusca mudança do tempo, o povo ficou ansioso, apavorado, sem calma e sem saber o que fazer. O que lhes restava era rezar pelo Deus protetor.

De repente, o estrondo na montanha cessou; nesse instante a chuva e o vento desapareceram bem como as negras nuvens, e o povo

podia novamente ver no alto do céu estrelas brilhantes.

"Dentro da nuvem estava o dragão que vi..."

"Ouvi gritar o dragão que ia fazer desaparecer a vila, com exceção de cinco casas..."

"O dragão ficou bravo, sem dúvida".

"Procedemos muito mal para com o dragão..."

"Ninguém ainda pode prever o que vai fazer no futuro..."

Uns aos outros falavam no terrível acontecimento, ligando o desastre com os efeitos da maldição do dragão. Tremeram novamente de medo.

Nunca mais houve tempestade igual nem se fazia ouvir o estrondo da montanha, e assim o ano passou.

A primavera visitava novamente o vilarejo; as cerejeiras floresciam lindamente, e todos entraram, enfim, numa época de muito trabalho. Numa terra montanhosa, a sericultura constituía para o povo local o único meio de renda. Criaram o bicho da seda, sem descansar. Às vezes, não dormiam, afim de o cuidarem. Havia muita amoreira; o clima também era ótimo. Mas, a pesar dessas ótimas condições, obtiveram pouca quantidade de casulos.

Os agricultores ficaram tristes. A colheita

de avelãs também foi má, antes péssima; os vegetais e as verduras não se produziram bem. Eles ficaram ansiosos com essas dificuldades novas. A colheita do arroz com que contavam, também foi péssima, em consequência da tempestade.

“Deve ser efeito da maldição do dragão...” — diziam uns.

“De que maneira vamos comer... eu não dizia que era melhor tirar o tóro de cedro?” — retorquia outro. E todos olhavam o monte de Hyôno-yama, indignados, porém, não havia mais remédio para tal calamidade que se passou sobre o vilarejo.

O chefe da vila tinha uma linda filha que contava dezessete primaveras. Sua fisionomia era simples e nobre, como lírio silvestre, e como o lindo rosto, o coração era de ouro.

“Seriam os habitantes da vila, que impediram a saída do dragão, culpados? Se tivessem permitido a sua saída, haveria certamente uma terrível inundação. No entanto, por não terem tirado o tóro do rio, eles se acham agora sofrendo tanto. Tirar o tóro, não tirá-lo, era a mesma cousa, porque de qualquer maneira os habitantes tinham de sofrer a mesma consequência. É o nosso destino, que infelizes somos nós!”

A filha do chefe monologava, vendo os habitantes do vilarejo em dificuldades inven-

cíveis. Viera novamente o mês de maio e desta vez todos rogavam a Deus que os deixasse em paz. Eles se recordavam vivamente daquela noite medonha, do ano passado, em que perderam tantas vidas e tantas casas, e tremiam de medo, em só pensar em que a calamidade caísse de novo sobre eles.

Acabado o jantar, todos rezavam ao deus Buda rogando-lhe que não sofressem mais calamidades. Eram miseráveis.

Justamente nessa noite notaram uma sombra negra a sair da residência do chefe da vila, pela porta traseira.

Oito — chamava-se assim a filha do chefe, — dirigiu-se sorratamente para Yakushidô ou seja o templo onde se adora Deus protetor da vila; e ali rezou, em pranto, a Deus, dizendo que os habitantes estavam em grande dificuldade, sem mantimentos para comer e que os salvasse. Oito, de repente, levantou-se e chorou muito, mas depois correu célere para o monte de Hyôno-yama, pelo caminho íngreme. A pobre criatura endoidecera.

“Até o dragão no céu está sorrindo!” — dizia ela, olhando o firmamento, porém minutos depois lançou-se naquele lago que tinha tanto mistério e desapareceu.

Os habitantes do vilarejo não dormiram. A filha do chefe da vila não dava sinal de

vida. Procuraram-na, mas os seus esforços foram em vão.

“Desapareceu o lago, na montanha” — diziam os que subiram a montanha, em procura da filha do chefe. A notícia causara a maior sensação na vila.

Na verdade, o lago em que habitava o dragão que tanta calamidade havia causado, não existia mais aos olhos dos habitantes. Esse fato não deixou de causar medo maior para eles.

O casal que perdera a querida filha adoeceu, e, logo após, morria. Muita gente morrera uma após outra, naquela vila, e quando chegou outro novo ano, na vila habitavam apenas vinte pessoas.

O monte de Hyôno-yama, que destaca a sua figura majestosa no limitrofe de três províncias, o rio de Kasatani-gawa que corre abundante, e o templo de Yakushidô, ainda hoje nos contam a tragedia. A vila não se tornou cidade-terma, como o dragão havia prometido, e as cinco casinhas hoje existentes naquele vilarejo transmitem-nos a tradição, que aqui se acaba de narrar.

UMA MELODIA SENTIMENTAL DE KASHIMA

Não se sabe exatamente a época em que nasceu a lenda, mas presume-se que ela foi criada mais ou menos na era de Temmei (1781-1788), na vila de Itako, que está situada à margem da lagoa de Kasumigaura, na província de Hitachi.

Na dita vila vivia um rapaz de nome Mosaku, que era um bom filho e era alvo de simpatia de toda a população.

*“Poucos sabem que florescem
Por entre as tâbuas de Deshima,
Os lindos iris no Itako”.*

Os pais que viam os seus filhos voltarem das casas de tolerância de Itako, cantando essa canção sentimental, ralhavam com eles e aconselhavam-lhes que seguissem o exemplo de Mosaku, ainda mesmo que fosse por um dia.

Na mesma vila havia uma linda jovem,

que se chamava Osugui. Ela sempre ouvia falar que Mosaku tinha sido sempre um filho exemplar e que assim fazia para o bem-estar de sua mãe. A sua simpatia por Mosaku, enfim, fez com que ela o fosse ajudar os seus trabalhos agrícolas.

As relações entre os dois jovens chegaram ao conhecimento da população e esta já falava no amor dos dois.

Numa noite de estio, Mosaku foi ao célebre templo de Kashima, evitando no caminho as crianças que apanhavam pirilampos. Nessa época, Mosaku andava preocupado com sua mãe que adoecera. Fazia tudo para melhorar a saúde de sua querida mãe, mas a sorte não o ajudava a salvá-la. O único recurso que lhe restava era contar com a misericórdia de Deus, e jurou, então, fazer romaria diariamente até ao templo. A linda Osugui, que compreendeu bem as preocupações do seu namorado, afastou-se também dele, a fim de que ele pudesse continuar a romaria sem ser molestado. Mosaku rezava pela saúde de sua mãe a quem tanto amava.

Dias depois, todos os habitantes começaram a falar que Mosaku frequentava as casas de tolerância. O boato corria de boca em boca; e toda a população dizia que Osugui era infeliz. O boato não deixou de chegar ao conhecimento dela e da sua irmã mais velha. No

entanto, acreditavam como sempre em Mosaku, tido como um filho exemplar na vila...

“Se tem dúvida sobre o caso, vai, alta noite, até a extremidade da vila, onde eu o vi com os meus olhos caminhar para o quartel dos prazeres...” — declarava, um dia, um nativo a Osugui, que ficou surpresa. Pensando nos atos de Mosaku, encontrava também alguma anormalidade em sua vida.

Certa noite, a irmã de Osugui saiu de casa e caminhou na direção do templo onde se adorava a Deus protetor da vila. O mesmo caminho servia para o quartel dos prazeres.

Por entre as árvores do bosque se ouviu barulho de banho; e, dentro da escuridão, a figura de um homem vazava água fria sobre a cabeça. Feito isto, o homem se ajoelhava perante o relicario, rezando.

“Já hoje é a 50.^a noite...” — monologava o rapaz. E após rezar, regressou devagar para casa sob o luar. No caminho não encontrou os rapazes que voltavam das casas de tolerância, e o silêncio dominava totalmente o sítio. Porém, ficou assustado com o barulho de alguém, e quando se voltou para ver, encontrou diante dele uma mulher conhecida. Mosaku, entretanto, regressou à casa, sem trocar palavra com essa mulher, que não desviava dele os seus olhares.

Uma voz no deserto, era como um lamento:

“Sinto-me tão só. Aliviaria a dôr, se confessasse à Osugui o sofrimento que durou cinquenta dias. Quero chorar junto dela. Tudo não passa de desconfiança. Se um dia a saúde da minha mãe melhorar, voltarão os dias alegres para sorrirmos como outróra..”

Mosaku andava muito triste, pois durante cinquenta dias estava separado de Osugui, que, por sua vez, também andava triste. Ao crepúsculo de um dia, Osugui foi até a margem da lagoa de Kasumigaura, a fim de apreciar o arreból da tarde e lá ficou cismática.

Os barquinhos à vela, da carreira de Itako, voltavam à vela cheia, e os pescadores cantavam: — “Tu és a lua nova, vislumbrei-te só ao crepúsculo...”

Essa canção causou a Osugui uma tristeza imensa. Os dias se repetiram, quando chegou ao seu conhecimento a morte da mãe de Mosaku. Esse fato não deixou de a entristecer mais.

Mosaku, que perdera a mãe, desanimado, saiu de casa. E foi caminhando atôa, até chegar ao quartel dos prazeres. Alguns rapazes, que o encontraram no caminho, disseram-lhe, que não se entregasse ao prazer sozinho, que com eles se divertisse. Assim os rapazes,

agarrando Mosaku, levaram-no para uma casa de tolerância.

Nessa casa, Mosaku encontrou pela primeira vez uma linda mundana, mas à primeira vista, lançou um grito que espantou os seus companheiros, pois a mulher que se apresentava diante dele parecia ser Osugui, a sua apaixonada. Simples imaginação. Não era Osugui. A mundana sorriu delicadamente e ele bebeu o “saké”, vinho nacional atôa. Quanto mais bebia, mais o passado lhe parecia fugir, a memória da querida mãe e da sua namorada.

Enfim se tornou como um homem do qual falava o povo: um libertino que frequenta casas de tolerância e diverte-se com as desgraçadas. Não podia suportar essa situação, essa vida. A sua consciência quasi o apunhalava. A mãe morrera, enganara a Osugui... Para fugir a esse sofrimento, frequentava o quartel de luzes vermelhas, em companhia dos rapazes.

Entre os habitantes houve naturalmente quem aconselhasse a Mosaku para que novamente se tornasse um filho exemplar da vila; mas, vendo que ele ficava silencioso, com lágrimas, não tinha coragem para fazê-lo sofrer mais.

Osugui, por sua vez, também desejou ardentemente que o seu namorado se tornasse

um bom filho, digno do seu amor, mas ele a evitava.

Ontem mesmo vendo Mosaku na extremidade da vila, ela correu e agarrou-se à manga dele, mas o rapaz, sacudindo a mão, fugiu para longe dela.

Osugui passava então os seus tristes dias, sempre suspirando e, às vezes, chorava, deitando-se por sobre as ervas silvestres, banhas de orvalho. Passaram-se alguns dias, quando um boato apareceu, dizendo-a louca.

De fato, ela ficara louca; à noite, agora saía frequentemente para as proximidades do templo de Kashima, às margens da lagoa de Kasumigaura, onde cantava: — “Se há Deus em Kashima, deixe-me ele encontrar mais uma vez o meu querido...”

A sua melodia era tão triste, que, em ouvindo-a, ficávamos também tristes.

Um dia foi o cadaver de Osugui dar à margem da lagoa e, no dia seguinte, no mesmo local, apareceu o cadaver de Mosaku, que se lançára nágua.

“Se há Deus em Kashima, deixe-me ele encontrar mais uma vez o meu querido...” Os remadores de barcos, da carreira de Itako, começaram a cantá-la, e a canção entrou também no quartel dos prazeres de Itako. A canção de Itako, que se conhece hoje em nossos dias, é a mais bela das melodias de amor.

OWAKA

Habitava, em Wakura, numa pobre vila de pescadores, ao norte do Japão, uma linda musumé, de nome Owaka. Ao escurecer, numa tarde de estio, um jovem samurai bateu à porta de uma hospedaria, pedindo apressadamente a Owaka que lhe abrisse a porta, e que o conduzisse para o interior da casa. O samurai estava ferido e gemia de dôr.

A linda Owaka simpatizou-se logo com ele.

O samurai permaneceu na hospedaria, tratando dos ferimentos que recebera durante a caça. Após algumas horas, a notícia de que na hospedaria se encontrava um lindo rapaz, correu célere por toda a vila. As jovens, que foran vê-lo, ficaram desde logo apaixonadas. Em breve, o samurai e Owaka passeavam juntos, pela praia, nas noites de luar.

Um dia, após o crepúsculo, sentados sobre uma rocha na praia, sob a carícia da brisa, segredavam um ao outro:

— Como já declarei — dizia o jovem —

não me é possível permanecer muito tempo, pois, assim que sarar as feridas, devo partir.

— Hein, mesmo que fosse amanhã! replicava a moça com lágrimas nos olhos.

— Mas nunca te esquecerei, meu amor! Pois sou homem digno e peço-te que esperes por mim.

— Sim; mas não revelas nem o teu nome! Não acredito nas tuas palavras.

A jovem tinha razão, porque ele nunca falava de si. E ela chorava.

O samurai consolava a linda musumé com palavras amáveis; mas, de repente, calou-se, excitado por qualquer cousa, e indicou a ilha de Notoshima, dizendo:

— Juro-te por deus. Tu me dissesstes que o cervo apaixonado vem sempre pelo mar e quem o impede na sua marcha perderá a vida.

— Tem fé que o cervo de Notoshima há de voltar; mesmo, depois de morto, há de vir ao teu encontro, ainda que transformado.

— Ainda que transformado! Repetiu a moça, admirada e satisfeita, com o juramento do samurai. E Owaka deixou-o partir. Assim os dois apaixonados se separaram.

Voltava nova primavera, quando Owaka deu à luz um menino. A ansiedade pelo samurai aumentava com o crescer do seu bebé. “Hoje?” “Amanhã?” Esperava loucamente

pelo samurai, do qual não havia nenhuma notícia.

— É castigo do seu pecado! É vingança contra aquela que se entregou ao desconhecido!

As zombarias desta natureza caíam sobre Owaka, que resignadamente a tudo suportava. Mas, começou a vaguear pela praia e a gritar de maneira incompreensível para a população.

Uma noite, um bando de veados, de que falava a tradição de Notoshima, atravessou o nado o mar, em direção à terra. Foi uma cena gigantesca! Sob o lindo luar, o mar calmo parecia um espelho de prata.

A população correu apressadamente à praia, afim de assistir ao maravilhoso espetáculo.

Nesse instante, a voz trêmula de Owaka quebrou todo o silêncio que reinava na terra.

— Vem aí meu cervo!

A rapariga, que acabava de sair da sombra de uma árvore, correu gritando até ao mar, como se perseguisse qualquer cousa, e de repente, agarrou num grande veado que saiu das águas.

Os veados espantados pela enorme massa de populares, corriam aos quatro cantos. Mas um deles, agarrado por Owaka, lançou-se de novo ao mar.

Na manhã seguinte, o cadaver de Owaka e do animal foram encontrados na praia. A

população que zombára de Owaka, rezou, sem pronunciar qualquer palavra, pela alma da infeliz.

Nunca mais os pais consentiram que suas filhas saíssem à noite, em que se ouvissem os berros dos veados.

A ILHOTA KAMESHIMA

Há séculos, havia no alto mar de Shikoku uma ilha de nome Kameshima, cuja área não passava de 4 quilômetros quadrados e nela habitavam uns quinhentos pescadores; era uma povoação, por assim dizer, pacífica e feliz, e a população respeitava certa tradição.

Os pescadores saíam, ao amanhecer, para o alto mar e só voltavam à vila, ao cair da noite. As filhas destes pescadores tomavam conta dos serviços domésticos, sempre preocupadas com um acontecimento previsto na lenda.

Na grande mata situada no centro da vila, havia um santuario onde se adorava a divindade. Todas as manhãs, os pescadores iam ao santuario para prestarem o culto habitual. Havia nesse santuario, um par de cachorros-guardiães de pedra, a pesar de trabalhados por um escultor vulgar, tinham nos seus olhos raro brilho e parecia correr-lhes nas veias

sangue vivo! O destino da ilha estava nesses grandes olhos luzentes.

Certo dia, um sacerdote budista de nome Kôbô-Daishi, que havia peregrinado naquela ilha recebera da parte da população grande demonstração de simpatia e hospitalidade, e ao deixar a ilha, dissera ao povo: — “Sou imensamente grato pelo fidalgo acolhimento de que fui alvo. Desejo despedir-me de todos, usando algumas palavras. Meus amigos! Esta não é uma simples ilha; é antes uma ilha fatal que submergirá um dia no fundo do mar”.

Essas palavras causaram verdadeira indignação e pânico aos que assistiam a despedida. E comentavam:

“Pobre e desgraçado sacerdote! Mau budista! Em vez de agradecer a nossa hospitalidade, fala dessa maneira imperdoável do nosso destino. Que ousadia!”

A rapaziada gritava contra ele, mas o sacerdote, em voz firme, acrescentou: — “Esperai, meu povo, eu não minto. Vós não entendeis o futuro dessa ilha. Os chefes de família tem que observar diariamente, pela manhã, os dois olhos dos cachorros. Se se acharem avermelhados, a ilha irá ao fundo do mar”.

Estas últimas palavras calaram fortemente no espírito do povo, que ficou num si-

lencio absoluto. O barco do sacerdote então dirigiu-se para o alto mar.

Os chefes de família começaram a observar atentamente os olhos dos guardiães do santuario, na romaria quotidiana; mas, como os olhos eram de pedra, nada havia acontecido de extraordinario. Por isso, os chefes de família, após a oração, regressavam à casa tranquilamente.

Algumas décadas depois, numa noite de tempestade, arribou uma pequena embarcação na qual se achavam seis pescadores que haviam passado alguns dias em alto mar, à mercê das vagas.

Eram piratas que devastavam os mares de Tosa e Hyûga. O povo da ilha acolheu-os com a maior benevolência, dando-lhes agasalho indispensavel e hospitalidade. Dias depois, sentiam-se restabelecidos, graças ao trato da população, mas, sem saberem para onde se dirigir, permaneceram ainda por algum tempo.

Os piratas viviam enfadados e, ao correr dos dias, conheceram a tradição da ilha. E tomaram a tradição como simples bobagem.

Mas, dias depois, um temporal visitou a ilha, furiosamente. Toda a população recolheu-se em casa, e apenas se ouvia lá fóra o barulho dos vagalhões. A escuridão cobria toda a ilha. Durante essa terrivel tempestade, saíram os seis piratas para roubar o santuario

e mexer nos cachorros-guardiões, desafiando a tradição. E nessa mesma noite, uma coruja gemeu na mata, presagiando um acontecimento grave.

No dia seguinte, pela manhã, sob o céu azul e límpido, o mar estava calmo como nunca! Nem parecia que na noite soprara a tempestade; de cada chaminé subiam fumaças, e os habitantes conversavam acerca do acontecimento. De repente, gritou o Tritão como se predissesse algo anormal. A população inteira de Kameshima ficou então surpresa, e, apressadamente, se dirigiu ao santuario com enorme ansiedade para averiguar o que se passava.

Encontraram o chefe da vila, cuja fisionomia estava séria como nunca. Este, depois de observar atentamente o santuario, por alguns minutos, dirigiu a palavra ao povo que se reuniu no pátio:

“Povo da minha terra, chegou, enfim, o dia fatal para nós, dia que tememos por longos anos; a nossa ilha desaparecerá esta noite. Reparai bem, os olhos dos cachorros, estão brilhantes como se ardesse neles qualquer cousa!”

Então os habitantes olharam, num só movimento, os olhos daqueles cachorros-guardiões, que se apresentavam tingidos de vermelho.

Esses olhos fitavam o céu, como se pedissem vingança contra os ultrajantes.

Pouco depois, reinou na ilha, grande confusão: dezenas de embarcações repletas de homens, mulheres, velhos e crianças saíram rumo a Tokushima. Os velhos pediam a Buda misericórdia e olhavam com saudade o torrão natal que se distanciava cada vez mais. Ao anoitecer, a vila estava completamente despovoad!

De repente, apareceram seis vultos na mata onde estava situado o santuario. Eram os piratas. Notaram sarcasticamente o vestígio da grande confusão causada pela brusca retirada dos habitantes, há poucas horas. Ficaram contentes e, sentados nas esteiras estendidas no chão, celebraram um banquete.

E comentavam: — “Olhos que pintamos de rubro nos beneficiou com esta ilha!”

Nesse momento, um dos piratas que fitava os olhos dos cães-guardiões, ao voltar as costas, deu uma risada; e limpando a face, se dirigiu para golpear as cabeças dos cães-guardiões. Sob o luar daquela noite, em completo silêncio, somente as gargalhadas ecoavam pela mata!

A noite avançava, enquanto a lua cada vez mais descambava. Em dado momento, porém, um dos piratas embriagados ficou muito surpreso por ver que as casinhas se iam desapa-

recendo, uma por uma nas águas. E murmurou: — “Olhem, meus camaradas, há qualquer cousa de extraordinario...!” À voz trêmula desse homem, os outros também se levantaram para observar o fenómeno na praia; e, todos perderam a côr de suas faces. Na verdade, a ilha Kameshima ia se afundando aos poucos. Então os piratas, pela primeira vez, tremeram de medo.

Quando os piratas de novo olharam os dois cães-guardiões do santuario, os seus olhos luziam extraordinariamente, fixando-os terrivelmente no céu.

No dia seguinte, pela manhã, encontravam-se os seis cadáveres na praia. Ninguém mais viu a bela e pequena ilha Kameshima. — Segundo a tradição, a dita ilha submergiu em 6 de agosto de 1594 da éra cristã.

A BALEIA

Durante o mês de dezembro, as ondas furiosas do Pacífico batem contra os rochedos das costas; é que o inverno visita a província de Tosa. Os gritos excitantes das gaivotas tornam belo o ambiente. Nessa época o porto de Muroto, próximo ao monte Noneyama, enche-se de baleiros, e os brados de exortação, que fazem todas as vezes que conseguem pescar alguma baleia, ecôam pelas vilas e montanhas.

O castelo do último feudatario Onitsuka Shichirôyemon ficava situado numa colina, ao norte de Muroto. Ele havia ordenado a pesca às baleias para o dia seguinte. Em Muroto viam-se já as luzes acesas por toda a parte; e a torre do castelo banhava-se brandamente pelo luar, enquanto as ondas pequeninas e crespas corriam barulhentas pelo fosso que circunda o castelo. Do interior do salão vinham suavemente as melodias executadas pelo

“samisen”. Celebrava-se, de vespera, a festa pelo sucesso da pesca.

Kichizayemon Kawanaka, juiz do Distrito, voltava do castelo, alta noite, após ter tomado parte no banquete do feudatário. Recolhia-se sozinho numa sala separada e, quando ia a dormir, sentiu como se alguma coisa o apertasse. Nesse momento, ouviu uma voz que o chamava. Acordou, surpreendido com duas mãos no peito. Suores frios correram-lhe pelo corpo. Levantando-se então, pegou na espada e perguntou:

— Quem és tu, dize teu nome?

Sentada, e junto dele, chorava estranha e bela criatura.

— Sr. Kawanaka, vim para rogar-lhe uma coisa. Queira atender ao meu pedido...

O juiz atencioso ordenou que ela falasse, sem mais delongas. Então a moça contou-lhe a seguinte história:

— Na verdade eu sou uma baleia e estou para dar à luz um filho. Diz-se que haverá amanhã pesca às baleias, e eu tenho de passar em Muroto justamente na hora da pesca. Pelo amor de Deus, adie um pouco o início da pesca! Assim que nascer o meu filho, entregar-me-ei!

Kichizayemon ouvia-a atentamente, com os braços cruzados sobre o peito. Simpatizando-se com ela, pensou até salvar-lhe a vida, se

pudesse. Lembrou-se de Akiba, sua mulher, e de Kichinosuke, seu filho. Entretanto, a ordem do feudatário era mais importante do que qualquer sentimento. Para cumprir os princípios do Bushidô, havia de abandonar a sua misericórdia e o seu sentimentalismo. Não podia desobedecer à ordem do superior; mas era cruel negar o pedido da moça. Então, pensando em mentir, disse:

— Aceito o teu pedido. Em compensação, logo que deres à luz o teu filho, é preciso voltar aqui e seres presa, comprehendes? Então, vai-te embora depressa!

A baleia, obedecendo, desapareceu. Kichizayemon, porém, pedia mil desculpas, por ter enganado a baleia.

Enfim, havia chegado a hora da pesca. O coração de Kichizayemon batia freneticamente, de medo.

Uma fogueira era o sinal dado, e do mar, como resposta, outra fogueira. Kichizayemon, com o coração magoado, continuava a pedir perdão.

O ponto branco vinha cada vez maior e os balceiros, com as velas enfunadas em grupo, regressavam ao porto. Ouvia-se a alegre canção do barqueiro, entrecruzando-se pela terra e pelo mar. Nesse momento, Kichizayemon reparou em uma coisa vermelha.

— É sangue! É sangue! É sangue que

vem correndo da ferida da baleia, sangue maldito!

Voltou ao castelo, recusando ao rogo do povo, e confessou minuciosamente o que acontecera na vespera. Pediu ao feudatário que lhe entregasse o filho da baleia. O feudatário atendeu ao seu pedido de boa vontade e até lhe deu premio. Assim ele enterrou o cadáver do filho da baleia, com o tratamento devido.

Depois de alguns dias, quando estava deitado junto à sua mulher, uma voz chamou-lhe. Levantou-se então surpreso, e viu aí uma baleia banhada em sangue, olhando-o com desdem. Sentiu um calafrio.

— Não me odeies. Perdoa-me por ter mentido, mas saibas que eu enterrei o teu filho carinhosamente. Perdoa o meu pecado, peço-te mil desculpas!

— Não; respondia a baleia ensanguentada — não o perdôo. Fui enganada, a pesar de sua promessa. Hei de vingar-me. Apertar-te-ei o pescoço desta maneira. E fez um gesto terrível.

Ameaçado, ele tomou da espada e, com um grito, vibrou-a: ao mesmo tempo ouviu-se um urro agonizante. Após o acontecido, olhou a vítima, e com surpresa verificou que a sua querida esposa estava morta.

Dias depois, visitou o sacerdote do templo budista a que pertencia e, após ter raspado a cabeça, partiu para uma viagem sem destino certo....

A LAGOA

A vila Ohtsu, na província de Higo, está situada na região montanhosa, a trinta quilômetros aproximadamente da costa marítima. A quatro quilômetros da vila existem as pequenas povoações de Fukida, Mori, Jinnai e Shitamachi, com cento e trinta habitantes cada uma, mas de famílias ricas. É, por assim dizer, um paraíso.

Segundo a lenda, o lugar onde existem as referidas vilas, há séculos, era uma grande lagoa cuja área ia além de dezoito quilômetros quadrados. Essa lagoa produzia muito sal e era rica em peixes. Diz-se que nessa lagoa havia todas as espécies de peixes que se conhecem hoje.

Vejamos a lenda:

Há séculos, habitavam dois deuses à margem da mesma lagoa; um governava o reino animal, e outro o reino vegetal. Nesse século o mundo era muito primitivo e o povo não

sabia pescar. Por isso, os peixes aumentavam extraordinariamente.

O mesmo acontecia em relação aos animais. O deus do reino animal, então, aflito com esse fato, exterminou os animais e os peixes inúteis à vida humana. O deus do reino animal lançou na lagoa todos os animais mortos, transformando-a em terra. Assim a lagoa tornou-se um campo fértil para as culturas agrícolas.

O deus do reino vegetal exultou por ver que o seu reino se desenvolvia. Decidiu, então, salvo uma parte reservada para as habitações, aproveitar toda a área para o plantio de cereais, canas e outras culturas agrícolas.

As culturas agrícolas não deixaram de ser excelentes numa terra fértil, obtendo-se ótima colheita de todas elas.

O povo que habitava pelas proximidades, então, transferiu a sua residência para a antiga lagoa, onde se dedicou à agricultura, satisfeito com a natureza.

Todas as culturas tiveram colheita dez vezes maior do que nas outras regiões, e os habitantes vendiam o que lhes sobrava a outras províncias. Assim acumularam dinheiro, de maneira que, em poucos anos, enriqueceram e viveram em paz.

MAMUNHA DE NINFA

Há muito tempo u'a moça, natural da ilha de Sado, enamorara-se de um moço da província de Echigo.

A moça de Sado, que nunca esquecera o moço de Echigo, saía logo que desaparecia o sol no horizonte, para encontrar-se com o seu amado. Diariamente, a nado, se dirigia à terra de Echigo, atravessando umas trinta milhas, tendo como bússola a lâmpada perpétua do templo Isomyôjin da Katamachi.

Após grande esforço, chegava à praia, com o cantar dos galos anunciando a alvorada, e, jurando ao moço que tornaria a vê-lo, voltava à ilha. O "rendez-vous" costumeiro era apenas de poucos minutos.

Este encontro diário, no entanto, era motivo, para a moça de Sado, de grande contentamento. Por isso, a moça atravessava o mar todas as noites, para apaixonadamente abraçar o moço querido.

O moço de Echigo, a principio sentia-se

feliz; porém, à medida que se repetiam os encontros, tornava-se indiferente.

Quanto mais forte era a paixão da moça, maior era a indiferença do moço que procurava livrar-se do seu amor.

E um dia apagou de propósito, às escondidas, a lâmpada perpétua do templo Isomyôjin.

Talvez se arrependesse no momento em que apagara a lâmpada perpétua, que constituía o unico alvo da moça. Infelizmente nessa noite não havia luar nem sequer estrela que guiasse a moça para o encontro. Estava completamente escuro, e apenas se ouvia o rumor das ondas.

No dia seguinte, pela manhã, o mar de novo aparecia sereno. Entretanto, fôra descoberto um cadaver de mulher, batido pelas ondas, na praia, bem perto da lâmpada perpétua do templo Isomyôjin.

Na barriga do cadaver se achavam crescidas lindas escamas côr de platina. Os lindos e alvos dentes estavam cerrados e os seus cabelos pretos despenteados.

Dizem que a mamunha de ninfa no templo Isomyôjin é o verdadeiro lugar onde se sepultou o cadaver daquela moça. À beira do mar, alguns pinheiros estendem os seus galhos na direção da linda ilha de Sado, lembrando os habitantes de Echigo esta triste história.

OS SACOS DE OURO

Os viajantes, que vão de trem rumo a Nagasaki, avistam a noroeste, quando passam pela vila de Sumiyoshi, província de Hizen, uma montanha que se chama Kurokami-yama ou a Montanha de Cabelos Pretos.

Há séculos, habitava ao pé dessa montanha o governador da vila, Seisuke com sua filha Okimi. Tinha então a moça dezessete primaveras e gozava vida socegada e feliz com seu pai.

Okimi acordara de um sonho, e com os cabelos ainda em desalinho, fôra à janela para ver um rapaz, que, guiando um boi, ia para a montanha, afim de cortar lenha. Estava enamorada dele. As vezes, ficava o dia inteiro olhando a montanha, pensando no rapaz por quem se apaixonara. O rapaz chamava-se Shinzaburô, um dos mais estimados da vila, embora pobre, e servia ao pai como um bom filho.

Tinha sofrido muito no seu passado, amal-

diçoado pela sorte, e teve por anos que passar uma vida errante. Sem sorte, a pesar de ter andado muito, não pôde encontrar trabalho em nenhuma vila por onde passara. E, em companhia do pai doente e uma irmã débil, teve que vaguear de vila em vila. Havia três anos que se estabelecera provisoriamente em Kôba, situada num vale, e ali passara uma vida tranquila na fé cristã. Corria-lhe nas veias o sangue dos fortes. A fé era o incentivo inestimável nos seus trabalhos.

Dia e noite, Okimi pensava nele, e seu amor cada vez se tornava maior; e muitas noites chorou por ter saudades.

Viera a primavera, e o verde cobria o campo e as montanhas. Chegava a época mais atarefada, e Seisuke, seu pai, muito se ocupava com o plantio de arroz. Entretanto Shinzaburô, que não possuía nenhuma terra, subia como sempre a montanha para cortar lenha.

Era um dia de chuva. Ao crepúsculo, Shinzaburô voltara do seu trabalho para casa, onde sua irmã o esperava ansiosamente. Ajudava ao irmão a descarregar as lenhas, quando encontrou um saco, e mostrou ao seu irmão surpreendida.

Shinzaburô também ficou surpreso, pois nem ele sabia como é que o saco se achava entre as lenhas. Porque, naquela montanha, não

era possível encontrar aquele sacco lindíssimo de brocado.

Estranhando o sacco achado, abriu-o com muita curiosidade, junto à sua irmã, à luz da lâmpada. Ficaram mais surpreendidos quando encontraram dentro do sacco uma peça de ouro. A irmã ficou muito contente. Shinzaburô, por sua vez, pensava no caminho que ele tomara naquele dia, mas não podia encontrar a razão por que veio cair aquele sacco entre as lenhas que ele carregara para casa.

O pai, que assistia àquela cena, olhou com desconfiança seu filho; mas, quando o viu sério a pensar no acontecimento, não pôde repreendê-lo. Dessa maneira os três ficaram atrapalhados para decifrar o enigma. Apenas acreditaram em obra miraculosa do Cristo.

Desse dia em diante, era frequente, encontrar um sacco contendo peças de ouro entre os galhos que ele trazia para casa. Apareciam assim os sacos, não se sabe como, nas lenhas cortadas na montanha. Em todo caso parecia-lhe ser um grande sonho, e não sabia como proceder. Antes tinha medo de guardar aqueles sacos misteriosos.

O amor de Okimi por Shinzaburô, entretanto crescia cada vez mais ardente. Para ela, as riquezas e as propriedades do pai não eram nada. Não pensava em sua casa, mas em Shinzaburô, que era o único motivo de sua vida.

A paixão já se tornava tão aguda que não pensava em mais nada, senão no rapaz que andava diariamente com o seu boi.

Uma camponesa, que nunca se havia visto, costumava então aparecer nas proximidades da montanha, ao crepúsculo; e escondia-se dentro das matas. Era Okimi, a apaixonada de Shinzaburô. Ela esperava o rapaz, quando de volta de seu trabalho, e seguia-o para deitar o saco sobre as lenhas. E voltava satisfeita à sua casa, às escondidas, como se nada tivesse acontecido.

Mas, Deus não era indiferente ao amor ardente da moça apaixonada; e Shinzaburô também não era indiferente à moça que pensava nele loucamente.

Enfim Shinzaburô soube que aqueles sacos eram colocados pela mão gentil daquela criatura. Ficou então muito contente. Daí em diante Shinzaburô não regressava mais para sua casa à hora habitual. Demorava-se muito e os seus tiveram assim outra ansiedade.

À noite, ao pé da montanha os dois amantes conversavam secretamente de seus amores, longe dos olhos dos habitantes.

Os dois se tornaram assim inseparáveis. Aproximava-se a época em que o governador devia levar tributos ao seu feudatário.

Um dia, o governador abriu o seu cofre e, espantado, deu falta do dinheiro que nele

guardara. Procedeu a sindicâncias, com os empregados e o guarda do cofre, mas ninguém sabia a causa daquela falta. Naturalmente o governador nunca duvidara de sua filha.

A sindicância tornava-se cada vez mais rigorosa; mas um dia ele ouviu populares cantarem a seguinte canção:

*“Okimi, Okimi, filha do chefe,
Para onde foi na noite passada
Com guarda-chuva feito de palha.
Se o portão não revelasse
O grande segredo da menina,
Nunca se saberá para quem foi
Dadas aquelas peças de ouro”.*

Até os criados a cantarolavam e a canção misteriosa se espalhou por toda a vila. Quando ouviu aquela canção, o governador enraiveceu e muito sofreu quando soube a história da filha querida.

O seu amor pela filha era grande. O governador ralhou muito com a filha, mas Okimi estava resoluta para enfrentar qualquer dificuldade. Não temia nada, era corajosa.

Compreendia perfeitamente o coração esmagado de sua filha, mas não podia esconder o ódio contra o rapaz.

Nessa época, naquela província, aconteceu muita coisa estranha. As cerejeiras do tem-

plo Shitanomiya, da montanha dos Cabelos Pretos que estavam mortas, começaram antes da época a cobrir-se de flores brancas. As palavras de um profeta, que aparecera então, eram certas em relação aos acontecimentos.

O feudatario dava ordem aos governadores e chefes da vila para condenar qualquer cristão. O boato de que Shinzaburô era cristão e, enganando a filha do governador, acumulava o dinheiro para preparar a luta religiosa, correu célere por todas as vilas.

Seisuke, governador da vila, ficou desesperado, pois ele não podia deixar de imaginar que uma horrível perseguição faria sofrer muita gente. Quis salvar a sua filha, custasse o que custasse, e ele mesmo quis sair daquela dificuldade medonha. Então pensou em eliminar o rapaz, pois assim tudo seria melhor.

Entretanto, mesmo nesse meio desfavoravel para Shinzaburô, ele estava muito sereno. Era o inverno. Um dia preparou-se para subir a montanha, mas, nesse dia, anunciava-se uma tempestade. O pobre pai aconselhou-o que não saísse, e a irmã tudo fez para detê-lo, chorando. A pesar disso ele não obedeceu aos seus. Saiu alegre, cheio de sua felicidade. Apressou-se na caminhada pela montanha; e daí nunca mais se viu aquela figura simpática de rapaz. O fato chegou ao conhecimento de Okimi, que correu para a montanha, gritando

o nome dele. Correu a montanha coberta de neve, para também desaparecer.

Poucos dias depois, a neve da montanha dissolvera-se completamente, e surgiram dois rochedos na montanha dos Cabelos Pretos que nunca falou do segredo. O povo chamava-os de Rochedos de Okimi e Shinzaburô, ou Rochedo Feminino e Rochedo Masculino. Segundo a tradição, diz-se que, em 31 de dezembro de cada ano, de acordo com o calendário lunar, os dois rochedos se aproximam, e que se ouvem soluços dos jovens desaparecidos.

A LUA NOVA

Numa pequena vila situada à margem de uma lagoa, no norte do Japão, realiza-se anualmente, em 3 de março, segundo o calendario lunar, uma festa folclórica e tradicional, — a festa da lua nova.

Essa festa tem por origem uma história triste.

A referida vila foi sempre muito pobre. Tempestades sopravam frequentemente nos meses do outono e do inverno, arruinando as culturas agrícolas. A natureza, por conseguinte, era rude; só a lagoa quebrava a monotonia da paisagem.

Ao despontar da primavera, após longas noites de inverno, as ervas cresciam sob o sol acariciador, e começava então uma vida mais amena para a população; uns, se dedicavam às culturas agrícolas, enquanto outros à tecelagem, ou à coleta de lenhas. A pesar da inclemência do tempo e da aspereza da natureza, reinava a paz naquela vila; mas a tem-

pestade visitava-a infalivelmente no dia 3 de março de cada ano.

Numa primavera, segundo a tradição, diz-se que aparecera naquela vila uma pobre velhinha, cuja procedência era completamente desconhecida, pedindo esmola à população. Um homem generoso teve a bondade de acolhê-la em sua casa, onde a tratou carinhosamente. Mas, pouco depois, uma epidemia terrível devastava toda a vila, e em consequência, morreram dezenas de pessoas, inclusive as da família do bondoso homem. Interpretava-se que a epidemia fôra obra mágica daquela velhinha, por ter ela escapado à fúria da desgraça.

O homem, então conduziu a velhinha, sob qualquer pretexto, à beira da lagoa, e em seguida lançou-a, sem piedade, ao fundo. Isto aconteceu no dia 3 de março. A velhinha morrerá, de certo, sem ser assistida por ninguém.

Por isso, nessa data, em cada ano, negras e grossas camadas de nuvem cobriam infalivelmente o céu daquela vila; e, a rajada da chuva arrancava árvores, demolia habitações. Agitavam-se as águas da lagoa que em tempo normal refletiam as sombras das montanhas da redondeza serena e lindamente. A tempestade assim devastava tudo. Em cada noite desse dia terrível, uma moça recentemente casada desaparecia, e nunca mais nem mesmo o seu

cadaver era visto. A desgraça se repetia anualmente. Enfim, nenhum casal que tivesse moças casadouras consentiria mais que as filhas se casassem com os rapazes daquela vila amaldiçoada. Desta maneira, a população da vila havia de desaparecer cedo ou tarde.

Na noite de 3 de março de certo ano, a população ansiosa pensou na nova vítima que haveria de desaparecer. De manhã cedo, todos estavam cheios de medo e inquietos. Com os olhos na lagoa, eles observavam atentamente se surgia qualquer fenômeno. A pesar disso, naquela noite, não soprara tempestade nem chovera, e a linda lua nova se refletia serenamente nas águas.

O povo, ao contrário, temia que, em tal noite, houvesse calamidade maior do que nos anos passados, inquietando-se.

A alta noite, porém, apareceu uma pobre velhinha que não deixou de ser estranha ao povo, e disse a um viajor: — “Esta noite não tenho vontade de causar tempestade, não quero mais sacrifícios; não posso planejar contra o prestígio da lua nova...”

A nova espalhou-se por toda a vila. Contaram que a velhinha surgira nas margens da lagoa e desaparecera de repente. Daí em diante não soprou mais a tempestade, nem desapareceu a recém-casada. Toda a vila assim pôde gozar de sossego.

A população daquela vila então começou a acreditar no prestígio da lua nova e, ainda hoje, no dia 3 de março de cada ano, os habitantes da vila celebram uma festa tradicional, da qual tomam parte todos os moços.

CANÇÃO DE OKESA

No Mar do Japão, a oeste de Niigata, estende-se a ilha de Sado, berço de uma canção típica conhecida pelo nome de Okesa e também de uma dança folclórica para acompanhá-la.

Essa canção, cuja melodia melancólica é cantada, hoje em dia, por todo o povo japonês que, entretanto, desconhece sua origem.

Quanto à origem, há varias versões; porém, honra-me apresentar aos leitores uma das mais belas:

Na vila de Kogui, na referida ilha, habitava há muito tempo um velho lavrador que fôra outrora muito rico, agora em situação precária. A sua querida companheira morrera havia 15 anos, sem deixar filhos, apenas uma gatinha de três côres, para a qual o velho lavrador dirigia palavras, como se falasse à sua saudosa companheira, sempre carinhosamente:

— És boa, tu me entendes, não é verdade?

Ia, porém, aumentando, cada vez mais, os onus de sua vida. Os credores iam sempre

exigir-lhe o pronto pagamento de seus débitos. Mas, nesta situação crítica, o velho nunca se desesperava.

A pesar do seu árduo trabalho nos campos, não podia produzir cousa suficiente para diminuir a importância dos juros. Às vezes, os credores, sem paciência nem misericórdia, iam-lhe exigir o dinheiro emprestado, à força.

Um dia, um dos credores foi à sua casa, mas, vendo que era impossível cobrar-lhe cousa alguma, saiu indignado. Então, o velho dizia à gatinha, monologando: — “Tu entendes algo dos meus sofrimentos, mas és um animalzinho e não me podes ajudar neste transe doloroso. Não me arrependeria ainda que os credores me tirassem esta casa ou mesmo eu morresse, mas como viverias tu, gatinha? Se fôres maltratada, como poderei descançar no paraíso?”

E o coitado chorava copiosamente. E a gatinha, que tudo assistira silenciosamente, desapareceu nessa noite para não mais voltar. O lavrador procurou-a por toda parte, sem encontrá-la. Fora-lhe forte o choque. Alimentando a esperança de um dia tê-la ao seu lado, rezava ansiosamente pela sua volta, com a vela acesa no altar doméstico. Passaram-se alguns dias; já julgava que estivesse morta em qualquer sítio. A força e a vontade para o trabalho lhe diminuía completamente. Desesperava,

rado, dessa maneira, com a sua sorte, ainda vivia da saudade da gatinha.

Um dia, pouco mais tarde, um dos credores novamente foi cobrar-lhe o dinheiro emprestado, mas o velho, resoluto para enfrentar qualquer dificuldade, estava relativamente tranquilo, pensava até em ir em peregrinações pelas trinta e três terras santas, na ilha de Shikoku.

Nesse momento crítico, apareceu, em sua casa, uma menina gentil que presumivelmente teria dezessete anos. Esta sentou-se muito cerimoniosamente entre os dois. Surpreendido, o credor lançava olhares de desconfiança, ora ao velho, ora à menina. O lavrador, porém, na impossibilidade de prever o que ia acontecer, olhava surpreso e atentamente a menina imóvel. Esta, por sua vez, então falou: — “Meu caro senhor, não se aflija; deixe tudo por minha conta. Não é que eu tenha dinheiro disponível para tal fim, mas desejo sacrificar-me, porque aprendi uma dança na minha infância. Queira levar-me para onde quiser, para qualquer casa de chá...”

Disse estas palavras, com as mãos postas na esteira, num gesto mais respeitável. O velho lavrador, muito espantado com o gesto da rapariga, respondeu:

— “Não a conheço, como posso proceder dessa maneira?”

Pedi à menina que desistisse de tal sacrificio; porém, ao contrário, o credor, após ter trocado algumas palavras com ela para saber a sua idéia exata, saiu em companhia da linda musumé. O velho acompanhou-os até a porta, para se despedir; a menina voltava o rosto, como se saudasse o velho, que ficou alguns minutos cismático, até que desapareceram de sua vista.

A menina, levada à presença do proprietario de uma casa de chá, chamava-se Okii. Esta, além de ter aparência apresentavel, tinha nos seus olhos sinais de grande vivacidade. Ao proprietario, que lhe fizera varias perguntas, declarou acanhadamente que sabia apenas uma dança. Aquele gesto ingênuo e encantador agradou bastante o homem. Pediu-lhe mais que o servisse de vinho numa sala separada, e ficou muitíssimo contente com o trato gentil da rapariga.

O contrato foi feito prontamente, sendo logo paga uma importância.

A rapariga ainda executou uma dança com acompanhamento de ótima canção, num traje ordinario, entre aplausos dos presentes.

Pouco depois, a canção denominada "Okii" e respectiva dança, se tornaram muito populares, não só entre os habitantes daquela

ilha, como também entre os commerciantes de Ôsaka, Okayama e Esashi, etc.

Uma noite, um grande negociante de Esashi chamara a menina para o seu banquete, e impressionado pela rara beleza da moça, quis possuí-la em troca de elevada soma de dinheiro. Todavia, Okii não era menina que se entregasse ao amor alheio.

Na terceira noite da festa, o commerciante, despertando-se por acaso de profundo sono, pouco depois da meia noite, surpreendeu a gueisha a lamber o óleo da lanterna doméstica, colocada à cabeceira do leito.

A gueisha, descoberto o seu grande segredo, com a fisionomia alterada, lançou-lhe um olhar terrível de indignação. Após um instante, porém, retomava a sua attitude habitual. Pediu ao commerciante que jamais revelasse o segredo, se o fizesse, perderia a vida.

O negociante passou o resto da noite tremendo de medo, e assim que amanheceu, ordenou que a sua embarcação levantasse ferro, rumo a Hokkaidô. Pensou seriamente sobre o caso tão extraordinario, durante todo o percurso de sua viagem. Mas, não resistindo, revelou, quasi ao fim da viagem, o occorrido, a um companheiro.

Poucos minutos depois da revelação, sur-

giram no céu uma espessa camada de nuvens que engolfou toda a embarcação.

Assim termina a célebre lenda. Dizem que a canção e a dansa de Okesa é a corrupção de Okii, nome daquela linda menina-gatinha.

O LENHADOR E A DEUSA

Vivia ao pé do monte Kongô, na Coréa, um pobre lenhador. Orfão muito cedo e sem mulher, pasava os seus dias melancolicamente, fazendo vibrar o seu machado nas matas.

Um dia, como sempre, o lenhador subira à montanha, com o machado ao ombro e se entregava ao trabalho quotidiano, quando surgiu diante dele um grande macaco. Este estava muito fatigado. O macaco pediu ao lenhador que o salvasse, visto como estava sendo perseguido por um caçador.

O lenhador, então, escondeu o macaco de baixo das lenhas que cortára. Daí a pouco, um caçador muito forte apareceu.

— Por acaso passou por aqui um grande macaco? — Perguntou o caçador ao lenhador, algo desconfiado. Mas o lenhador ocultou-lhe a verdade, dando-lhe uma indicação trocada. O caçador, ante a explicação do lenhador, apressou-se na falsa pista.

Alguns minutos depois, o macaco desem-

baraçado das lenhãs e com as mãos erguidas, agradeceu ao lenhador o seu acolhimento oportuno, e disse: — “Tu és o meu salvador; dar-te-ei uma recompensa. Venha amanhã, às 14 horas, ao lago, no cume do monte Kongô. Descerão do céu três deusas que tomarão banho no lago; então cortarás as asas de uma delas que, impossibilitada de subir ao céu, ficará em terra. Peças, então, que se case contigo. Ela consentirá nisso. Alguns anos depois terás um filho, mas não deves devolver as asas antes de possuíres três filhos. Então a deusa não mais voltará para o céu...”

O lenhador voltou à casa, ansiosamente; e esperou o amanhecer, sem poder dormir.

Era uma deusa, mas sabia tudo que uma mulher fazia na terra. Com o passar do tempo, ela veio a trabalhar na cozinha e até costurava. Era uma boa dona de casa. O lenhador, por sua vez, trabalhava ardentemente na montanha, satisfeito da vida. Enriqueceu muito e teve um filho. E a seguir outro. A deusa criava os dois filhos com grande carinho, mas, não casara com o lenhador por amor. Sentia saudades do céu, da terra celestial. Vivia de recordações. Entretanto, não podia regressar ao céu, porque o seu marido não lhe devolvera as asas. Mas servia bem ao seu marido. O lenhador tinha fé em sua mulher, depositando-lhe inteira confiança.

Enfim, o lenhador, um dia, entregou à mulher as duas asas. Julgava que a deusa rompesse as asas, afim de permanecer com ele, mas aconteceu ao contrário. Assim que recebeu as asas, a deusa depressa subiu ao céu com os dois filhos nos braços.

O lenhador ficou desesperado; e então pendeu compreender o que o macaco, cuja vida salvara, havia dito. O macaco dissera que a deusa podia subir ao céu com dois filhos, mas três era impossível. Mas quando se lembrou destas palavras, era muito tarde.

O lenhador viveu os últimos anos cheios de tristeza, lembrando-se de uma vida feliz com a deusa.

O PINHEIRO DE AKOYA

A três quilômetros ao sul da cidade de Yamagata, destaca-se a montanha Chitose, que se apresenta num lindo perfil. O pinheiro de Akoya a que vou me referir, está plantado ao pé dessa célebre montanha.

Antigamente ali vivia, segundo a lenda, uma linda rapariga que se chamava Akoya, filha de Fujiwara Chûnagon Toyomitsu, dignatario da côrte imperial.

Uma noite, quando estava tocando, como de habito, a sua harpa, chegou ao seu ouvido o soluço de um homem. Akoya, surpresa, indagou ao homem porque chorava e, à sua voz maviosa, respondeu o guerreiro muito simpático: — “Vim da Montanha Chitose...” — e, sorridente, nada mais disse.

Dessa noite em diante, aquele guerreiro aparecia silenciosamente e infalivelmente todas as vezes que ela tocava a harpa, escutava-a atenciosamente, apaixonado pela música; mas, numa noite, falou-lhe ao acabar o exercício:

— De amanhã em diante não poderei mais tornar a vir, e é pena! Akoya então perguntou-lhe o motivo da resolução inesperada. E ele explicou, chorando, que na verdade era ele a alma do pinheiro, crescido no cume da montanha Chitose, que tinha mais de mil anos e que se aproximava o seu fim. Pediu ainda a moça que rezasse por ele, e assim que proferiu essas palavras, desapareceu.

No dia seguinte, Akoya foi à montanha Chitose e viu que muita gente procurava derubar o velho pinheiro. Naquela época, segundo também a lenda, houve o melhoramento da ponte no rio Natori e o dito pinheiro serviu como material na obra.

O velho pinheiro acabava de cair ao chão, no momento em que se ouviu o ruído estranho. Akoya, lembrou-se da confissão do belo samurai; subiu à montanha e viu de perto derubado a machado um gigante e secular pinheiro. Segundo a declaração dos homens, não era possível removê-lo, parecendo estar enraizado na terra mesmo depois de derrubado, e atribuíam o fato ao espírito da árvore.

— “Meu saudoso pinheiro — disse Akoya, imaginando a figura adorável daquele homem — és tu que estás derrubado!”

Aproximou-se mais e, no mesmo momento, o pinheiro começou a mexer-se, bem como os

seus ramos e folhas, fazendo-se ouvir um som como o da harpa.

Akoya que atentamente observava tudo isto, recebeu um choque tão grande que resolveu se recolher num templo budista. Dizem que depois desse misterioso acontecimento, ela construiu um templo no sítio onde nascera o gigante pinheiro e que passou o resto de sua vida rezando por ele.

Existe hoje apenas um documento, no qual se verifica que Akoya morreu em 16 de fevereiro do 4.º ano da era de Keiun, correspondendo ao 109.º ano da era cristã. Por ordem superior, segundo o dito documento, fôra plantado outro pinheiro em substituição daquele, justamente onde havia o pequeno templo para indicar o lugar exato do seu túmulo, batizado com o nome de “Pinheiro de Akoya”.

Segundo a tradição, também se diz que o túmulo se encontrava no terreno pertencente ao atual templo de Banshōji e que se fizera levantar o antigo túmulo no pátio deste, ao lado de um novo monumento à Akoya.

Sanetaka Fujiwara, um dos notáveis poetas clássicos, que realizou uma peregrinação pelo interior do Império em apreciação às célebres localidades, pela história e pela beleza natural, declarou, no seu relatório apre-

sentado ao Imperador Ichijô (989-1011), que não havia encontrado o pinheiro de Akoya. Mas a lenda se transmitiu de gerações a gerações, até aos nossos dias.

O VENENO DO RIO

A região setentrional da ilha de Sado é conhecida, geralmente, pelo nome de Kaifu, onde ainda hoje os homens e as mulheres andam descalços nas montanhas, nos campos e nas praias. As mulheres outrora amarravam os cabelos com fino barbante feito de palha.

Katabe e Kanoura, duas vilas de pescadores onde se originou a lenda, estão situadas na parte oeste dessa região, tendo cada uma apenas umas trinta habitações, muito pobres.

Nas duas vilas encontram-se nas vias públicas "celtis sinensis" de troncos tortos devido ao forte vento que sempre sopra naquela região. Essas árvores apresentam manchas que se parecem com as pintas dos animais. Tem lindo aspecto. A enseada, bem larga, é ornada de pedras muito alvas, do tamanho de um ovo de galinha.

Entre Katabe e Kanoura, justamente no centro da enseada, desemboca o rio Nakano-gawa. As águas são tão limpas e claras que

qualquer pessoa pôde ver uma agulha no leito do rio.

Os que atravessam a ponte deste rio, sempre ouvem das estalagens, nas proximidades, uma lenda e uma canção folclórica. Aconselhava a lenda que se não bebesse a água desse rio, porque corria veneno, três vezes ao dia.

No alto desse rio, há uma parte do leito seca que, no verão, deixa crescer flores mimosas, de cor róxa, por entre as pedras. Os habitantes chamam-nas "Flores da donzela".

A história testemunha-nos um triste acontecimento, que serviu para o tema desta lenda:

Não se sabe exatamente quando se deu o fato a que vou me referir, mas, segundo a tradição, verificou-se no século medieval.

Numa noite de luar havia chegado, naufragada à costa, uma rica embarcação. Embora exposta à tempestade, ela conservava ainda o seu esplendor. Arribada à praia, desceu dela uma formosa donzela que caiu prostrada sobre as pedras brancas. Chorava com saudades da capital de onde partira. Soube-se mais tarde que se tratava da filha de um nobre residente em Kyôto, que, por motivo de amor, havia sido exilada para aquela ilha.

A rapaziada da ilha, desconhecendo a história, ia admirar aquela linda rapariga dia e noite, e consolava-a. A generosidade dos rapazes era tão grande que se ofereceram para

construir uma pequena casa na praia, a pesar dos protestos gerais. As mulheres sabiam bem que os rapazes facilmente se seduziam pela bela rapariga e, por essa razão, tomaram a linda rapariga como inimiga e confessaram ódio contra ela. E unanimemente concordaram em matá-la, fazendo-a desaparecer, de uma vez para sempre.

Assim começaram a maltratá-la com ódio indescritível, e injuriarem-na sem nenhuma consideração. A linda exilada suportou, de início, toda maldade, mas, desesperada, lançou-se no rio, pondo termo à vida.

Daí dizer-se que o veneno que corre, três vezes ao dia, no rio era o próprio sangue da suicida, e as flôres da donzela as suas lágrimas. A lenda diz mais que, por causa daquela maldade, é que nascem nessa região meninas feias!

OTAKA, DEUSA DO CANTO

O curso do rio Kamanashi atravessa as planícies da província de Kôshû. Nesse rio concertam, anualmente, a barreira os habitantes da redondeza. Desde há muito tempo a barreira tem a demarcação para indicar a parte destinada ao concerto a cargo de cada vila.

Durante a época do concerto, que se dava geralmente no verão, uns setecentos homens ali trabalhavam, desde cedo até a noite.

A história que se segue é de há duzentos anos aproximadamente.

Num certo ano, os rapazes que estavam de serviço ficaram aborrecidos com o árduo trabalho. E conversavam todos a respeito das moças. E, assim, a obra ficava parada...

Os dirigentes das vilas ficaram ansiosos por sua terminação até o outono. Pois, se inundasse a vila, não haveria colheita de cereais nem mantimentos para sustentar as famílias. Os chefes pensaram sériamente nos meios com que pudessem terminar, a tempo, a obra em questão. Entretanto, se se oferecesse

vinho para a rapaziada, a despesa ficaria enorme, o que era impossível. Pensaram em mil e uma cousas, até que descobriram um meio eficaz e econômico.

Numa aldeia, situada à margem do rio Kamanashi, habitava uma moça que se chamava Otaka, filha de uma pobre família. Era uma menina feia a que ninguém dava importância. A pesar disso, era inteligente e possuía uma voz maravilhosa.

Segundo a tradição, diz-se que até as nuvens na serra de Komagadake paravam para ouvir o seu canto mavioso, e os peixes do rio Kamanashi pousavam as barbatanas para escutá-lo. A tradição diz ainda que os dragões do templo de Kinwo ficavam doidos para ouvir atentamente o canto de Otaka, e os espíritos da montanha Yatsugadake choravam com o canto nostálgico da cantora provinciana.

Todos os chefes e conselheiros das vilas concordaram com a idéia: pedir a Otaka que cantasse e animasse os trabalhadores. Não havia outra sugestão melhor e fácil de se aplicar naquela ocasião.

Solicitada pelas autoridades, Otaka atendeu prontamente ao pedido e declarou, solitamente, que ia tomar parte também no serviço, para o bem da vila.

No dia seguinte, Otaka já trabalhava entre os rapazes no concerto da barragem. Como

de costume todos estavam conversando, quando uma bela canção partiu dentre um grupo de rapazes. As outras turmas, que supunham que aquela maviosa canção vinha do céu, se puseram a ouvir, curiosos.

Que bela voz! Ficaram extasiados por alguns minutos e, depois, animados com o canto misterioso, trabalharam, segundo o ritmo musical. Quando se deixou de cantar, era já tarde e se verificava ter-se feito um trabalho quasi duplo, o que deu motivo a grande contentamento dos chefes. Obtiveram dessa maneira o resultado almejado, e os rapazes trabalharam sem sentir cansaço.

Diariamente, Otaka animava-os. Os rapazes esperavam-na impacientemente pela manhã, como se esperassem um anjo, e prestavam-lhe honra e respeito.

Numa ribanceira existia um velho e secular pinheiro, cuja sombra podia abrigar muita gente, mas ninguém mais a procurava. Todos cediam a sombra a Otaka, a deusa do canto, e permaneciam ao sol canicular. Em pouco uma canção tornava-se popular:

*Vão às ribanceiras
Do rio Kamanashi;
Vejam o pinheiral
Que é de Otaka,
Natural de Nendo.*

A fama se espalhou célere pela província de Kôshû, e fora dela. Dentro de poucos dias, muita gente vinha de longe para ouvir o canto de Otaka. O espetáculo tornava-se cada vez maior.

Mas os chefes do serviço decidiram, numa reunião, afastá-la do trabalho. Ela atendeu, com a gentileza com que atendera ao primeiro pedido.

Não se ouvia mais aquela bela voz, o que causou desespero aos rapazes que se queixaram aos chefes dizendo: — “Cruéis, não queremos trabalhar sem ela!” E declarou-se greve geral. Assim, os chefes novamente ficaram numa situação angustiosa.

*“Se Otaka de Nendo
Não voltar mais,
Estas vilas ficarão
Para sempre nas trevas”.*

Esta canção também muito apreciada pelo povo, expressa a angústia de então.

Os rapazes andaram a procurá-la, porém, nunca mais a acharam. Bateram nos tambores, tocaram os sinos pelas montanhas e pelos campos, mas todo o esforço foi em vão.

“É muito natural que não a encontrásemos na terra, porque ela é a encarnação de Konohana-Sakuya-hime” — dizia um velho, sarcasticamente.

O HAGOROMO DE MIHO

A estação ferroviária de Okitsu está situada à distância de 109 milhas ao sul da capital do Império. Logo que sai daquela estação, o trem atravessa o terreno do famoso templo Seiguenji, à margem da enseada de Kiyomigata, vendo-se do outro lado, estendida como uma faixa, a praia de Miho, célebre pelo seu pinheiral. Aí existe um templo shintoísta, consagrado ao príncipe Mihotsu-Hikono-Mikoto e à princesa Mihotsu-Himeno-Mikoto. Na sua vizinhança encontra-se um relicário chamado “Relicário de Hagoromo”, que se diz ser verdadeiro lugar onde se desenrolou a bela história de um anjo.

Um dia, Hakuryû, o pescador, andava a procura de um logarejo para a pesca à linha, na praia de Miho, encantado com a belíssima paisagem, quando ouviu uma música misteriosa que vinha do céu e um perfume envolveu-o instantaneamente.

O pescador ficou extasiado por alguns mo-

mentos e achou pendurado no pinheiro, perto dele, uma bela roupa de penas. Aproximando-se verificou que não era objeto vulgar. Ia levá-lo, a fim de mostrar aos velhos camaradas e conservá-lo consigo como uma relíquia, quando ouviu uma voz feminina declarando que era sua aquela roupa.

Então, apareceu diante dele, um anjo que lhe reclamava a propriedade, entabulando-se dessa maneira a conversa:

O anjo pedia ao pescador que colocasse de novo, no pinheiro, aquela roupa, mas o pescador teimava em não devolvê-la.

Impossibilitado de subir ao céu sem asa, o anjo ficou muito triste e chorou copiosamente.

O pescador vendo-o chorar, compadecido, disse-lhe que devolveria a roupa, se o anjo exhibisse uma dança com acompanhamento de música, que seria executada por si mesmo. O anjo prometeu-lhe executar a dança celestial que, sómente no palácio da Lua, se executava, como lembrança de sua visita à terra; mas que, para executá-la, precisava reaver a roupa, e pediu então ao pescador que a devolvesse prontamente. Mas, o pescador tinha receio de que o anjo subisse ao céu, sem cumprir a promessa, caso lh'a entregasse.

O anjo insistiu novamente que não tivesse dúvida na promessa, porque jamais enga-

nara alguém. Nessa altura o pescador envergonhou-se da sua má fé e devolveu ao anjo o manto de penas, alegrando-o muito. O anjo então, cumprindo a promessa, executou a dança celestial, subindo em seguida ao céu.

Este esboço de lenda é tirado da música de Hagoromo que, literalmente, significa "O manto de penas".

Da mesma originam-se outras lendas, com pouca diferença da outra.

Num antigo documento, sob o título de "Descrições sobre lugares célebres de Tókaidô", acha-se a seguinte narração a respeito:

"Existe no pinheiral da praia, um alto pinheiro que se denomina "O pinheiro de Hago-romo". Há muito tempo, um anjo havia descido à terra para se divertir e, enquanto tomava banho no mar, deixando o seu vestido de penas no pinheiro, um pescador que, por acaso passava por ali, tirou-lhe o vestido, impossibilitando assim que ele voltasse ao céu.

O anjo teve que permanecer com o pescador por algum tempo numa pobre casinha, mas, aproveitando de um momento oportuno, reaveu o seu manto de penas, subindo para a sua casa celestial".

Quasi todas as lendas concordam em que um pescador obteve o manto de pluma de um anjo; o anjo pedira-lhe a devolução, mas não lho devolveu; por consequência, contra sua

vontade, conviveu com o pescador, e aproveitando-se de uma oportunidade, reheu o manto e vôou para o céu.

Este é um exemplo das lendas de Hago-romo. O fundo pitoresco das belas paisagens, das lagoas e dos mares que a lenda narra, nos revela que há qualquer conexão com a lenda do cisne, e o banho do anjo deve ser o ponto principal dessa conexão.

O ROMANCE DA VIA LACTEA

Das numerosas festas tradicionais que o Japão celebra anualmente, destaca-se a de Tanabata, tecedora da Via Lactea, a mais romântica.

As vilas e cidades do interior, no dia 7 de julho, pelo calendario lunar, se enfeitam de bambús, com dezenas de tiras de papel colorido que lhes são amarradas, fixados nos telhados e jardins das casas.

As tiras de papel unidas ao bambú, em regra, são de cores diferentes, como sejam o azul, o verde, o vermelho, o amarelo e o branco.

Em cada uma se escreve um poema em homenagem à Tanabata e ao seu noivo Hikoboshi. Depois da festa, os bambús são atirados à correnteza do rio mais próximo.

Para compreender a significação dessa festa tradicional é preciso conhecer a lenda acerca dessas divindades, em cuja honra se celebra, mesmo na Côrte Imperial.

Um grande deus tinha uma filha, que era

a tecedora Tanabata-tsume, gentil e encantadora. Muito romântica, pensava como qualquer outra criatura num casamento feliz.

Um dia, diante do seu tear, colocado à porta de sua moradia, viu passar um rapaz, conduzindo um boi, e de quem logo se enamorou. O pai, adivinhando o desejo que sua filha alimentava secretamente, consentiu que se casasse. Casados, enfim, os dois dominados pela paixão, descuidaram de seus misteres quotidianos perante o deus supremo. Jamais se ouvia o som da lançadeira, e o boi vagueava desprezado pela planície.

O pai indignado com o procedimento do casal, ordenou que daí em diante vivessem separados, com a Via Lactea entre eles, permitindo verem-se apenas uma vez por ano, no 7.º dia do 7.º mês.

Nesse dia o céu deveria estar bem limpo e os pássaros improvisariam uma ponte delicada com suas asas sobre o rio, para permitir o "rendez-vous" anual; mas, quando chovesse, o rio celestial transbordaria, tornando-se tão largo que impossibilitaria a formação da ponte. Por essa razão, ainda que fosse o 7.º dia do 7.º mês, ficariam impedidos de se encontrar durante um ou dois anos, em virtude do mau tempo.

Os seus amores, porém, eram imperecíveis e eternamente pacientes, e ambos cumpriam

os seus deveres quotidianos, na esperança de uma felicidade duradoura.

Imaginavam os antigos que a Via Lactea constituía um rio luminoso, daí chamar-se Rio Celestial, a corrente platina.

Segundo os escritores, Tanabata, a tecedora é a Lira, e o guarda do boi, Aquila, do lado oposto da galaxia. Mas seria mais correto dizer-se que ambos são representados à imaginação, pelo grupo de estrelas.

Num antigo livro denominado "Zatsuwa-Shin", diz-se que essas deidades eram de origem terrestre.

Dizem também que eles reverenciavam a lua, em cada noite clara; depois do por do sol, esperavam ansiosamente para vê-la subir. E, quando ela começava a esconder-se, os dois subiam até o alto da colina, perto de sua casa, a fim de melhormente fitarem as próprias faces, ainda que distantes. E choravam juntos, quando a lua desaparecia.

Segundo a lenda, a mulher morrera aos noventa e nove anos, e sua alma subira ao céu nas asas de uma pêga, transformando-se em estrela.

O marido, que tinha então cento e três anos de idade, para aliviar sua máguia, fitava sózinho a lua. Uma noite de estio, porém, ela, — agora imortalmente bonita e moça, — desceu do céu nas asas do pássaro, para visi-

tar o marido, causando-lhe grande alegria; e ele, por sua vez, pensou na bemaventurança de tornar-se estrela, para poder juntar-se à saudosa esposa.

Enfim, o marido também subiu ao firmamento, levado pelas asas de um corvo, e lá se tornou numa estrela. Entretanto, não podia juntar-se à sua mulher imediatamente, como era do seu desejo, porque o rio celestial em que o Senhor do céu tomava banho diário, impedia a sua marcha.

O Senhor do céu, porém, no 7.º dia do 7.º mês, anunciava-se para ir ouvir o sermão das doutrinas de Buda, e então os pássaros faziam a ponte, estendendo suas asas à flor da água.

Ainda outra versão:

Narra uma história que, há muitos anos, uma mulher de rara beleza visitou a residência de um lavrador próximo de Izumo, e ensinou à sua única filha a arte de tecer, que não era conhecida. Certa noite, a bela e estranha mulher desaparecera, e o povo soube que tinham visto a tecedora do céu.

A filha do lavrador tornou-se célebre na arte de tecer. No entanto, ela não mais se casara, porque tinha visto o companheiro de Tanabata-sama.

Mais outra versão chinesa:

Um pouco vaga, na verdade, mas deliciosamente contada a respeito de um homem que

visitara a terra celestial. Ele observara que, cada ano, durante o 8.º mês, a balsa de uma árvore preciosa flutuava em direção à praia onde ele vivia, e quis saber onde aquela árvore cresceria.

Então alugou um bote, com provisão para uma viagem de dois anos, e partiu em direção ao lugar donde costumava vir a balsa.

Durante meses e meses, viajou sempre em mar calmo, e chegou, enfim, à praia onde cresciam árvores maravilhosas. Amarrou o bote e caminhou na terra desconhecida, até chegar à beira do rio, cujas águas brilhavam como prata.

Na margem oposta viu um pavilhão, e nele uma encantadora mulher que, sentada, estava tecendo. Ela era branca como a luz da lua, e em torno dela tudo brilhava. Nesse momento, viu também aproximar-se um lindo lavrador que conduzia um boi para a praia. Perguntou então ao lavrador o nome daquele lugar e do país. Mas, por ser uma pergunta muito tola, este respondeu-lhe, em tom severo: "Se você quer saber o nome deste lugar, volta para onde veio e pergunte a Gen-Kum-Pei". Então o viajante, sentindo-se amedrontado, apressou-se em voltar ao seu bote, e regressou à China.

Depois de muito procurar, encontrou o sábio Gen-Kum-Pei, a quem contou a aven-

tura. Gen-Kum-Pei bateu palmas num gesto de admiração e espanto, exclamando: — “Foi Você, hein! No 7.º dia do 7.º mês, eu estava contemplando o firmamento, quando o guarda-boi e a tecedora se aproximaram, mas entre eles vi também a nova estrela e julguei-a hóspede. Homem felizardo! Você esteve no Rio Celestial e viu a face da tecedora...”

Dizem que o encontro do guarda-boi com a tecedora pôde ser observado por qualquer pessoa que tenha boa vista, porque, muitas vezes, aparecem e essas estrelas queimam-se em cinco côres diferentes. É essa a razão das ofertas de cinco côres que se fazem à Tanabata e dos poemas compostos em sua homenagem, escritos em papel de cinco côres diferentes.

Como dissemos, o par amoroso podia encontrar-se sómente em bom tempo, com céu claro e límpido. Se houvesse um pouco de chuva na 7.ª noite, o Rio Celestial alargava-se e os amantes precisariam esperar outro ano que os favorecesse. Portanto, a chuva que, por acaso, caísse na noite de Tanabata, era chamada “Namida no Amé”, a chuva das lágrimas, ou chuva dos teares.

Quando o firmamento estava limpo e claro na 7.ª noite, os amantes se sentiam felizes e as suas estrelas podiam ser vistas com prazer. Se a estrela Kengyû então brilhasse vivamente, haveria na terra grande colheita de arroz

em outubro, e se a estrela Shokujo aparecesse mais brilhante do que de costume, haveria dias prósperos para as tecedoras, e para toda a indústria feminina.

Alguns sábios japoneses dizem que a palavra Tanabata foi originariamente composta dos termos “Tane” (semente ou grão), e “Hata” (o tear), atribuindo-se esse nome à deidade que preside à agricultura e à indústria.

Bem antes, porém, a lenda da tecedora, parece ter sido bem conhecida no Japão, porque se sabe que, na 7.ª noite do 7.º ano de Yorô (723), o poeta Yamagami no Ôkura fazia já um verso aludindo à mesma.

*“Amanogawa,
Ai-muki tachité,
Waga koishi
Kimi kimasu nari
Himo-toki makina!”*

(Ele vem vindo, o meu amor por quem esperei tanto tempo, para encontrá-lo nas beiras do rio celestial... O momento de libertar meu cinto é a noite).

Devidamente explicaremos a última frase que cogita de costume encantador, cuja menção é feita na literatura mais antiga do Japão. Os amantes, antes de partirem, desejavam

unir o cinto ("himo"), de cada um, e empenhavam-se para deixar o nó dele intáto até o momento de seu proximo encontro.

Parece que a festa de Tanabata, pela primeira vez, celebrada no Japão há mais de mil cento e cincoenta anos, na Côrte Imperial. E depois pelas classes nobres e armadas de toda parte, que seguiram o exemplo imperial; e, a tradição de celebrar-se a festa das estrelas estendeu-se, gradualmente, às classes baixas.

As cerimônias na Côrte Imperial eram mais protocolares; todos os detalhes se encontram no "Koji Kongen", com ilustrações explicativas.

Na noite do 7.º dia do 7.º mês, as esteiras eram estendidas no Seiryôden do Palácio Imperial, sobre as quais colocavam-se quatro mesas de oferendas às deidades-estrelas.

Além das oferendas, que constituíam habitualmente de frutos, havia vinho, incenso, vasos contendo flores, a harpa, a flauta e as agulhas de cinco olhos com cinco côres diferentes.

As lâmpadas a óleo, de lacre preto, eram colocadas ao lado das mesas.

Em outra parte do terreno, era colocada uma tina de água para refletir a luz das estrelas de Tanabata, e as senhoras da Côrte Imperial tentavam enfiar a agulha, ilumina-

das por esse reflexo. Quem obtivesse bom resultado assegurava um ano muito feliz.

Os nobres da Côrte (kugué) eram obrigados a fazer certas oferendas à Corte Imperial no dia da festa. O carater dessas oferendas e a maneira de sua apresentação eram fixados por decreto.

Essas oferendas eram levadas ao palácio, em bandejas, por uma dama coberta de véu, em traje cerimonial, protegida ainda por um guarda-sol vermelho, sustentado pelo ajudante de ordens.

Na bandeja colocavam-se sete "Tanzaku" (tiras de papel para escrever os poemas); "Kadzu folhas" (Pueraria Thunbergiana); sete "Suzuri" (tinteiro à japonesa); sete fios de "Sômen" (macarrão nacional); quatorze pincéis para escrever, e um maço de "Yam-leaves", arranjado à noite, regado pelo orvalho.

No terreno do palácio, a cerimônia dava início à hora do Tigre, — quatro horas da madrugada. Então os tinteiros eram limpos cuidadosamente, antes de se preparar a tinta-nanking que usavam para escrever os poemas, e cada um se colocava sobre a "Kadzu-folha". Um maço de "Yam-leaves" regado era então colocado sobre todos os tinteiros de pedra, e com o orvalho preparada a tinta.

Toda a cerimônia parece ter sido copiada

daquela tão em voga na côrte chinesa, na época do Imperador Ming-Hwang.

Depois do shogunato de Tokugawa, o dia em que se festejava a Tanabata se tornou realmente feriado nacional, e o costume popular de ligar "Tanzaku" de diferentes côres ao bambú cortado na véspera, na celebração, data sómente da éra de Bunsei (1818).

Antigamente, o "Tanzaku" era feito de papel caríssimo e as cerimônias aristocráticas tinham sido menos expansivas do que protooculares; porém, ao tempo do shogunato de Tokugawa manufaturou-se papel muito barato em várias côres. Dessa maneira a festa tornou-se menos dispendiosa.

Os costumes populares concernentes à festa diferenciam uns dos outros, segundo a localidade, mas, em todo caso, faz a gente lembrar-se dos aspectos da vida feliz nos tempos feudais.

Na hora do Tigre, na 7.^a noite do 7.^o mês, toda a gente ainda fica acordada, óra entregando-se à limpeza dos tinteiros, óra preparando os pincéis para escrever os poemas.

No jardim da residência colhia-se o orvalho das "Yam-leaves", folhas sagradas. Este orvalho era chamado "Amanogawa no Suzuki" (gotas do Rio Celeste), e se usava para preparar a tinta nanking para escrever os poemas, que se ligavam ao bambú plantado no jardim.

Era costume presentear os amigos com novos tinteiros. Cada membro da família, então, escrevia poemas.

Os adultos faziam versos em homenagem às deidades-estrelas, e os meninos declamavam ou improvisavam versos.

A petizada, impossibilitada no manejo dos pincéis, traçava no "Tanzaku" o carater duma simples palavra ou frase que se relacionasse com a festa.

No jardim se plantavam dois bambús cortados no momento, com os ramos e folhas; o bambú masculino (Otoko-daké) e o bambú feminino (Onna-daké) com a distancia de um metro e meio um do outro e numa corda estendida entre eles pendiam-se papéis cortados e os negalhos de linhas, todos em cinco côres.

Os papeis cortados representavam o "Kimonono" que é traje externo. Nas folhas e nos ramos atavam-se os "Tanzaku" nos quais escreviam diversos poemas.

Sobre a mesa, posta entre os dois bambús ou em frente deles, colocavam vários vasos contendo ofertas para as deidades, como os descritos. Mas o costume mais curioso, em relação à festa, era o "Némunagashi".

Antes de amanhecer, a rapaziada costumava ir ao rio, levando consigo maços de folhas de uma árvore de nome "Nemurigui" e

de feijão-soja misturados, e tudo atiravam na correnteza, cantando:

*"Nému wa, nagaré yo!
Mamé no ha wa, tomaré!"*

Esta ode pôde ser explicada de duas maneiras, porque a palavra "Nemú" pôde ser tomada no sentido de "Nemuri" (o sono) ou de "Nemuri-gui" ou "Nemunoki", a "Sleep-plant" (mimosa); entretanto a sílaba "Mamé" como se escreve em "Kana" (alfabeto japonês), pôde significar "feijão-soja", "Fava", "Atividade", "Vigor" ou ainda "Saúde", etc.. A esta cerimônia simbólica o significado intencional da canção era a seguinte:

*"Como um sonho, flutuem
Folhas saudáveis eternamente!"*

Depois, toda a rapaziada lançava-se na água para tomar banho, em obediência ao deus, a quem pedia indulgência para o ano que vinha, e manter-lhes as forças vigorosas.

Foi provavelmente em Yedo (atualmente Tókyo) que a festa de Tanabata assumiu os seus aspectos mais pitorescos.

Durante dois dias, — 6.º e 7.º dias do 7.º mês — celebrava a cidade a festa, apresentando-se como uma grande e longa alameda de

bambús bem frescos, com os poemas ligados a eles, e fixos nos telhados das casas.

Outra feição característica da festa em Yedo era a procissão de crianças, que, por toda parte, levavam os bambús, atados de tiras de papel onde se liam poemas. Em cada bambú também se ligava uma placa vermelha na qual se escreviam, em caracteres, os nomes das estrelas de Tanabata.

Em toda parte, durante o shogunato de Tokugawa, a festa era deliciosa para o povo de todas as camadas sociais, e começava com a ostentação das lanternas antes de amanhecer, continuando até à noite seguinte.

Os jovens, moços e moças, vestiam os seus melhores trajés e faziam visitas aos amigos e vizinhos.

A lua no 7.º mês era chamada "Tanabata-zuki" ou a "Lua de Tanabata". Era também chamada "Fumi-tsuki" ou "Lua de letras", porque, durante este mês, o povo fazia poemas em qualquer lugar, em homenagem aos apaixonados celestes.

"Manyôshû", que é uma grande compilação de poemas, completada no começo do século VII, por ordem imperial, possui muitos poemas dedicados a essas divindades-estrelas.

O número de poemas que a "Manyôshû" contém é superior a 4.000; alguns são odes longas, conhecidas por "Naga-uta", mas a

maioria é a “Tan-ka” — composição limitada a trinta e uma sílabas.

As primeiras “Tanka” foram compostas por Yamagami no Ôkura, governador da província de Chikuzen, há mais de mil e cem anos, e poderão rivalizar com alguns dos mais lindos epigramas da Antologia Grega.

Embora a lenda de Tanabata seja originária da China, nada encontramos dos costumes chineses, nas antigas composições, que revessem essas festas.

Elas representam a poesia clássica mais pura, livre da influência estrangeira, e nos oferecem elementos para reconstituir a vida japonesa de há mil e duzentos anos.

Relembremo-nos de que elas foram feitas antes de qualquer iniciativa literária européia, e todo o mundo fica ainda admirado da pequena alteração que a língua japonesa sofreu no decurso de tantos séculos!

Com exceção de algumas palavras obsoletas e ligeiras alterações de pronúncia, o povo japonês de hoje é capaz de compreender esses trabalhos remotos da musa nativa, como os ingleses pouca dificuldade terão de ler os poetas da época de Elisabeth.

Ademais, o refinamento e o encanto simples das composições de “Manyôshû”, nunca foram ultrapassados, e raramente tem sido

igualados pelos poetas japoneses daquele tempo para cá.

Tanabata-tsumé ainda é para nós a esposa japonesa, encantadora e venerada; e, Hikoboshi, um jovem marido do século VI ou VII.

Às vezes, no silêncio das noites transparentes, muito antes de desaparecer a lua, o encanto da tradição nos domina.

Então por mais tempo contemplamos esse Círculo de Cosmos, cujas centenas de milhões de raios iluminam o abismo, como também o Amanogawa — o Rio Celeste.

Treme a corrente resplandecente, as névoas pairam ao longo da borda, e as ervas nas águas inclinam-se sopradas pelo vento outonal.

Vê-se então Orihimé, branca, sentada, no tear brilhante (estrelado), e o boi, que o pastor vigia, pouco adiante; e sabemos que o orvalho caído é a escuma do remo do guarda do gado. O firmamento parece estar muito perto da gente, e o silêncio em torno é cheio de amor imperturbável, imutável, sempre moço.

No Japão antigo, supunha-se, geralmente, que o encontro do par significava boa sorte para os mortais. Ainda hoje, em muitas partes do país, as crianças cantam a canção na noite da festa de Tanabata, — “Tenki ni nari!” (Oh! o tempo seja claro!). Na província de Iga, a rapaziada também canta uma canção

zombeteira na hora suposta do encontro dos amantes:

*"Tanabata ya,
Amari isogaba
Korobubeshi!"*

"Oh! Tanabata, se Você se apressa demais, escorregará". Mas, na província de Izumo que é distrito chuvoso, crêncça contrária predomina, e pensa-se que, se o céu esteve claro no 7.º dia do 7.º mês, a desgraça virá logo. A explicação desta crêncça é que, se as estrelas se encontrarem, nascerão dessa união muitas deidades que afligirão o país com seca e outras calamidades.

F I M

INDICE

Prefácio de Afranio Peixoto	5
A Festa do Carrega-Pedra	9
A colhedora de kakis	21
O escultor de máscaras	29
Romance no mar	39
O barco Talan-Maru e a senhora do Juiz de Paz	45
O cortezão e as sete irmãs	53
A imagem de Santa Maria	59
Dois irmãos índios	65
A rocha da Casa Branca	71
O amor de uma Musumé	77
Os amores de Setona	83
O segredo do castelo	91
As flores vermelhas da montanha Kongô	97
Os cabelos louros	103
A noiva do polvo	107
Sakuta, o Buda	111
Taketori-Monogatari	115
O dragão	121
Uma melodia sentimental de Kashima	131
Owaka	137
A ilha Kameshina	141
A baleia	147
A Lagoa	153
Mamunha de Ninfa	155
Os sacos de ouro	157
A lua nova	165
Canção de Okesa	169
O lenhador e a Deusa	175
O pinheiro de Akoya	179
O veneno do rio	183
Otaka, a Deusa do Canto	187
O hagoromo de Miho	191
O romance da Via Lactea	195

Com os cumprimentos do Consul Geral de Sphae em S. Paulo

hist

PO
12
28